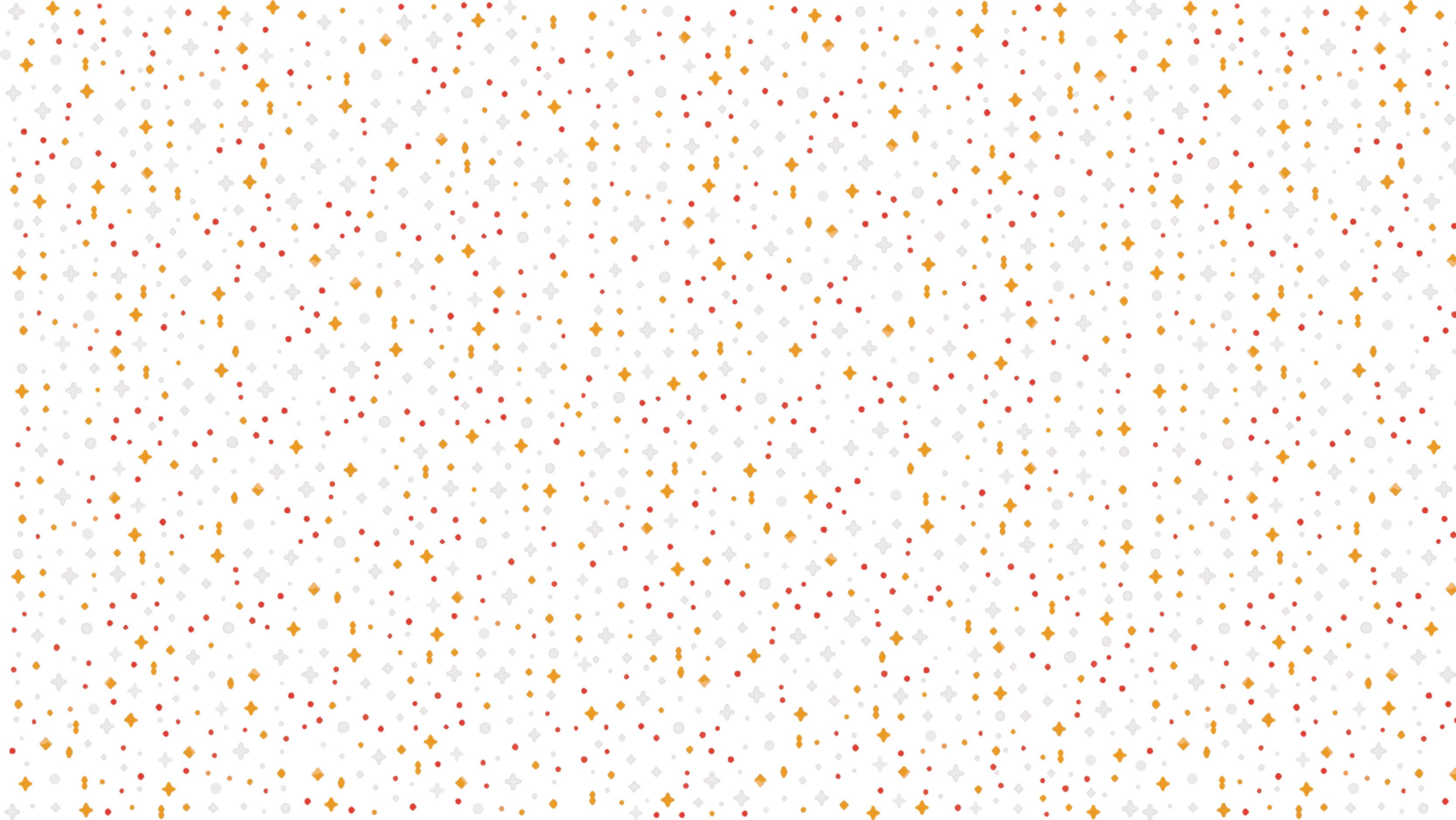


ARQUITETURA DO
ESPECTÁCULO:

A CONSTRUÇÃO DE UMA
CIDADE CENOGRÁFICA PARA
UM FESTIVAL DE MÚSICA

Anderson Guedes Dantas
Orientador: Daniel Andrade



Anderson Guedes Dantas

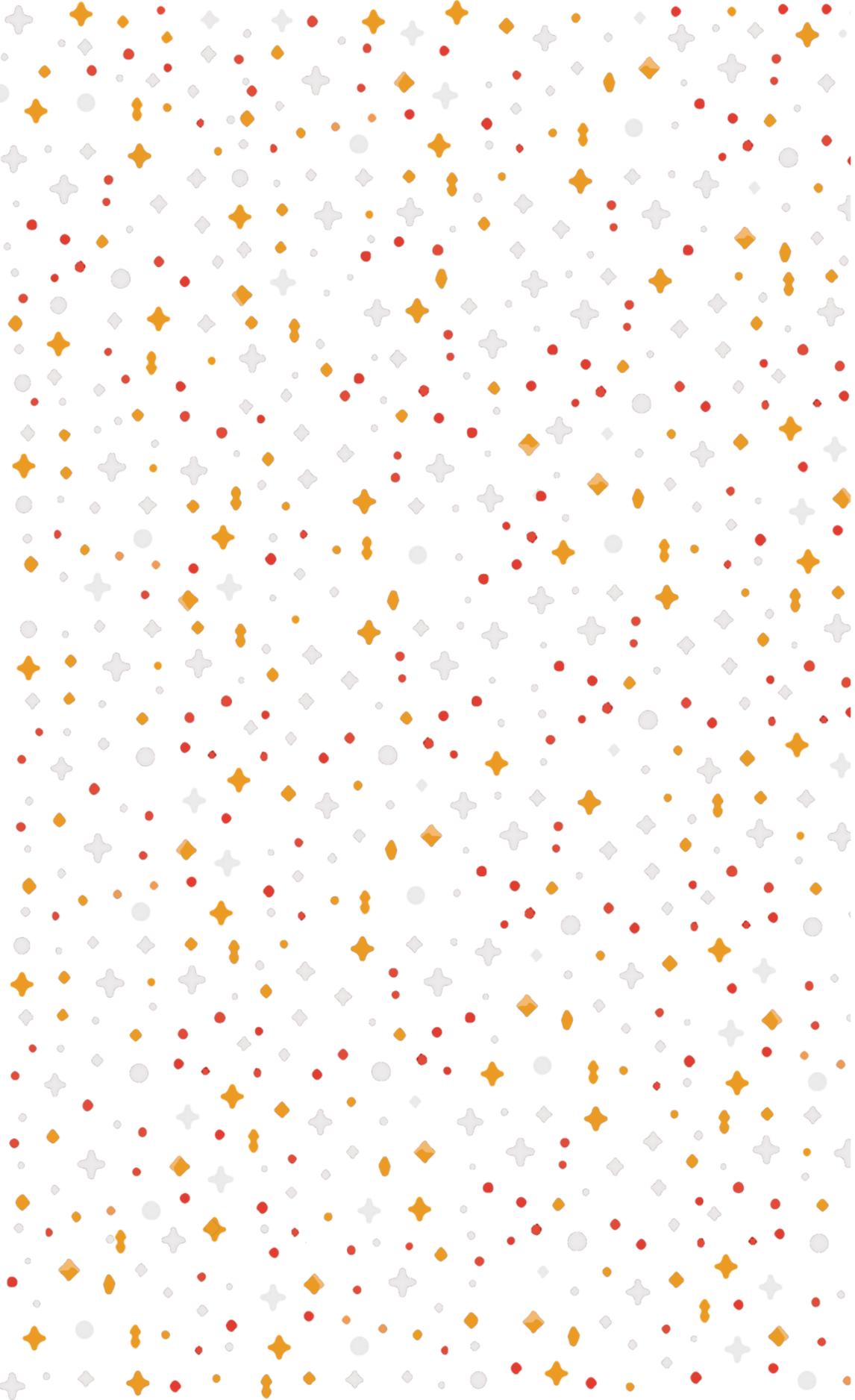
Orientador Daniel Paulo de Andrade Silva

A R Q U I T E T U R A D O
E S P E T Á C U L O :

**A CONSTRUÇÃO DE UMA
CIDADE CENOGRÁFICA PARA
UM FESTIVAL DE MÚSICA**

João Pessoa

Maio 2024



Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade
Federal da Paraíba como requisito
para obtenção de título de
bacharel em Arquitetura e
Urbanismo, realizado sob a
orientação do Professor Dr. Daniel
Paulo de Andrade Silva.

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

D192a Dantas, Anderson Guedes.

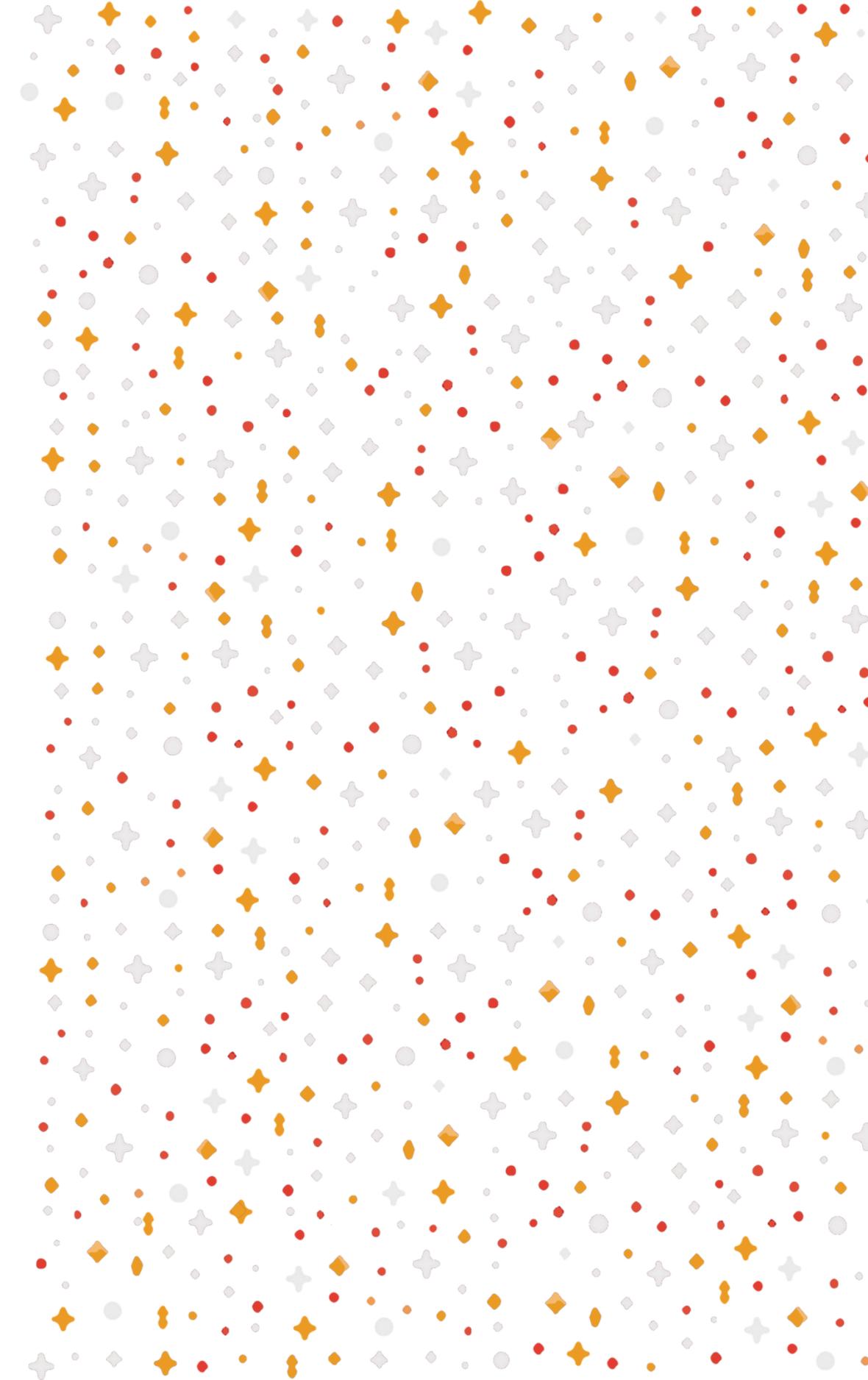
Arquitetura do Espetáculo: a construção de uma
cidade cenográfica para um festival de música /
Anderson Guedes Dantas. - João Pessoa, 2024.
123 f. : il.

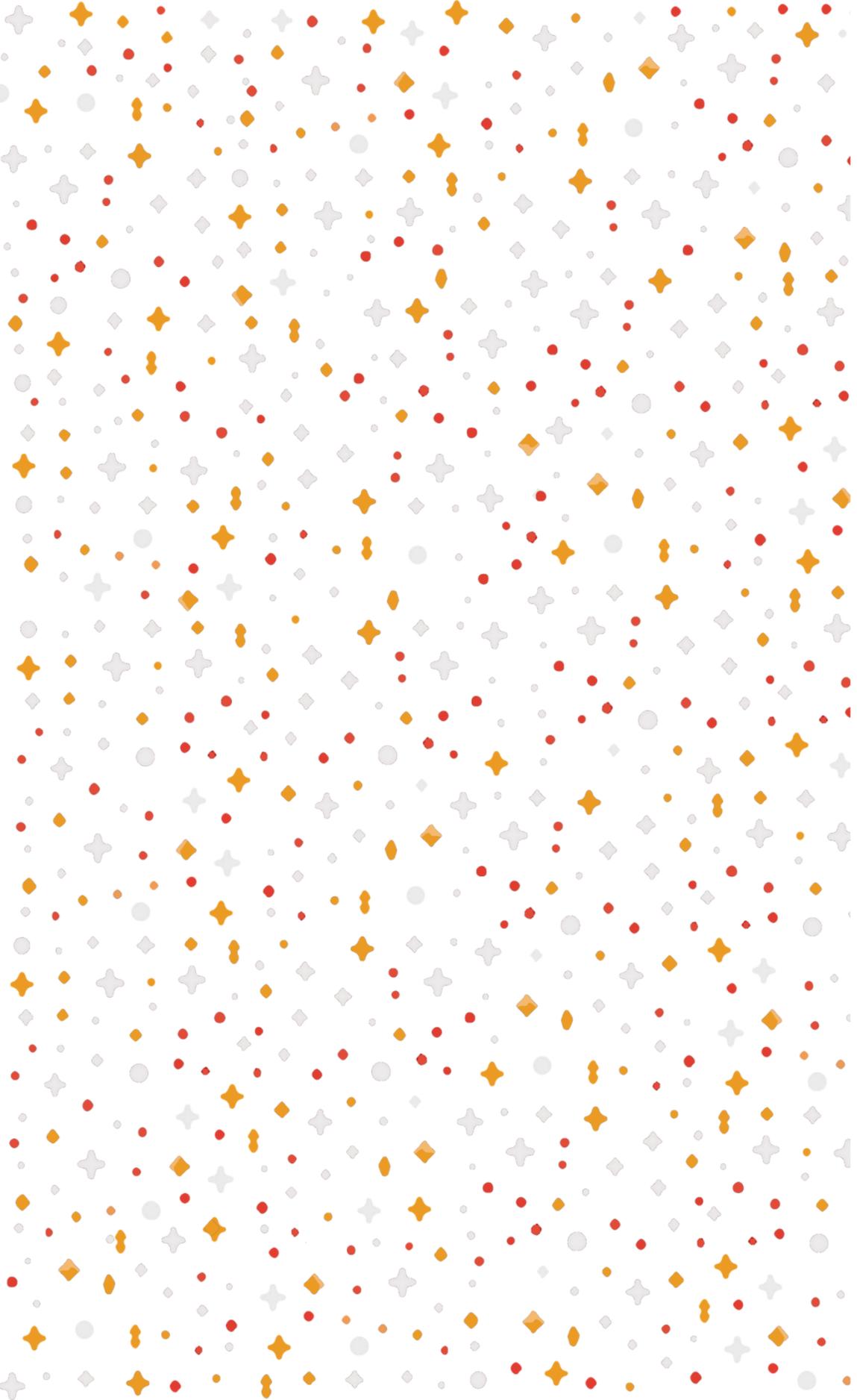
Orientação: Daniel Paulo de Andrade Silva.
TCC (Graduação) - UFPB/CT.

1. Arquitetura Efêmera. 2. Arquitetura do
Espetáculo. 3. Cenografia. 4. Festivais de Música. 5.
Cidades Temporárias. I. Silva, Daniel Paulo de Andrade.
II. Título.

UFPB/CT/BSCT

CDU 72:711(043.2)





**A R Q U I T E T U R A D O E S P E T Á C U L O :
A CONSTRUÇÃO DE UMA CIDADE CENOGRÁFICA
PARA UM FESTIVAL DE MÚSICA**

Banca Examinadora

Prof. Dr. Daniel Paulo de Andrade Silva

Orientador

Prof. Me. Ilton da Costa Souza Filho

Avaliador Interno

Arquiteta Me. Maria Botelho Lima

Avaliadora Externa

Agradecimentos

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, pois sei que passei para o curso com a ajuda dEle.

Agradeço também a minha família por todo o suporte que tive até o presente momento, por serem minha base, principalmente a minha mãe que desde sempre fez de tudo por mim para que eu realizasse os meus sonhos.

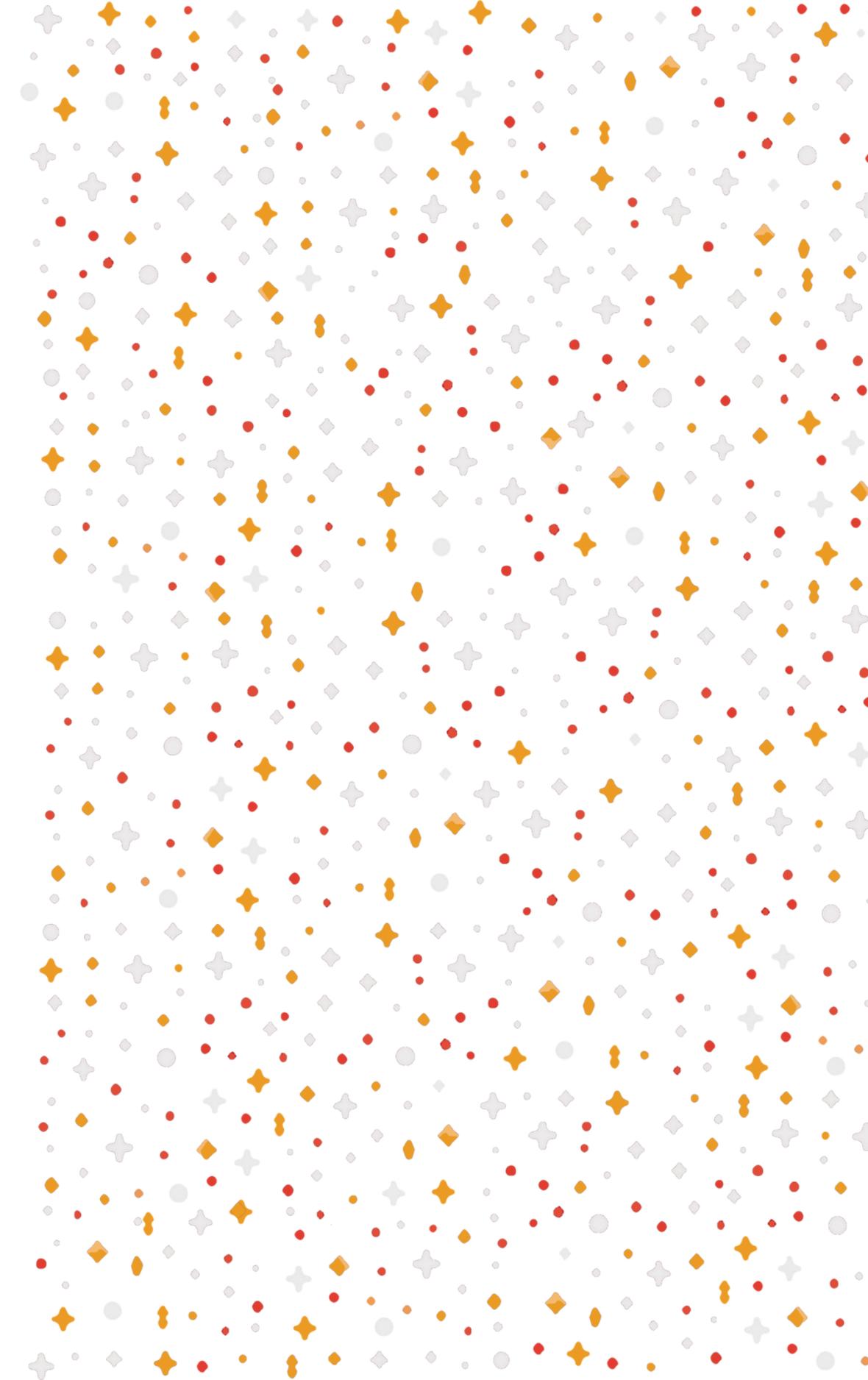
Queria agradecer ao meu orientador Daniel, primeiro por topar um tema tão diferente e novo assim, segundo por toda a paciência e todas as orientações, contribuições e também por todas as conversas extras classes, indicações de livros e filmes, mas também por ter sido o melhor professor de projeto que tive durante a graduação.

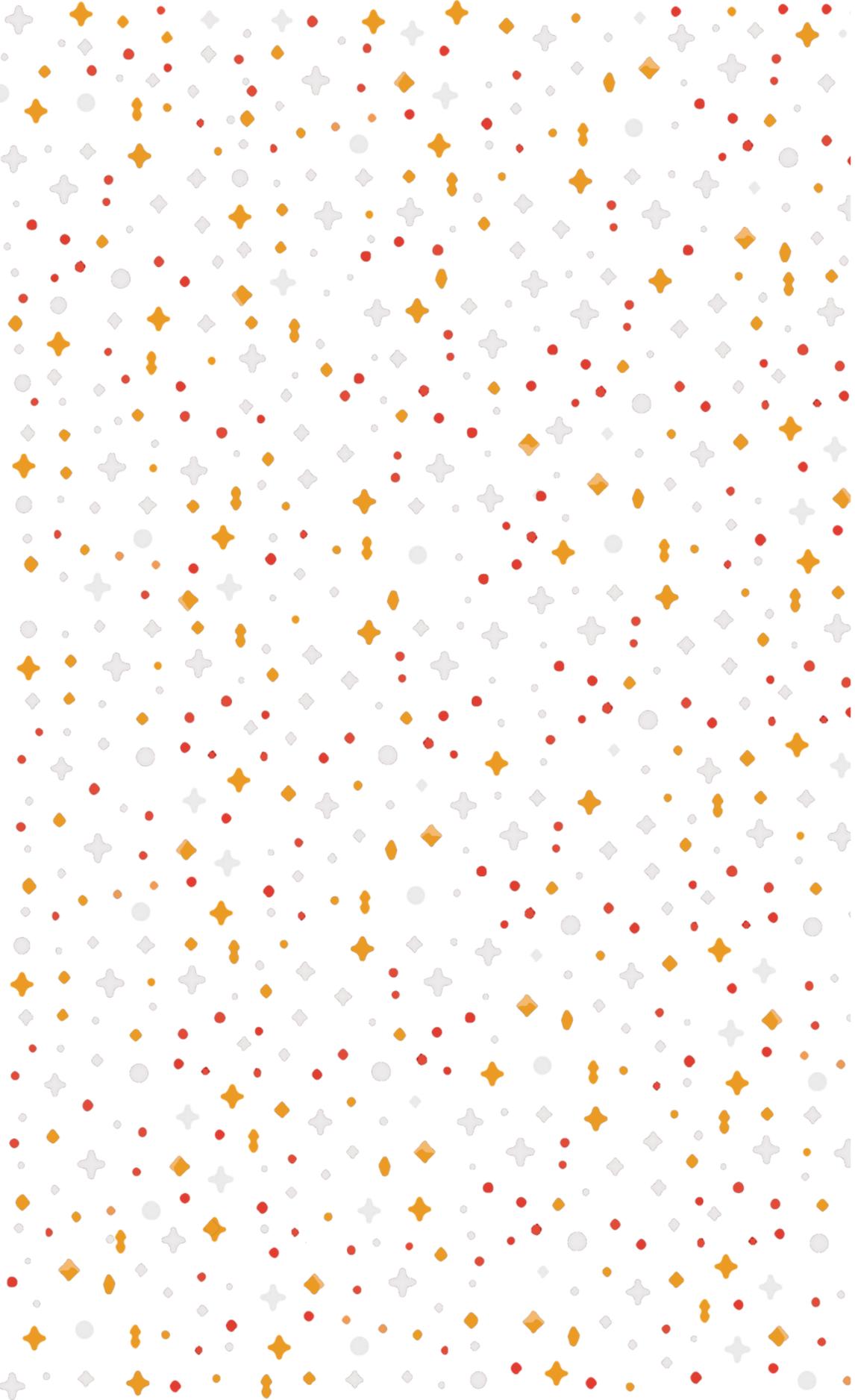
Obrigado a todo o corpo docente do curso de Arquitetura e Urbanismo que contribuíram para a minha formação!

Queria agradecer aos queridos amigos que fiz durante o curso e me ajudaram a permanecer, que estiveram juntos diante dos surtos, das noites viradas, mas que também trouxeram muitas risadas e tornarem o processo mais leve. Obrigado Lucas, Tito, Victor e Fernanda!

Queria agradecer aos amigos e equipe do Lacesse que também foram fundamentais para minha formação, em especial a Bruno, Vitória e Bruna.

E obrigado também aos meus amigos Matheus, Júnior, Estela e Victor, por estarem sempre ao meu lado me apoiando.





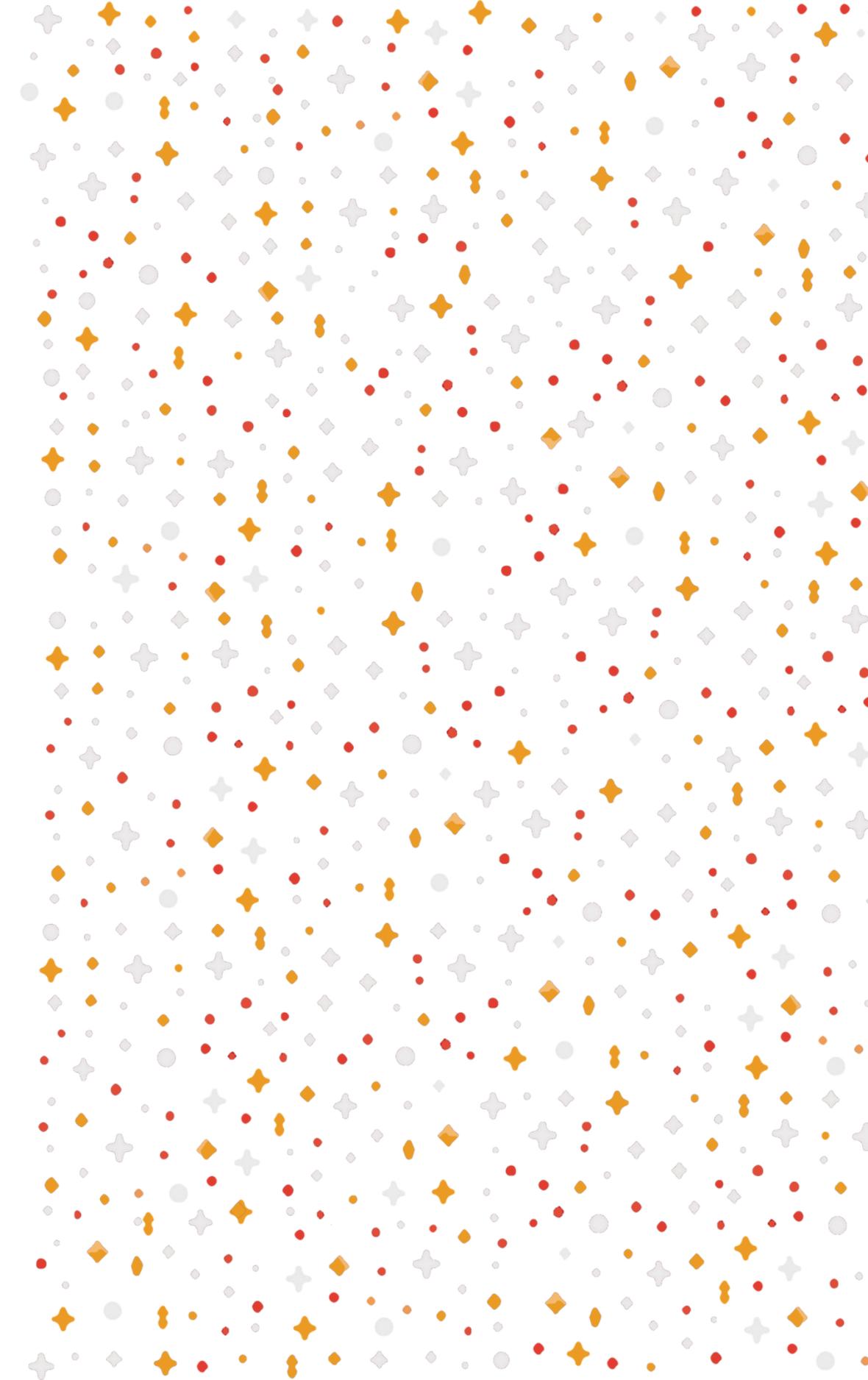
*Take the moment and taste it
You've got no reason to be afraid
You're on your own, kid
Yeah, you can face this
You're on your own, kid
You always have been*

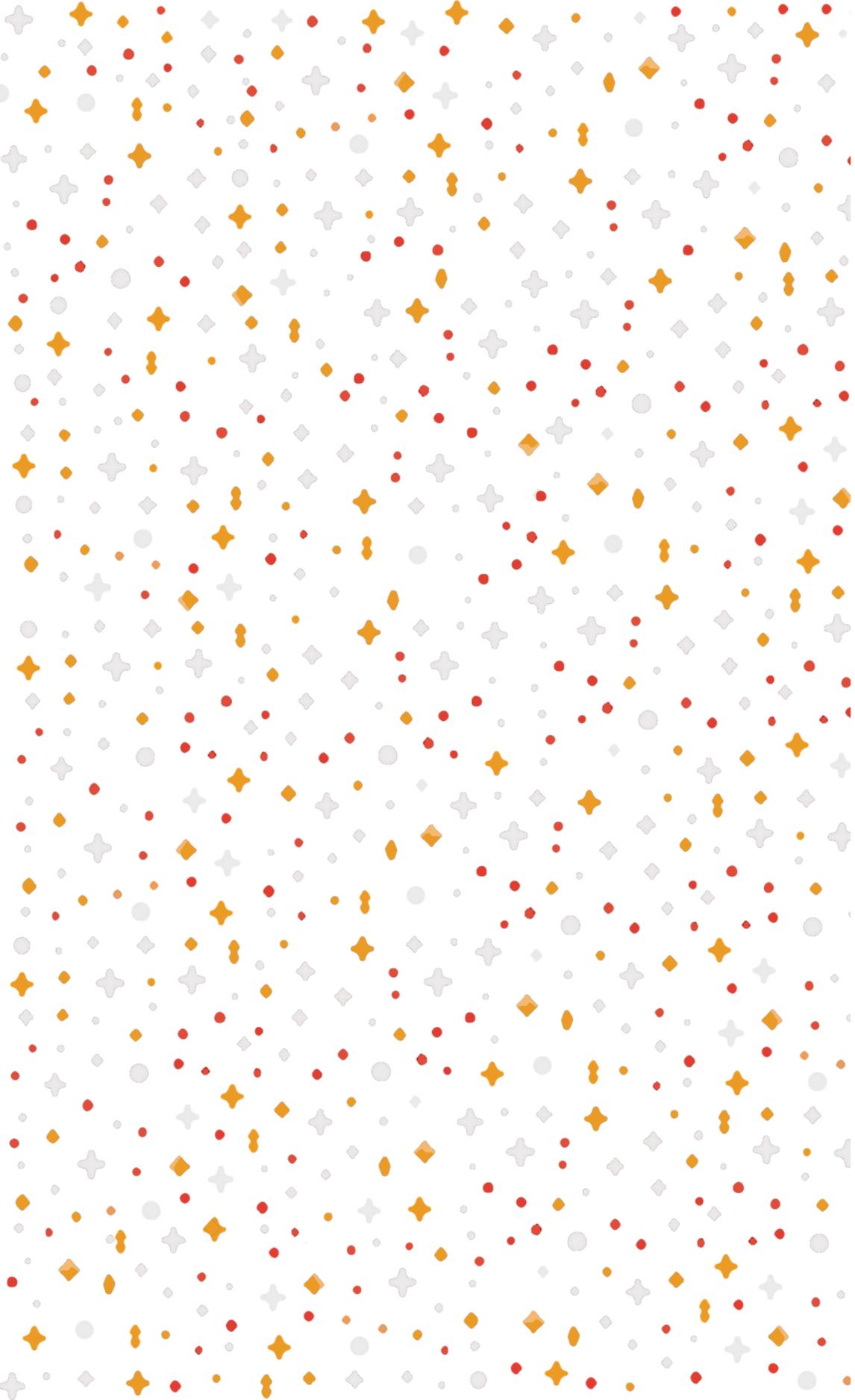
***You're On Your Own, Kid,
- Taylor Swift***

Resumo

Diante das transformações da sociedade, a cenografia deixa de estar apenas dentro do teatro e ganha a dimensão urbana, abrangendo o campo dos festivais de música, no qual funcionam como cidades temporárias. Com isso, a arquitetura enquanto arte e técnica que expressa os valores e visa atender as necessidades humanas pode colaborar significativamente com a concepção de um festival de música, no qual estes espaços, já têm se tornado cada vez mais um laboratório, um lugar de experimentação e de exploração criativa arquitetônica. Desta forma, este trabalho tem como objetivo elaborar uma proposta de um ensaio cenográfico para um festival de música para a cidade de João Pessoa – PB. Foi evidenciado que a narrativa e o conceito são o ponto-chave para o processo de projeto destes espaços, visto que eles foram a base de todo o projeto, no qual, a partir da experimentação e exploração com painéis semânticos e croquis, foram idealizadas as propostas e só então partiu para a modelagem. Além disso, este trabalho surge de uma carência de estudos sobre a temática, dessa forma, poderá ser utilizado para a construção de outras pesquisas na área.

Palavras-chave: Arquitetura Efêmera. Arquitetura do Espetáculo. Cenografia. Festivais de Música. Cidades Temporárias.





Sumário

01	<i>Apresentação</i>	10
02	<i>A Teoria</i>	17
03	<i>Os Festivais</i>	37
04	<i>O Terreno</i>	51
05	<i>O Conceito</i>	58
06	<i>O Festival</i>	63

ENTENDENDO O
ESPETÁCULO

01

APRESENTAÇÃO

A sociedade e seus hábitos de consumo estão em constante evolução acompanhando as mudanças que ocorrem no mundo, sejam elas nos meios de comunicação e/ou nos avanços tecnológicos. Segundo Del Nero (2009, p. 287) **“A criação de novos conceitos cenográficos e a tecnologia requerida para eles abriram, e muito, o âmbito da ação cenográfica, indo mesmo além de seu próprio berço: o teatro”**. Com isso, pode-se afirmar que as definições sobre cenografia também se transformaram, ampliando a sua atuação e não mais a restringindo apenas aos palcos do teatro.

Em seu trabalho, Cohen (2007, p. 81) aponta alguns fatores que levaram a cenografia para além do teatro. Segundo a autora:

Este deslizamento da práxis cenográfica - do teatro para outras áreas do entretenimento - materializa-se em duas frentes de atuação: de um lado a manutenção de um mercado consumidor ávido pelo consumo dos mais diversos bens e novidades; de outro lado a consolidação da cenografia como linguagem da comunicação, investida de autenticidade plástica (conferida pelo caráter erudito do teatro) e cujos atributos simbólicos são manejados em função de narrativas expressivas que visam atender a múltiplas dramaturgias.

Se entendemos que o berço da cenografia é o palco (do teatro) e o tomarmos como referência, Del Nero (2009, p. 289) diz que **“Quase todo e qualquer espaço é palco.”** e Martins (2021, p. 07) afirma que a **“Arquitetura Efêmera é entender a Cidade como um palco”**. Dessa forma, é possível afirmar que a cenografia também atinge a escala urbana. Assim, se o cenário tem como uma de suas características qualificar espaços (Silva, 2021), a cenografia pode atuar como um agente qualificador do espaço urbano a partir de suas diferentes atuações, como, por exemplo, os festivais de música.

Com a saída dos concertos para a rua, abandonando o estrito enquadramento da boca de

cena, e com crescimento dos festivais para uma escala urbana, o público reafirma-se como participante fundamental – tal como são participantes todos aqueles que circulam e dão vida a uma cidade. Nesta sequência, os festivais inserem-se na dimensão da cenografia urbana, existindo como cidades temporárias onde os seus habitantes se dispõem a ser mais permeáveis a nível sensorial e emocional, com intensidade acrescida, recriando grande parte da urbana exterior. Todavia, estes estão plenamente conscientes do que é ou não cenografia.

Mais do que apenas ver, eles desejam experienciar e questionar o ambiente onde se inserem, consentindo poder à imaginação. Esta maturidade do público traduz-se numa exigência adicional no arquitetar o espaço e ainda que a resposta venha a ser mais autêntica e concreta. (Graça, 2016, p. 45), 2016, p. 45)

Se partimos do entendimento de que a arquitetura é uma arte, entretanto também uma técnica que expressa os valores e visa atender as necessidades humanas, é válido dizer que ela pode participar e colaborar significativamente para a concepção de um festival de música (Graça, 2016).

A pandemia do COVID – 19 resultou no isolamento social por quase dois anos. As pessoas foram obrigadas a ficar em suas casas e adaptar as suas atividades a essa nova realidade por medidas de segurança. Diante dessas questões, o setor de eventos foi drasticamente afetado, pois não havia previsão de quando as festas poderiam retornar a acontecer. Com o término do isolamento social, as pessoas gradualmente começaram a se reunir novamente, resultando também na retomada dos festivais de música. Nesse sentido, é possível dizer que além de agirem como uma resposta a necessidade de se realizar novamente atividades culturais fora de suas casas, os festivais servem também como uma forma de reenergizar a sociedade.

O divertimento (pressuposto da festa), é uma rápida fuga da monotonia cotidiana do trabalho pela sobrevivência [...] ao fim de cada cerimônia, de cada festa, os indivíduos voltariam à “vida séria” com mais coragem e disposição. A festa (como o ritual) reabasteceria a sociedade de “energia”, de disposição para continuar. (Amaral, 1998, p. 27-28).

Apesar dos festivais serem eventos temporários, eles impactam diretamente nas economias locais devido ao grande fluxo de pessoas na cidade. Segundo Clark (2015), esse valor pode ser de 10.000 a 90.000

pessoas em um único final de semana a depender do porte do evento, resultando numa busca maior por hospedagem, restaurantes, bares, entre outros empreendimentos. Ele fala sobre os impactos das edições do Coachella e Stagecoach no ano de 2012, mostrando que os dois movimentaram cerca de 245 milhões de dólares para a economia da cidade de Indio, Califórnia, além da criação de 3.000 empregos temporários. Além disso, Clark (2015) também revela que nos três finais de semana do Coachella Valley, os hotéis da região tiveram um aumento entre 20 a 30% de lucro.

O grande atrativo do público de um festival de música são os artistas musicais, mas na era das redes sociais onde há uma busca maior, pelos

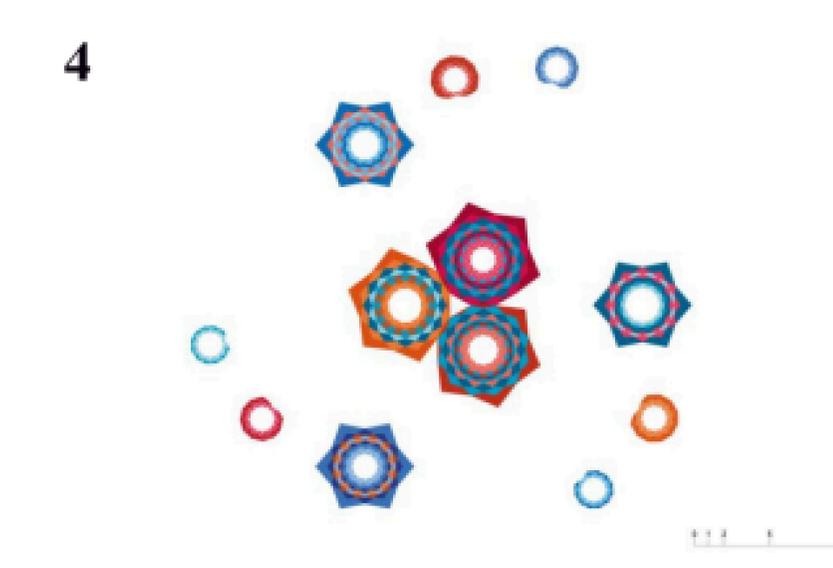
aspectos estéticos e conceituais, cada vez mais a cenografia desses eventos têm se tornado um fator atrativo. Diante disso, os festivais têm se tornado cada vez mais um laboratório, um lugar de experimentação e de exploração criativa para muitos profissionais, inclusive os arquitetos.

Isso já pode ser evidenciado com a participação de grandes escritórios de arquitetura ou arquitetos renomados pelo mundo em grandes festivais internacionais, a partir de instalações efêmeras como a de Francis Kéré, vencedor do prêmio Pritzker de 2022, no Coachella Valley Music and Arts – EUA em 2019. Sarbalé ke, é uma instalação que faz referência direta aos baobás que são árvores do seu país de origem e conta com 12 torres

cônicas, com diferentes alturas, revestidas de telas iluminadas.



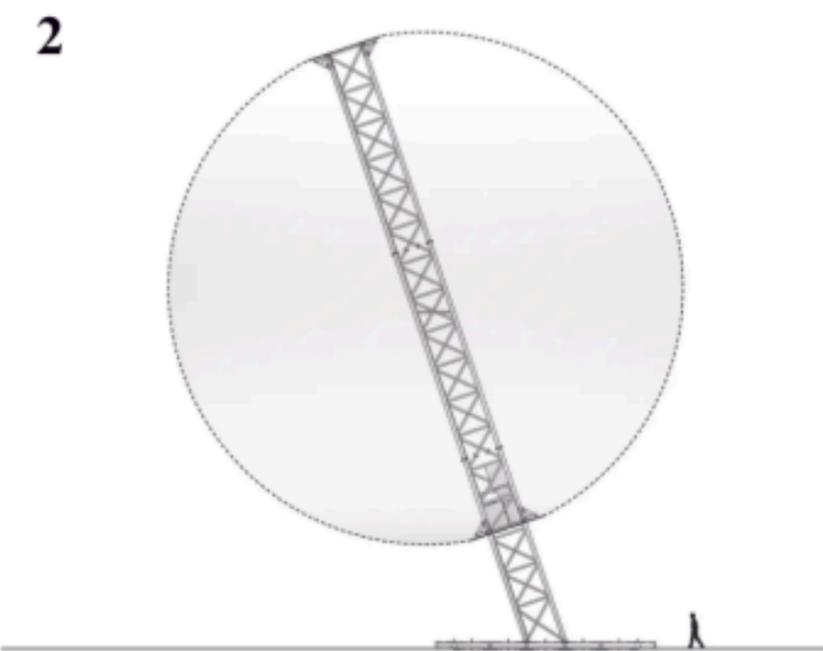
Fonte: 1 e 3 – Iwan Baan, 2019; 2 e 4 – Francis Kéré, 2019



Outra instalação que pode ser mencionada é a ORB, uma esfera reflexiva de 25 metros de diâmetro, projetada por Bjarke Ingels e Jakob Lange do escritório Bjarke Ingels Group (BIG), para o Burning Man - EUA em 2018 (Overstreet, 2022).

A cidade de João Pessoa - PB é uma cidade rica em suas belezas naturais, sendo esse um fator atrativo para turistas na maior parte do ano, porém há uma maior procura pela cidade no período próximo ao final/início do ano, onde o verão está presente e há o período de férias de muitas pessoas.

Nessa mesma época, no mês de janeiro, acontece no município de Cabedelo, região metropolitana de João Pessoa, dois festivais de música



Fontes: 1, 2 e 3 - BIG, 2018; 4 - Tom Stahl, 2018.

bem consolidados: o Fest Verão Paraíba (17 anos) e o Verão Lovina (7

anos), onde ambos focam, principalmente, em artistas do forró e sertanejo. Com isso, percebe-se a ausência de grandes festivais de música em João Pessoa, uma vez que os maiores festivais da região acontecem numa cidade vizinha.

A cidade de João Pessoa é sede do Campus Festival (11 anos), que apesar de ser um evento multicultural, teve como objetivo servir como uma plataforma de integração entre estudantes e projetos universitários, mas que encerrasse com atrações musicais, sendo essa uma característica forte para o público. Ao se olhar para a sua evolução e a programação da edição de 2023, nota-se que o evento agora passa a ter apenas a parte de shows,

concretizando-se como um festival musical.

Os estados vizinhos como Pernambuco e o Rio Grande do Norte possuem alguns festivais consolidados e com gêneros musicais bem diferentes dos encontrados em João Pessoa, como o No Ar Coquetel Molotov (20 anos) e o WeHoo (4 anos) em Recife - PE; o Festival Música Alimento da Alma - MADA (25 anos) e o Festival DoSol (20 anos).

Diante do entendimento de que os festivais de música são um tipo de cenografia e que esta é uma disciplina onde os arquitetos também podem atuar, há a necessidade de levantar algumas questões: como se dá o uso da arquitetura efêmera nos festivais

de música? Qual o pode ser o papel do arquiteto na produção de shows e festivais de música? E como um festival de música pode transformar o espaço urbano do seu entorno imediato?

Justificativa

Diante desta contextualização, fica nítido a existência de uma demanda por eventos musicais na cidade. Desta forma, o trabalho consiste em uma proposição de um novo festival de música, bem como a preparação de um espaço dedicado a esse tipo de evento e o seu projeto cenográfico. Para além de atrair mais turistas para a cidade, a ideia é proporcionar à população local acesso a shows de artistas que, muitas vezes, não se apresentam no estado. Além da motivação pessoal do autor, entende-se como uma importante contribuição o estudo e a proposição teórica da construção de uma cidade cenográfica para um festival de música na cidade de João Pessoa, Paraíba.

Objetivo

Cenografia para um festival de música na cidade de João Pessoa/PB.

Objetivo Geral

Elaborar uma proposta de um ensaio cenográfico para um festival de música.

Objetivos Específicos

1. Pesquisar sobre as estruturas utilizadas em festivais de músicas relacionadas com o conceito de arquitetura efêmera.
2. Compreender como acontece o processo de produção cenográfica de

festivais e como o arquiteto se encaixa nessa produção.

3. Investigar quais são os impactos de festivais de música no seu entorno.

02

A TEORIA

2.1. Cenografia e Espetáculo

2.1.1. Cenografia e a mudança no perfil de consumo

2.1.2. Os festivais como lugares de consumo e experiências

2.2. Cenografia e Arquitetura

2.2.1. Cenografia para além do teatro

2.2.2. O efêmero e a possibilidade de experimentação

2.3. Espetáculo e Arquitetura

2.3.1. Os festivais e o espaço urbano

2.1.

CENOGRAFIA E ESPETÁCULO

2.1.1. Cenografia e a mudança no perfil de consumo

Para se iniciar este trabalho é necessário entendermos que a cenografia não é uma mera decoração, ela não se resume apenas a um plano de fundo colocado para o show aconteça, ela é uma arte integrada, composta por um conjunto de elementos como formas, linhas, volumes, cores e luz (Dias, 1999). A arte é utilizada para proporcionar experiências aos espectadores, provocando os seus sentidos, gerando memórias e sensações de pertencimento e identificação. Ela é pensada, possui narrativa, uma história contada a partir de detalhes propositais com a intenção de gerar uma emoção no público.

Cenografia não é apenas um signo que denota e conota um ambiente e/ou uma época, ou que informa um espaço, configurando-o: a boa cenografia é a que participa também da ação narrativa, que não é apenas algo externo a ação, decorativamente, mas que se identifica até com o estado psicológico dos personagens ou o ambiente da cena. Como o nome está dizendo, a cenografia é uma escritura da cena, é uma escrita não-verbal, icônica, que deve imbricar-se nos demais elementos dramáticos, trágicos ou cômicos. (Pignatari, 1984, p. 72)

A cenografia, assim como os meios de comunicação passaram por transformações oriundas das revoluções que aconteceram nos séculos passados, podendo hoje em dia ser associada a um lado comercial, visto que, muitas empresas se utilizam dela como estratégia de marketing para comunicar a imagem da sua marca e produtos. Com isso, podemos dizer que na atualidade, a cenografia também é vista como uma **“ferramenta comunicativa para uma sociedade habituada ao consumo dos bens, materiais e simbólicos, seja ele de produtos, de conceitos, de lazer e cultura ou ainda, de estados de prazer”**. (Cohen, 2007, p. 115). Desta forma, a cenografia não se transformou em outra coisa, ela apenas acompanhou a evolução do espetáculo, do qual ela sempre esteve

entrelaçada.

Considerado em sua totalidade, o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos –, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade. É a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e o consumo que decorre dessa

escolha. Forma e conteúdo do espetáculo são, de modo idêntico, a justificativa total das condições e dos fins do sistema existente. O espetáculo também é a presença permanente dessa justificativa, como ocupação da maior parte do tempo vivido fora da produção moderna. (Debord, 2005, p.14-15)

Para Silva (2021, p. 21) **“a cultura de consumo vigente se destaca por sua capacidade de construir universos em torno de mercadorias e assim, a cenografia se apresenta como um meio de criar ambientes voltados para o consumo de experiências e produtos”**. Esse pensamento reafirma que a cenografia não se resume apenas a uma linguagem artística, ela

também tem sua importância como instrumento comunicativo da cultura de consumo, pois a partir da representação do sonho e realidade, ativa os processos de comunicação de uma sociedade habituada ao consumo de bens materiais e simbólicos (Cohen, 2007).

Um fruto desses processos de mudanças da cultura de consumo é a criação dos festivais de música. Eles **“emergem como formato de sucesso no entretenimento contemporâneo, como consequência, principalmente, do desenvolvimento de um modelo social que estimula a busca por bens e serviços através do consumo”** (Oliveira, 2017, p. 02). Diante dessa maior procura pelo consumo de experiências e vivências que gerem conexões emocionais, com isso, os festivais, assumem **“um papel**

importante em uma sociedade que privilegia o consumo de experiências em detrimento da compra de registros musicais em uma estante” (Oliveira, 2017, p. 17).

2.1.2. Os festivais como lugares de consumo e experiências

Os festivais de música são lugares de encontro e têm o potencial de atrair pessoas de diferentes lugares, inclusive de outros estados e até mesmo países, para se fazerem presentes no evento. Isso acontece, devido ao desejo e expectativas que estes eventos geram no seu público alvo, uma vez que eles, são atmosferas que permitem a celebração da música e a experiência coletiva (Oliveira, 2017).

Cenas musicais fulcrais na contemporaneidade, os festivais são encarados como espaços de sociabilidades, espaços de descoberta, de exposição/ afirmação do eu, espaços de partilha de modos de estar face à música. São, por isso, momentos altamente valorizados por grande parte dos seus públicos, que procuram perpetuar as sensações desencadeadas pelos festivais, não só estando presentes nas várias edições de um mesmo festival, como também fazendo o seu próprio ‘roteiro de festivais’ (frequência de diversos festivais nacionais e internacionais). Desta forma,

podem ler-se os festivais como importantes constituintes do estilo de vida moderno, urbano, jovem e esclarecido e também como espaços de 'consumo total', onde estão evidenciadas as diferentes esferas de reprodução social. (Martins, 2021, p. 46)

A experiência do festival se inicia antes do dia do evento. Para o público, ela começa desde a espera pela compra dos ingressos numa fila física ou virtual, depois a compra das passagens e reserva da hospedagem. Passando então para a chegada ao local do evento, se permitindo viver toda atmosfera da cidade temporária tem a oferecer, seja as ativações das marcas, a diversão nos brinquedos do

parque, poder conhecer pessoas novas, chegando ao ápice: os shows do seu/s artista/s (ou banda/s preferida/s) em meio aos gritos eufóricos, lágrimas e sorrisos, resultando no êxtase da realização de um sonho e a sensação de pertencimento a algo maior do que ele mesmo. Ou seja, "a experiência da participação num festival e o ambiente que proporciona, atribui ao festivaleiro um sentimento de pertença ou ligação a um universo maior que ele próprio". (Farinha, 2012, p. 38).

A ambiência que o festival promove, propícia de possibilidades, emerge como algo plural que não se restringe apenas à música, mas a tantas outras manifestações capazes

de igualmente satisfazer o desejo do público, cujos gostos e comportamentos são sumariamente construídos e influenciados por novas dinâmicas que, ao mesmo tempo que oferecem a ele uma grande quantidade de produtos, torna a satisfação de seu consumo mais efêmera. Para tanto, é através do seu próprio espaço de acontecimento que permite, ao público, prolongar sua experiência que extrapola um consumo objetual da música. (Oliveira, 2017, p. 104)

Diante da complexidade e multiplicidade de atividades e shows oferecidos em um festival, faz-se

necessário pontuar que, além da experiência coletiva, os festivais proporcionam diversas experiências individuais, uma vez que o público tem a autonomia de escolher o que consumir e vivenciar entre as muitas ações que estão ocorrendo ao mesmo tempo. Por exemplo, a experiência de uma pessoa que chegou ao local, correu direto para ficar mais próxima do palco e ver o seu artista preferido de perto será diferente daquele que andou por todo o lugar, participou das ativações dos patrocinadores e assistiu ao show mais ao fundo. E assim, é **“nesse contexto que os festivais de música ao vivo emergem como formato de entretenimento de grande apreço”** (Oliveira, 2017, p. 103).

2.2.

CENOGRAFIA E ARQUITETURA

2.1. Cenografia para além do teatro

A ideia central desse capítulo é apresentar diferentes visões e termos adotados para caracterizar a cenografia, enfatizando aqueles que se aproximam do tema central deste trabalho, ou seja, os festivais de música.

Os principais autores encontrados que abordam o avanço da cenografia para outras dimensões além do teatro, chegando aos festivais são: Cohen (2007), Silva (2021), Duarte (2007) e Martins (2021). A ordem dos autores foi organizada diante do entendimento que Silva (2021) se utiliza das ideias de Cohen (2007), enquanto Martins (2021) usa Duarte (2007).

Como já pontuado no capítulo anterior, um dos fatores que levou a cenografia para fora dos palcos do teatro é a mudança do perfil de consumo moderno ligado diretamente ao consumo da cultura. Entretanto, outro ponto que deve ser considerado é a respeito dela como uma linguagem de comunicação que pode ser utilizada para atender diferentes atividades em diversas escalas.

Este deslizamento da práxis cenográfica - do teatro para outras áreas do entretenimento - materializa-se em duas frentes de atuação: de um lado a manutenção de um mercado consumidor ávido pelo consumo dos mais diversos bens e

e novidades; de outro lado a consolidação da cenografia como linguagem da comunicação, investida de autenticidade plástica (conferida pelo caráter erudito do teatro) e cujos atributos simbólicos são manejados em função de narrativas expressivas que visam atender a múltiplas dramaturgias. (Cohen, 2007, p. 81).

Em seu trabalho, Cohen (2007) classifica em quatro grupos e os chama de possibilidade de intervenção cenográfica ou cenografias possíveis, sendo eles: 1. do palco (teatro, ópera, dança, música, seja ela erudita ou popular), 2. da

câmera (TV, cinema, publicidade), 3. do espaço sócio-cultural (exposições de arte e carnaval) e 4. do espaço comercial (estandes, desfiles de moda, vitrines, eventos e festas). Dentro dessas classificações, o enfoque será dado no grupo referente ao espaço comercial, visto que, é aquele que abrange os festivais de música.

Para Cohen (2007, p. 108) **“o universo de eventos e festas, dentre as categorias de cenografia para espaços comerciais, é o que possui o caráter mais efêmero e o apelo mais mercantil”**. É evidente o quanto esses espaços hoje em dia são grandes vitrines para as grandes marcas patrocinadoras dos eventos exporem seus produtos e serviços.

Além disso, as ativações/estandes das

das marcas já são espaços consolidados dentro dos festivais de música, tanto pela questão de investimento financeiro no evento, mas também como uma demanda do próprio público, as pessoas esperam e fazem filas para participarem das atividades proporcionadas pelas marcas.

Silva (2021) também chamando-as de cenografias possíveis, visando facilitar o entendimento sobre o tema, divide em cinco grupos: 1. de palco (teatro, música, circo, ópera, dança, premiações e musicais), 2. para câmera (TV, cinema, séries, propagandas, fotografia, internet ou clipes), 3. de experiência (parques, festas, feiras, festivais, shows, exposições, carnavais e museus),

4. comerciais (vitrines, lojas, propagandas, ativações de marca/estandes e desfiles de moda) e
5. digitais (games, eventos e animações). Entretanto, o autor ressalta que essas categorias se sobrepõem **“fazendo com que cenografias de ‘ordens diferentes’ ocupem um mesmo lugar”** (Silva, 2021, p. 22).

Aqui, serão abordados os conceitos de cenografias de palco e experiência, por ambas se aproximarem do objeto de estudo deste trabalho, com o intuito de mostrar suas similaridades e diferenças, bem como exemplificá-las.

No que se refere a eventos musicais, independente da escala, pode-se dizer que em alguns momentos essas duas categorias podem se sobrepor. Isso

acontece porque em um show, ou seja, cenografia de palco **“é bastante pautada na relação de quem é observado com aquele que observa”** (Silva, 2021, p. 26), assim, fica evidente que trata-se das relações entre público e artista, no qual ele é o foco, a principal motivação das pessoas terem se deslocado até aquele lugar. Os signos e elementos das produções desses artistas (músicas, clipes, estilos) devem ser explorados e interpretados a fim de serem traduzidos numa cenografia que proporciona uma experiência imersiva para o público. Desta forma, um show também está contido dentro da cenografia de experiência.

Por isso, é correto afirmar que no que se referem aos festivais de música o mesmo acontece, porém, de forma

diferente, o foco não é mais o artista, até mesmo pelo fato de que em um festival vários artistas passam pelo mesmo palco em um único dia, além de geralmente um evento como este possuir mais de um palco. Assim, esse tipo de cenografia, torna-se mais abrangente, pois a atenção agora está voltada para o conjunto de elementos e espaços que o compõem e as diferentes experiências que o todo proporciona, desde a entrada, passando pela área de alimentação, ativações de marcas e os diferentes shows.

Em seu trabalho, Duarte (2007) faz uma reflexão acerca do que ele chama de arquiteturas efêmeras, onde para ele:

As Architecturas Efêmeras,

apesar do seu breve tempo de existência, respondem a problemas específicos como a criação de abrigo - em contextos de catástrofe e alternativos -, de representação, festas, espectáculos, acontecimentos sociais, de comunicação, ou como provocação, sendo também utilizadas em contextos de ruptura. (Duarte, 2007, p. 23).

Com isso, Duarte (2007) organiza estas arquiteturas efêmeras por esses temas, envolvendo estratégias e objetivos precisos, classificando-as em oito tipologias, sendo elas: 1. Arquiteturas da Emergência (conceitos), 2. Habitats Alternativos

(ideias/ experimentalismo), 3. Arquiteturas da Representação (metáforas/imaginário), 4. Arquiteturas de Funções Lúdicas (metáforas/ imaginário/ participação), 5. Arquiteturas do Espetáculo (efeitos), 6. Arquiteturas para Festas e Acontecimentos Sociais (memória coletiva), 7. Comunicação Social: Publicidade e Propaganda (comunicação), 8. Guerrilha Arquitetônica (estratégias/ideias).

Dentre essas tipologias, as que abrangem os festivais de música são as Arquiteturas do Espetáculo. Aqui, o cerne se alinha com o objetivo central desse capítulo, pois com a evolução da tecnologia, as intervenções ultrapassam os limites dos teatro e tornam possíveis que aconteçam em outros territórios dos quais

originalmente não tenham sido pensados para esses eventos.

Um dos aspectos mais significativos deste âmbito de intervenção decorre dos concertos musicais que deixaram de se circunscrever aos antigos espaços interiores dos pavilhões, passando a utilizar os Estádios de Futebol, as Praças, os Parques, à escala da cidade e do território. (Duarte, 2007, p. 33).

A partir desse pensamento, Martins (2021) utiliza o mesmo termo em seu trabalho e o discorre melhor sobre essa relação dos concertos musicais e sua libertação dos interiores limitados

dos teatros e salas de concertos, ganhando a escala da cidade com a utilização do espaço público. Para ele: **“A escala da cidade e do território oferecem maior tridimensionalidade à cenografia envolvente do espaço, conseguindo-se uma imersão mais profunda do espectador no amplo ambiente proposto”** (Martins, 2021, p. 20). Em sua visão, isso se dá, novamente, pelos avanços tecnológicos que permitem a experimentação e ampliam a noção de espaço a partir de uma maior exploração dos sentidos, permitindo que o espaço público seja palco para diferentes formas de expressão artísticas.

Essas apropriações do espaço urbano estão diretamente relacionadas à mudança de perfil de consumo da

cultura que já fora mencionada no capítulo anterior. Entretanto, cabe ainda ressaltar que essas mudanças levam o público de meros espectadores sentados assistindo ao espetáculo passivamente a se tornarem agentes ativos do espetáculo, interagindo diretamente com os artistas, com gritos, cartazes, entre outras formas, e também entre si.

Numa sala de espetáculos onde a demonstração máxima comum da presença e agrado do público eram somente as palmas, hoje deparamo-nos com uma comunicação mais próxima e contínua entre palco e plateia: de palmas a gritos, a cartazes desenhados ou escritos até a

vestuário alusivo aos artistas presentes. Consoante o tipo de público que participa, o espetáculo transforma-se. O ambiente é o resultado da sintonia do conjunto. (Martins, 2021, p. 26).

Por fim, entre os termos apresentados, no que se refere aos festivais de música, este trabalho adotará o termo Arquiteturas do Espetáculo proposto por Duarte (2007) e também debatido por Martins (2021), principalmente devido às suas discussões a respeito das relações entre essa arquitetura, o espaço urbano e seu entorno imediato.

2.2. O efêmero e a possibilidade de experimentação

Em um espetáculo, nem sempre aquilo que está posto diante dos nossos olhos corresponde à realidade, entretanto, podem ser uma representação dela. Ela pode parecer algo e ser apenas uma ideia exposta diante dos olhos como uma mensagem para o público, o qual entenderá como sendo o objetivo do qual a mesma está representando, entretanto, não é.

A cenografia é a materialização da imagem real da coisa, assim como uma imagem também é uma reprodução de uma coisa real. Ambas têm a mesma característica; não é a coisa que

representam, mas se tornam a coisa que elas reproduzem de forma diferente. (Rolim, 2013, p. 38).

Diante disso, podemos dizer que a cenografia é tida como uma arte ilusória, que se utiliza de simulacros para emitir a sua mensagem, pois ***“ao traduzir um lugar ou situação, por mais verdadeira e realista que possa parecer, será ainda assim o símbolo deste lugar”*** (Cohen, 2007, p. 64). Os elementos presentes em cena são pensados e materializados para gerar emoções, sensações, ou seja, para persuadir e enganar o público. Eles podem parecer reais, cheirar como reais, a fim de convencer o público de que são reais enquanto não são.

No ambiente cenográfico uma

porta pode ter o formato, a textura e o volume de uma porta real, porém, ao ser confeccionada com papelão e, então, carecendo de estrutura apropriada, não atenderia sua função primeira, que é No ambiente cenográfico uma porta pode ter o formato, a textura e o volume de uma porta real, porém, ao ser confeccionada com papelão e, então, carecendo de estrutura apropriada, não atenderia sua função primeira, que é a de delimitar espaços. Inserida numa situação onde o ator não a manuseia, ela cumprirá seu papel de simulacro, permitindo

que o público a interprete como simbólica ou realista. (Cohen, 2007, p. 65–66).

Por essas razões, ao se planejar um espetáculo, faz-se necessário refletir sobre quais elementos serão reais e quais serão cenográficos, aqueles que serão apenas representações do real (Martins, 2021). Isso também pode ser relacionado com o orçamento do espetáculo, bem como com as sensações e experiências destinadas ao seu espectador.

A partir dessa ideia da cenografia como uma arte ilusória com fins de provocar sensações e experiências, e ainda com o debate já realizado neste trabalho a respeito das possibilidades da cenografia, foi visto que a mesma

hoje em dia também é trabalhada de forma comercial, aproveitando-se do seu caráter efêmero para o intuito de promover e vender produtos. Diante disto, entende-se a possibilidade de relação entre cenografia e arquitetura.

Ao se comparar a cenografia com a arquitetura, a primeira questão a ser mencionada está na durabilidade proposta por cada disciplina. Enquanto na cenografia, os elementos são pensados desde o início para durarem um pequeno intervalo de tempo, enquanto durar o espetáculo, na arquitetura o princípio comum é que as edificações sejam feitas para resistirem ao passar dos anos. Isso também pode ser associado aos materiais trabalhados por ambas, no qual, na cenografia são mais flexíveis, mais adaptáveis, enquanto na

arquitetura existe um direcionamento para uma maior rigidez como, por exemplo, no emprego do concreto.

Enquanto da arquitetura espera-se a perenidade, resistência e concretude, da cenografia teatral a efemeridade e transportabilidade é o esperado. O espetáculo tem começo, meio e fim, com seu caráter fictício e transitório, que desaparece sem deixar rastros. Já a arquitetura tem seu prazo medido pela vivência e é projetada e construída para durar até que o tempo e/ou os usuários definam seu fim. A dualidade entre o

perene e efêmero é o que diferencia espaços de natureza arquitetônica e cênica. (Silva, 2021, p. 48-49).

Outro ponto que pode ser abordado é que a arquitetura trata dos elementos do cotidiano, enquanto a cenografia permite a experimentação de se criar novos universos, elementos que fogem da realidade, a partir das narrativas que são propostas, bem como da diversidade de materiais que podem ser utilizados para a materialização dos mesmos. Dessa forma, pode-se afirmar que a cenografia permite uma maior liberdade criativa, pois associada ao seu caráter efêmero, **“abre um leque de possibilidades que enriquecem o processo criativo”** (Silva, 2021, p. 49).

O efêmero, além de traduzir algo transitório e passageiro, poderá também ser pensado como oportunidade de experimentação e construção de realidades sensoriais e espaciais de intensidade e impacto superiores em comparação com o campo de ação comum. (Graça, 2016, p. 33).

Agora, fazendo uma aproximação direta com os festivais de música a partir dessas reflexões, podemos olhá-los como verdadeiros laboratórios, ou seja, lugares de experimentação para processos criativos no qual diversos profissionais podem atuar, inclusive arquitetos. Graça (2016, p.169) afirma que “o

arquiteto contribui com a sua capacidade criativa conjugada com a sua inigualável percepção espacial e conhecimentos técnicos” enriquecendo ainda mais a experiência do público.

No festival, o edifício, objeto central da produção arquitetônica, é substituído pelos palcos, no plural, pois diante da variedade de artistas e bandas, esses eventos geralmente apresentam mais de um palco, sendo eles, o elemento de principal destaque, e deve ser idealizado a partir do conceito e elementos visuais adotados pelos idealizadores. No que se refere ao palco principal, ele pode ser em uma escala monumental ou não, entretanto, terá a maior atenção do público, visto que, os principais artistas se apresentaram nele.

Apesar das pessoas serem atraídas para os festivais de música devido aos shows musicais presentes no line up do evento, hoje em dia esta não é apenas a principal motivação do público, eles estão lá pela experiência completa que o festival pode oferecer, desde a sua entrada, passando pelas ativações das marcas, os brinquedos do parque de diversão, ou seja, por todas as partes que compõem o evento. Isso proporciona ao arquiteto uma variedade de possibilidades de atuação em um festival, pois o mesmo deverá pensar desde a leitura do espaço a partir do agenciamento, interpretando o programa de necessidades proposto e setorizando de cada elemento do evento, com o intuito de responder às demandas específicas do projeto, bem como trabalhar no design e concepção de

cada uma dessas partes, pensando não só apenas na sua estética, mas também na sua funcionalidade. O arquiteto ainda pode pensar os percursos e sensações que deseja gerar no público ao percorrer o espaço cenográfico do festival.

Ao se libertar da materialidade utilizada pela arquitetura tradicional e ao se apropriar do efêmero, podemos dizer que **“a cenografia é de fato um outro modo de se fazer arquitetura”** (Silva, 2021, p. 66), no qual, o arquiteto pode aprender e incorporar no seu processo projetual, novas técnicas e novos materiais. O novo programa de necessidades comuns aos festivais de música exige do arquiteto uma visão mais artística, pois todos os elementos presentes no evento são pensados e idealizados para

envolverem o público, proporcionando uma experiência única que apenas será vivenciada por aqueles que passaram por aquele lugar.

2.3.

ESPETÁCULO E ARQUITETURA

2.3.1. Os festivais e o espaço urbano

Diferente da arquitetura, no qual é pensado a interação direta entre o objeto arquitetônico e o lugar, ou seja, a implantação da edificação em um lote, quando falamos sobre os festivais de música temos uma relação diferente, pois estes não buscam integrar-se ao espaço, na verdade, buscam ocupá-lo (Martins, 2021).

No caso de um festival de música a implantação considera geralmente um sítio, pois acaba por ocupar o espaço mais do que ter em conta integrar-se nele. Este vem posteriormente a criar o seu próprio lugar. No entanto, novamente, esta

consideração não é transversal a todos os festivais, tendo cada festival a sua própria abordagem de implantação. (Graça, 2016, p. 57-58)

A partir do entendimento de que os festivais ocupam o espaço, sendo ela, uma ocupação temporária diante do seu caráter efêmero, podemos também dizer que eles criam “uma realidade e estrutura interna própria; a sua identidade traduz-se, entre outros fatores, pela narrativa visual e sensorial apresentada” (Graça, 2016, p. 20) no qual, a arquitetura e a cenografia podem intervir, no qual, “o sentido urbano se realiza na dinâmica que a área propicia ao público de circular, visitar, conhecer todos os elementos que fazem” (Oliveira, 2017, p. 34).

Para lá do seu organismo interno, o festival alimenta-se da sua envolvente mais alargada, estendendo a sua influência aos fluxos e relações exteriores aos seus limites físicos. Esta realidade assemelha-se, deste modo, à realidade efetiva de uma cidade, em que a consideração do tempo é a variante mais diferenciadora. A implantação de um festival de música torna-se sinónimo da criação de uma cidade temporária. (Graça, 2016, p. 54)

Muitos fatores logísticos devem ser considerados para o bom funcionamento dessa cidade tempo-

rária, pois existe a ocorrência de diferentes fluxos: antes com toda a parte de montagem das estruturas e cenários; durante, coma entrada e saída do público, dos artistas, equipe técnica, bem como toda a parte de alimentação e bebidas; e após com a desmontagem e armazenamento das estruturas e cenários, e o descarte dos resíduos gerados.

O acesso é outro tema importante a considerar na localização do festival. Para fazer funcionar a 'cidade temporária' é preciso salvaguardar uma fácil entrada e saída de equipamentos, a nível técnico, e o fluxo de entrada e saída de público. Deve ser considerado à escala do recinto,

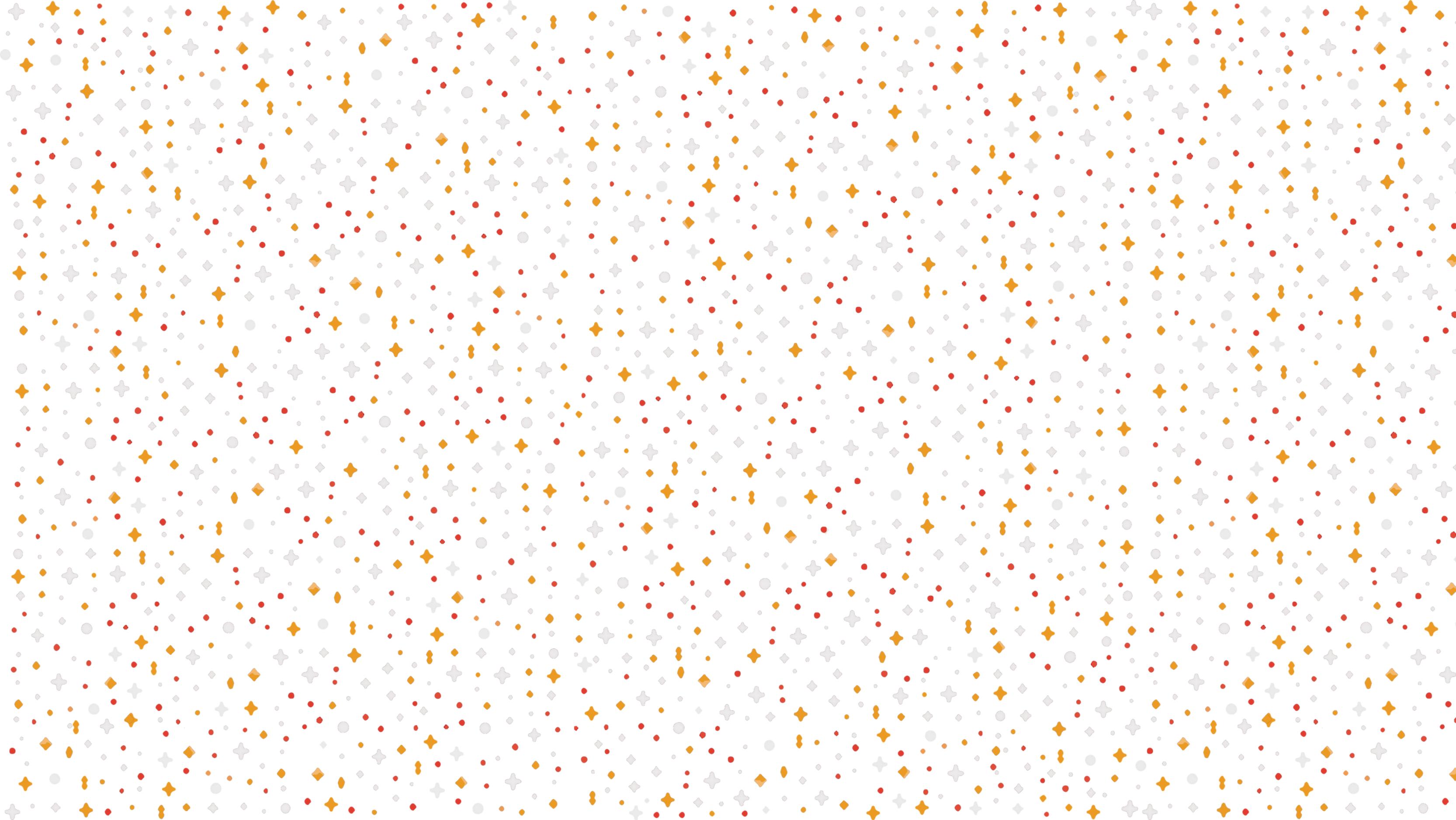
mas também com ênfase à escala dos palcos. A forma e constituição de um palco nunca deverão pôr em causa a sua praticidade em nome da estética. Assim, é importante ter em conta pontos de paragem e aglomeração de pessoas. A própria arquitetura do palco poderá estender o seu campo de ação e fazer parte da resposta através de um plano cenográfico dinâmico ou interativo. (Martins, 2021, p. 35).

O local escolhido para ser ocupado por um festival, ou seja, ser transformado em uma cidade temporária, deve ser feita de forma

estratégica, porque ao se cumprir o objetivo de promover música, arte e atividades de lazer, os festivais são grandes atratores turísticos com a capacidade de projetar a imagem do cenário local para escalas regionais, nacionais e mesmo internacionais (Farinha, 2012). Um fato é, as comunidades locais, pessoas das quais muitas vezes nem participam desses eventos como público, são beneficiadas economicamente com a realização dos festivais de música, diante da quantidade de pessoas atraídas por eles.

O festival pode ser muito mais do que um circo que chega à cidade, deixa saudade e retorna um ano depois. É possível criar uma relação que beneficie à cidade, que poderia estar refle-

tida no evento sediado ao longo de três dias de uma forma mais generosa e aberta, transmitindo uma experiência acolhedora a todas as pessoas, incluindo quem não participa do evento como público. (Longo, 2019, p. 82).



ANALISANDO
FESTIVAIS

03

OS FESTIVAIS

Neste capítulo serão estudados alguns festivais de grande porte que acontecem no Brasil, focando nos conceitos trabalhados por eles e ainda a sua programação arquitetônica.

Os três festivais analisados serão o Lollapalooza – São Paulo, o Rock in Rio e o The Town, onde esses dois últimos possuem os mesmos criadores e organização.

Eles foram escolhidos diante de possuírem uma média de público similar, cerca de 100 mil pessoas por dia, uma área de intervenção em m² aproximada, ou ainda, acontecerem no mesmo lugar, como é o caso do Lollapalooza e do The Town, que ambos são realizados no Autódromo de Interlagos.



3.1. Lollapalooza Brasil



Local: Autódromo de Interlagos

Área: 600 mil m²

Cidade: São Paulo. SP

Edições: 11

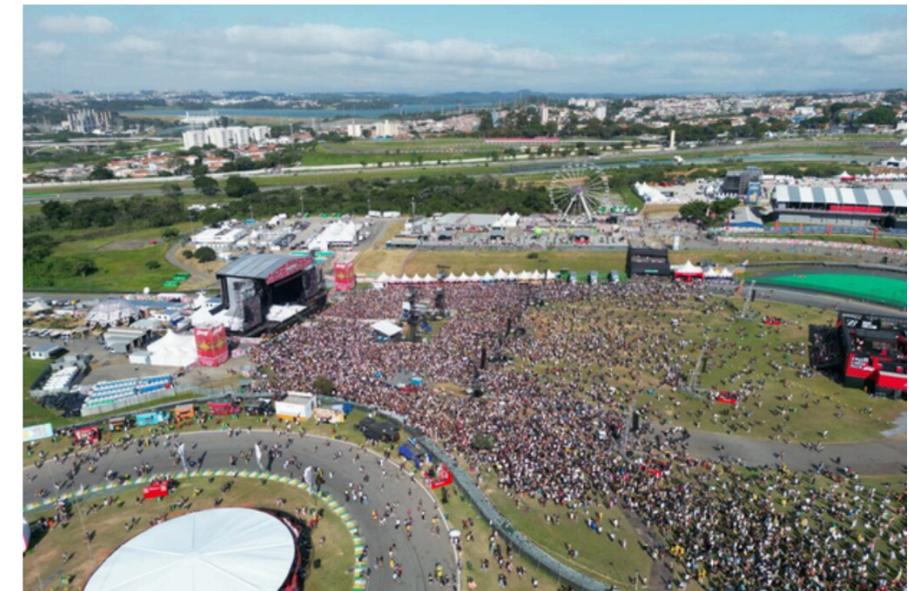
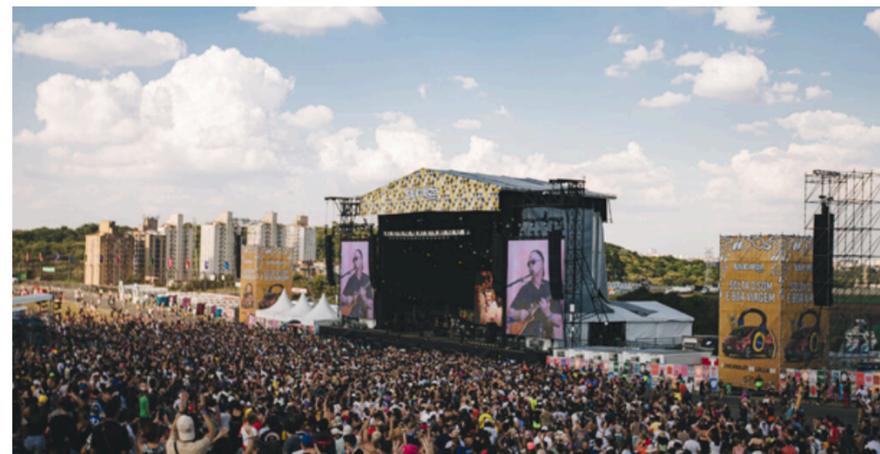
Periodicidade: Anual

Duração: 03 dias

Palcos: 04

Público: 100 mil pessoas/dia

O Lollapalooza é um festival de música alternativa criado em 1991 nos Estados Unidos e acontece anualmente. A sua versão brasileira foi criada apenas em 2012, no Jockey Club, em São Paulo. Hoje em dia, o Lollapalooza acontece no Autódromo de Interlagos, também em São Paulo.



Imagens Lollapalooza Brasil.
Fonte: Lollapalooza Brasil (2023).

O Lollapalooza Brasil possui 04 palcos que recebe o nome dos seus patrocinadores:

01. Palco Chevrolet;
02. Palco Adidas;
03. Palco Budweiser;
04. Palco Perry's boy Johnnie Walker Blonde.

Além disso, conta com vários stands das ativações de marca, lounge, áreas de descanso, pontos de alimentação, uma roda gigante, pontos com caixa eletrônicos, entre outros.



Mapa do Lollapalooza Brasil 2023.

Fonte: Lollapalooza Brasil (2023).

3.2. Rock in Rio



Local: Parque Olímpico

Área: 385 mil m²

Cidade: Rio de Janeiro. RJ

Edições: 09 (Brasil)

Periodicidade: A cada 2 anos

Duração: 07 dias

Palcos: 05

Público: 100 mil pessoas/dia

O Rock in Rio é um festival de música brasileiro, onde sua primeira edição aconteceu em 1985. Hoje, é um festival internacional com edições em outros países, sendo eles: Portugal, Espanha e Estados Unidos. Em 2024, o festival está completando 40 anos, totalizando 22 edições.



Imagens Rock in Rio.
Fonte: Rock in Rio (2023).

3.2. Rock in Rio

O Parque Olímpico se transforma na Cidade do Rock, sendo formada pelos seguintes espaços:

01. Palco Mundo;
02. Palco Sunset;
03. Palco Supernova;
04. Palco New Dance Order;
05. Palco Espaço Favela;
06. Rock District;
07. Rock Street Mediterrâneo;
08. Fonte Rock in Rio;
09. Rota 65;
10. Pórtico;
11. Áreas Olímpicas;
12. Área VIP;
13. Loja de produtos oficiais;
14. Gourmet Square;
15. Megadrop;
16. Montanha-russa;
17. Roda gigante ;
18. Tirolesa.



Mapa da Cidade do Rock.

Fonte: Rock in Rio (2022).

3.3. The Town

THE TOWN

Local: Autódromo de Interlagos

Área: 360 mil m²

Cidade: São Paulo, SP

Edições: 01

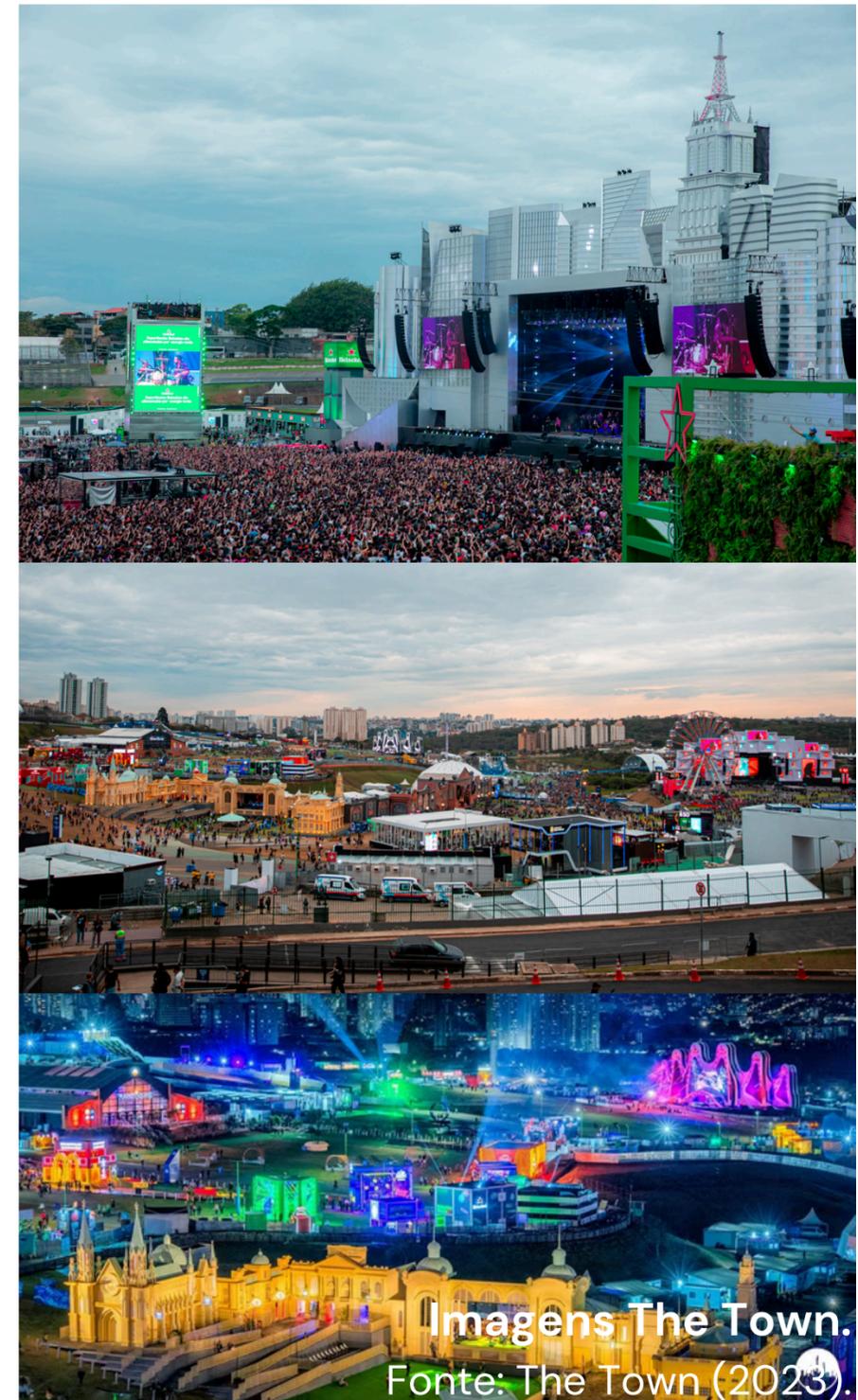
Periodicidade: A cada 2 anos

Duração: 05 dias

Palcos: 06

Público: 100 mil pessoas/dia

Sediado na cidade de São Paulo, o The Town é um festival “irmão” do Rock in Rio, que nasce a partir da intenção de levar para a cidade um festival que seguisse os mesmos moldes e princípios. O festival trabalhou em sua cenografia a representação da cidade de São Paulo, e por isso as discussões sobre ele serão mais aprofundadas.



A Cidade da Música

O Autódromo de Interlagos se transforma na Cidade da Música, sendo formada 7 grandes espaços e 6 palcos, sendo estes:

- 01. Palco Skyline;
- 02. Palco The One;
- 03. Palco New Dance Order;
- 04. Palco São Paulo Square;
- 05. Palco Highway Stage/ Rota 85;
- 06. Palco Factory;
- 07. Market Square;
- 08. Área VIP;
- 09. Roda gigante;
- 10. Montanha-russa;
- 11. Tirolesa;
- 12. Megadrop;
- 13. The Town, o musical.



Mapa da Cidade da Música.

Fonte: The Town (2023).

Palco Skyline

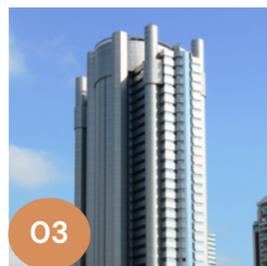
O palco Skyline busca refletir em sua cenografia a grandiosidade de São Paulo e sua arquitetura, a partir do conjunto de edificações emblemáticas da cidade. Com dimensões de 40,5m de altura, 95m de largura e uma boca de cena de 24m, este é o maior e principal palco do evento.



Auditorio Ibirapuera
Projeto de Oscar Niemeyer



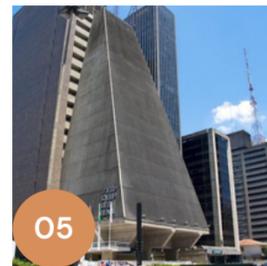
Hotel Unique
Projeto de Ruy Ohtake



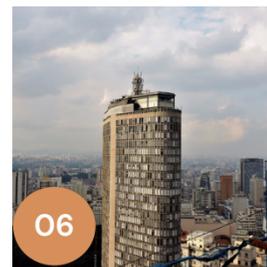
Plaza Centenário
Projeto de Carlos Bratke



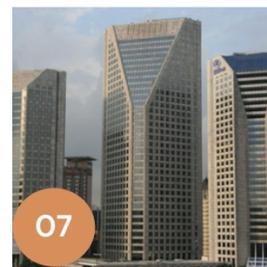
Infinity Tower
Projeto dos escritórios KPF e Aflalo & Gasperini



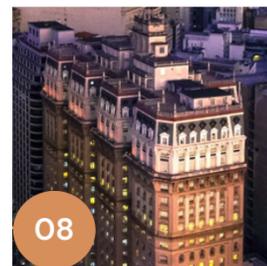
Edifício FIESP
Projeto do escritório Rino Levi Associados



Edifício Itália
Projeto de Franz Heep



Centro Empresarial Nações Unidas
Projeto do escritório Botti Rubin



Edifício Martinelli
Projeto de William Dillinger



Edifício Copan
Projeto de Oscar Niemeyer



Corporate Towers
Projeto do escritório Pelli Clarke Pelli



Instituto Tomie Ohtake
Projeto de Ruy Ohtake



Sesc Pompeia
Projeto de Lina Bo Bardi



Pavilhão Oca
Projeto de Oscar Niemeyer

Palco Skyline.
Fonte: The Town (2023).



Para a construção deste palco foram utilizadas as mesmas chapas usadas em fachadas de edifícios, além da fibra de vidro, para aguentar a chuva e as intempéries do clima.

Palco São Paulo Square

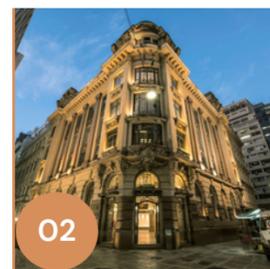
Assim com o palco Skyline, o palco São Paulo Square também traz em sua cenografia algumas edificações emblemáticas, porém nele, a referência é a arquitetura histórica da cidade de São Paulo.

Além disso, o espaço também conta com uma praça com quiosques e jardins floridos.



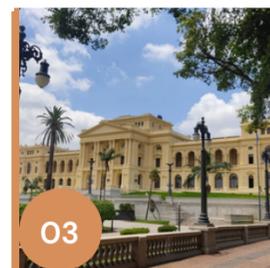
Catedral da Sé

Projeto de Maximilian Emil Hehl



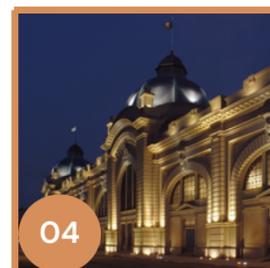
CCBB SP

Projeto de Luiz Telles



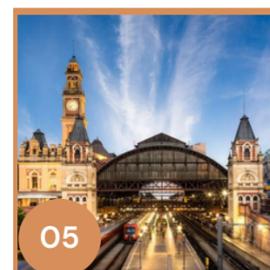
Museu do Ipiranga

Projeto de Tommaso Gaudenzio Bezzi



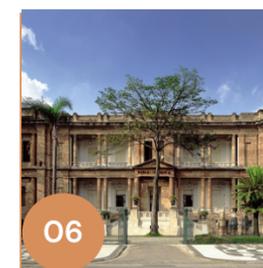
Mercado Municipal

Projeto de Ramos de Azevedo



Estação da Luz

Projeto de Charles Henry Driver



Pinacoteca

Projeto de Paulo Mendes da Rocha, Eduardo Colonelli e Weliton Ricoy Torres



Theatro Municipal

Projeto de Cláudio Rossi e Domiziano Rossi

Palco São Paulo Square.

Fonte: The Town (2023).



Palco The One

Além de reproduzir a imagem de algumas edificações da cidade nos outros palcos já apresentados, o evento também trabalha essas menções de forma mais conceitual, como é um caso do palco The One, seu palco secundário.

Nele, o conceito trabalhado foi uma homenagem aos museus paulistanos, visto que São Paulo é uma cidade marcada pela presença de vários deles.

Dessa forma, a ideia para sua cenografia foi trabalhar vários painéis de LED de diferentes proporções, emoldurados em “nichos” brancos com o intuito de parecerem quadros expostos.



Palco The One.

Fonte: The Town (2023).



INFLUÊNCIA PROJETUAL	CONCEITO	■	■	■	■	■	
	IMPLANTAÇÃO	■	■	■	■	■	13/
	EQUIPAMENTOS	■	■	■	■	■	20
	FLUXOS	■	■	■	■	■	
	CONCEITO	■	■	■	■	■	
	IMPLANTAÇÃO	■	■	■	■	■	16/
	EQUIPAMENTOS	■	■	■	■	■	20
	FLUXOS	■	■	■	■	■	
	CONCEITO	■	■	■	■	■	
	IMPLANTAÇÃO	■	■	■	■	■	18/
	EQUIPAMENTOS	■	■	■	■	■	20
	FLUXOS	■	■	■	■	■	

PREPARANDO
TERRENO

04

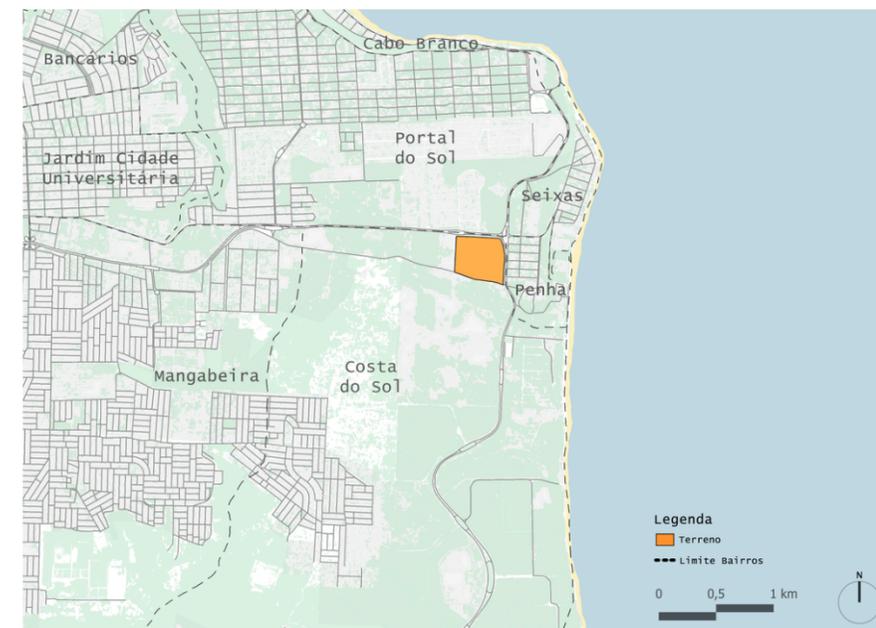
O TERRENO

O local escolhido para a intervenção fica localizado no bairro Costa do Sol em João Pessoa. Diante do porte do evento, foram escolhidos quatro lotes vizinhos, porém um deles não foi considerado completo diante a sua extensão. Com isso, a área de intervenção possui cerca de 161 mil m².



Mapa de localização dos lotes.

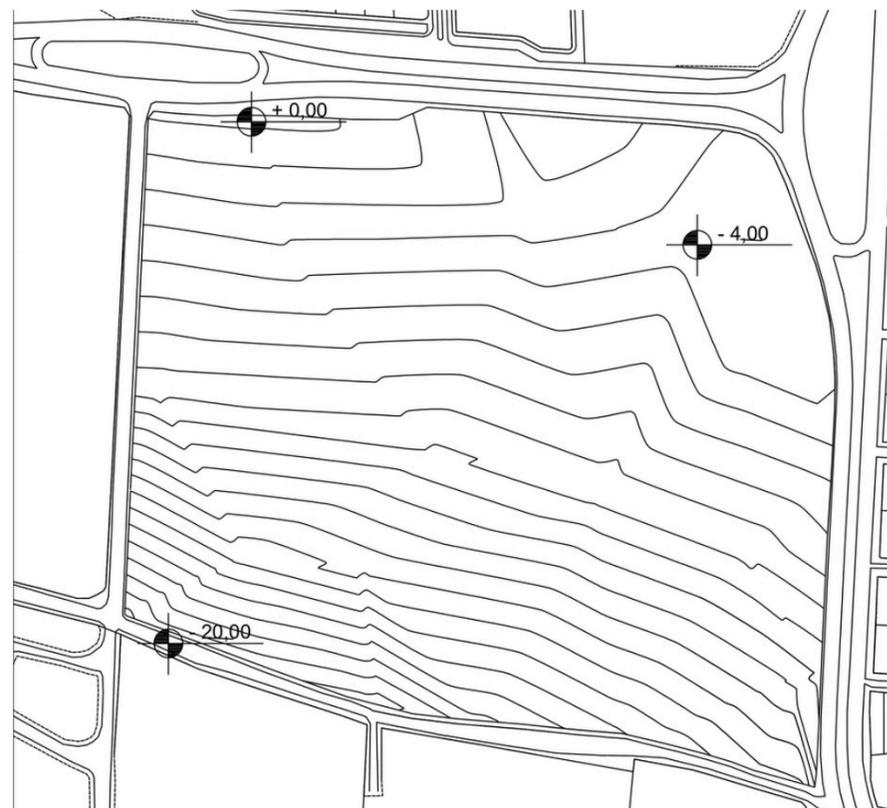
Fonte: Autor (2024).



Mapa de localização do terreno.

Fonte: Autor (2024).

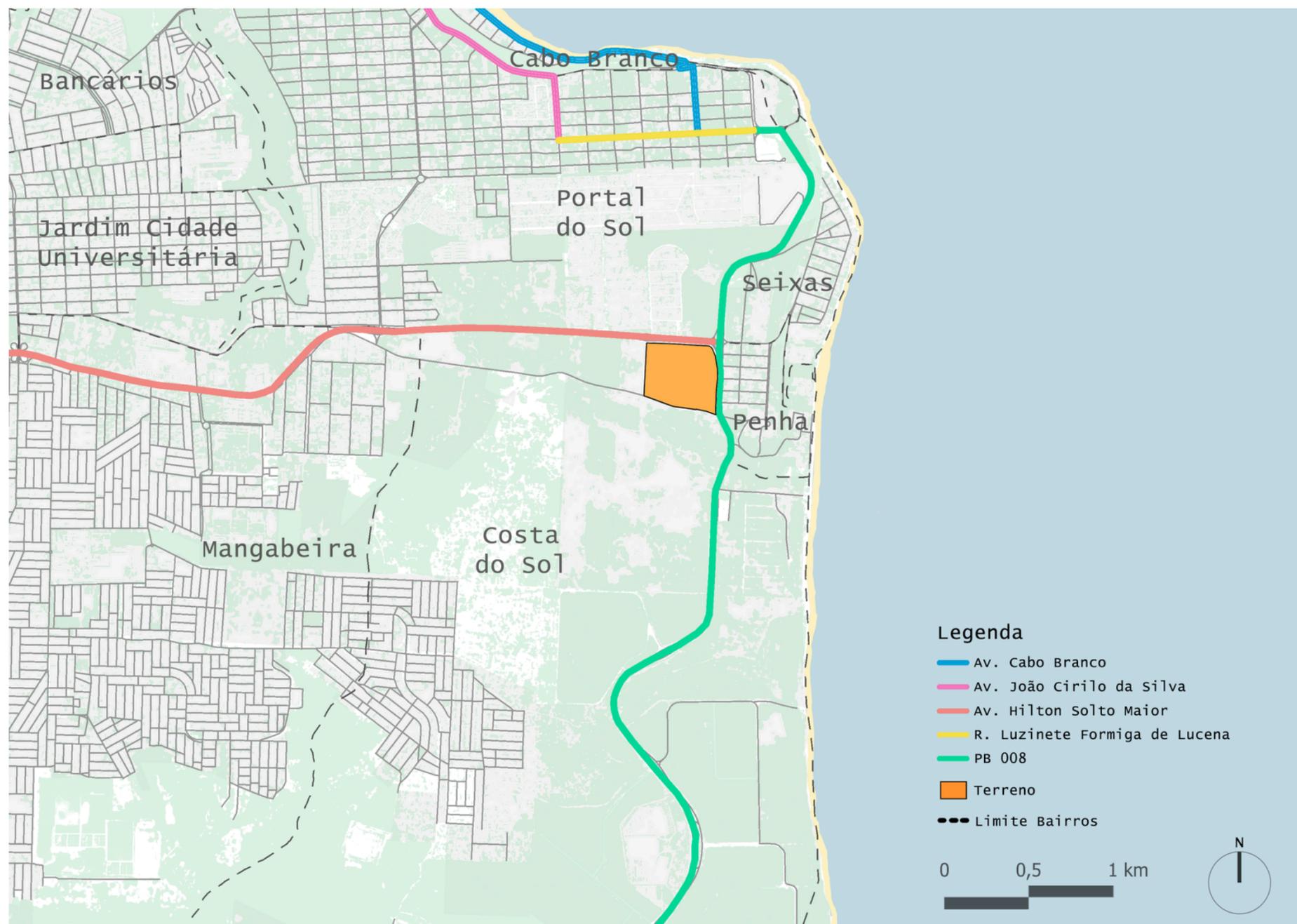
Essa área foi escolhida para intervenção diante do seu tamanho e um maior afastamento das áreas mais urbanizadas da cidade. Entretanto, o maior desafio de intervir nela é a topografia encontrada, pois possui um grande desnível de 20m em uma parte dele.



Planta topográfica do terreno.
Fonte: Autor (2024).



Fotos aéreas do terreno.
Fonte: Autor (2024).

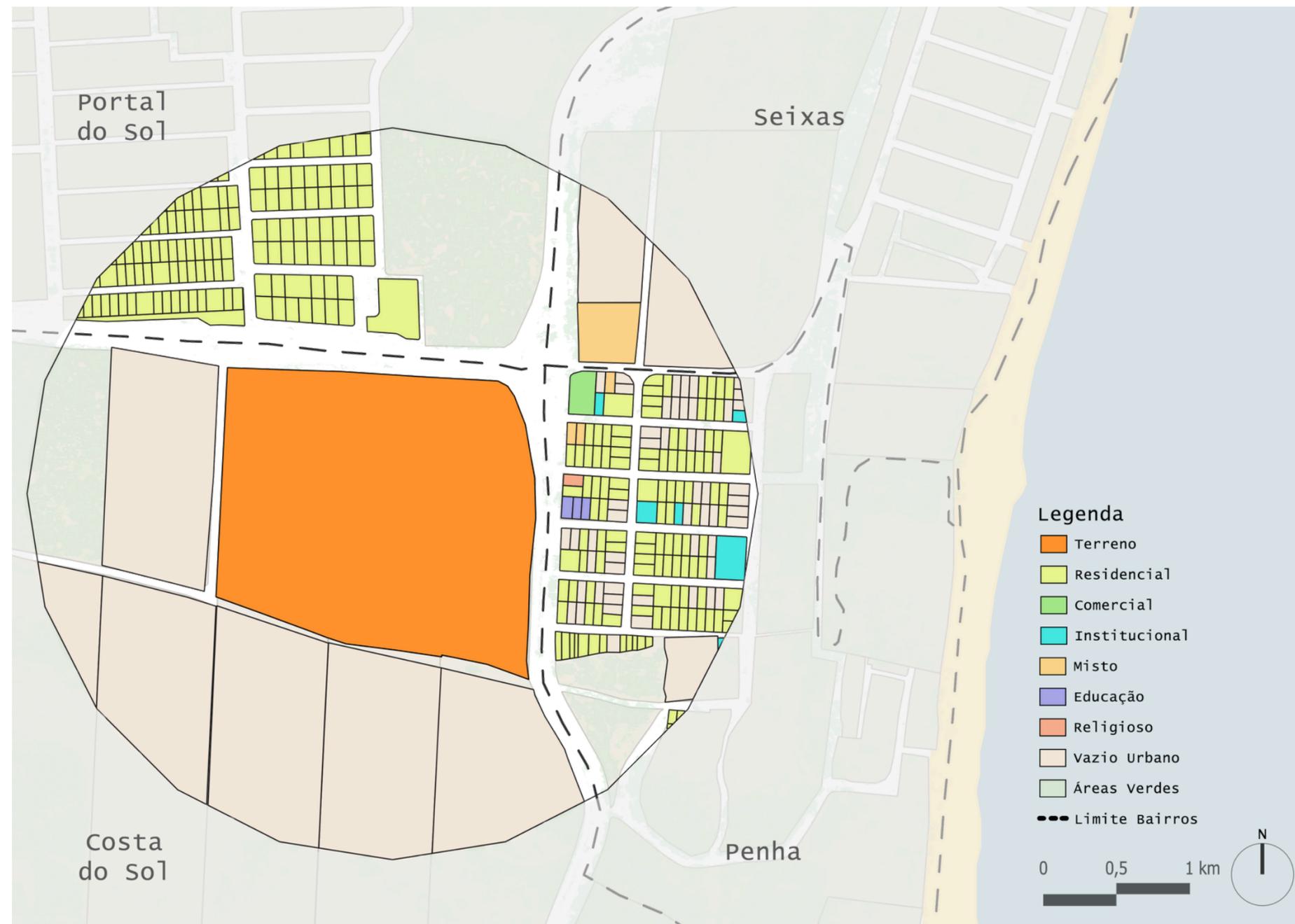


A área de intervenção fica próxima de importantes vias da cidade. Por se localizar em uma esquina, ele fica no encontro da Av. Hilton Solto Maior e da PB 008. Além dessas, também permite o acesso à região da orla de João Pessoa e do Altiplano Cabo Branco por meio da Av. Cabo Branco e Av. João Cirilo da Silva, respectivamente.

Mapa dos principais acessos.

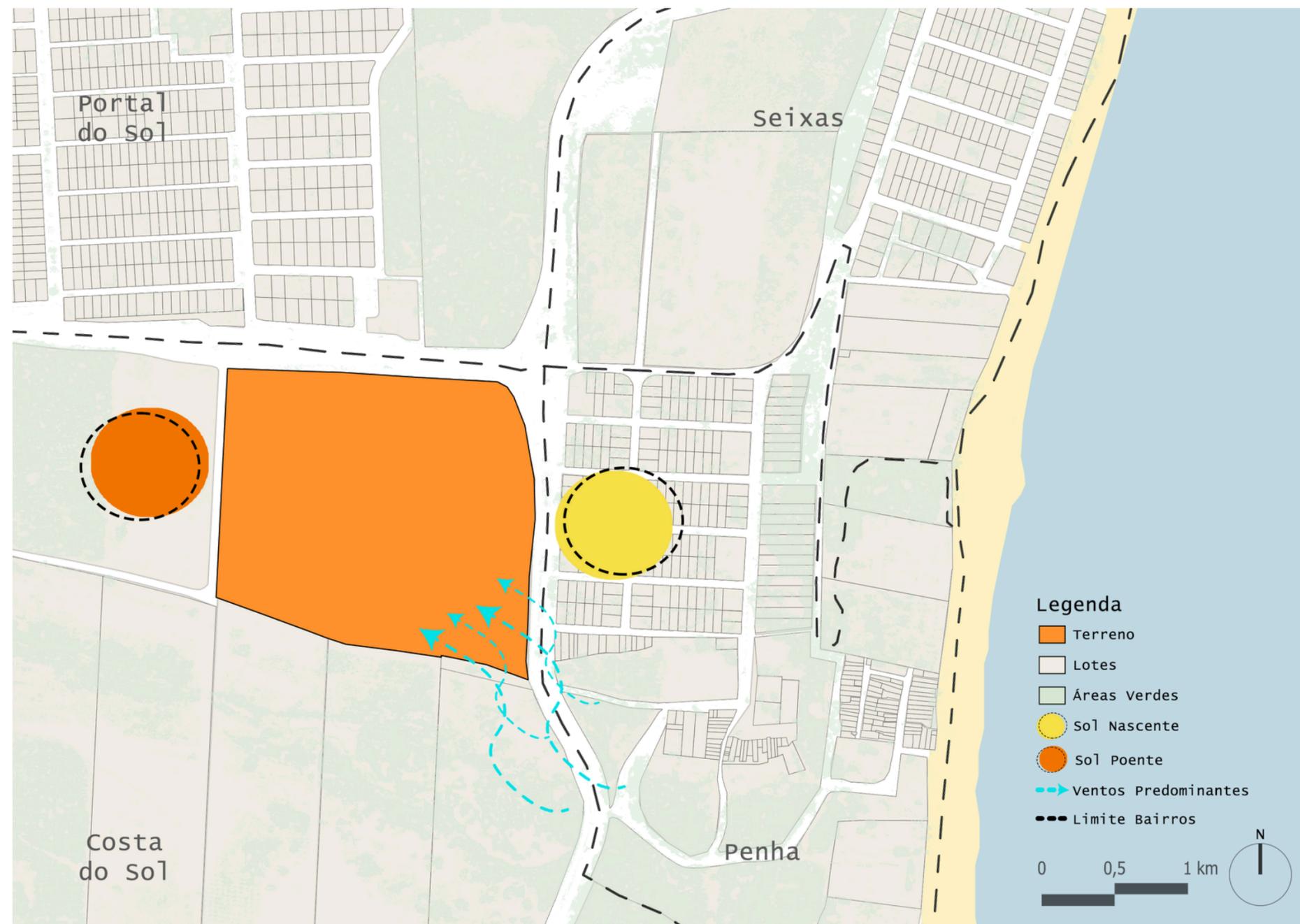
Fonte: Autor (2024).

Apesar de o terreno escolhido estar em uma área menos urbanizada e em expansão da cidade, ele fica próximo de alguns condomínios residenciais horizontais, o que indica um maior uso residencial no seu entorno. Entretanto, por se caracterizar como um evento efêmero, o festival não iria alterar o uso da região.



Mapa de uso e ocupação do solo.

Fonte: Autor (2024).



No que se refere aos aspectos físico-ambientais, o terreno tem suas faces para o Norte, Sul, Leste e Oeste. Os ventos predominantes na região de João Pessoa vem do Sudeste, logo, da ponta inferior direita do terreno. Além disso, sua posição nos revela com clareza o lado do sol nascente e poente.

Mapa dos aspetos físicos-ambientais.

Fonte: Autor (2024).



Estação Ciência

Projeto de Oscar Niemeyer



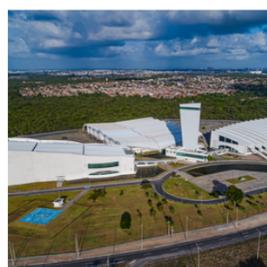
Estação das Artes

Projeto de Amaro Muniz



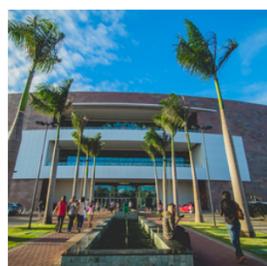
Farol de Cabo Branco

Projeto de Pedro Abrahão Dieb



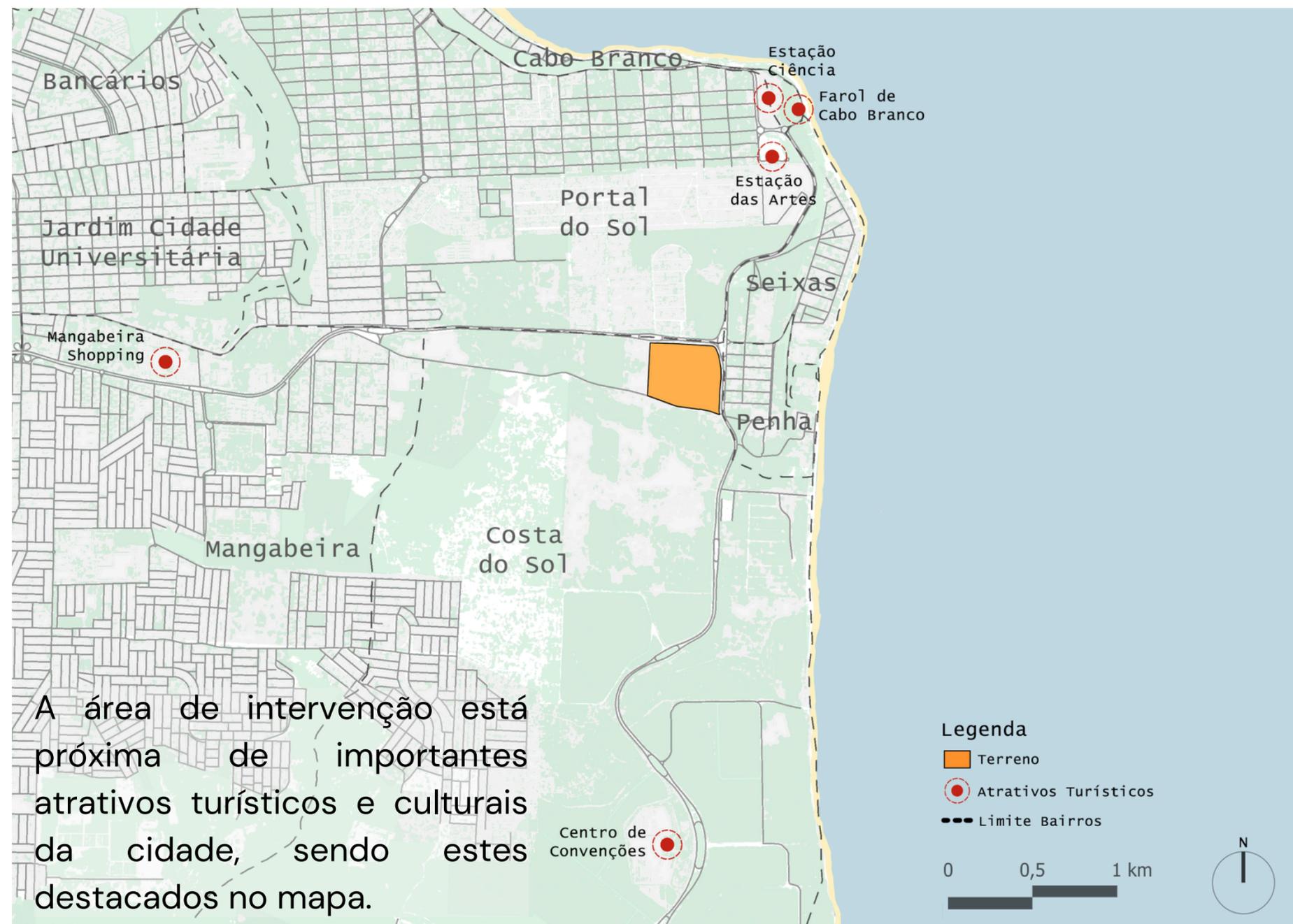
Centro de Convenções

Projeto de Isabel Caminha



Mangabeira Shopping

Projeto de Carmem Raquel e Maria Raquel



Mapa de pontos de interesse cultural próximos.

Fonte: Autor (2024).

REVELANDO O
CONCEITO

05

O CONCEITO

“Eu acho que quando você for fazer um projeto cênico, você tem que descobrir primeiro qual é a história que você quer contar. Quando você achar a história, você contar, entender aquela história, achar aquilo [...] o projeto tá resolvido.”

João Uchôa, sócio-diretor da Ciclo Arquitetura e arquiteto do Rock in Rio.

(ARQUICAST 213, 2023)

Qual a história por trás do festival?

A cidade de João Pessoa foi fundada em 1585 às margens do rio Sanhauá, onde ali iniciou-se o seu processo de urbanização. Entretanto, com o passar dos anos, no processo de expansão da cidade houve uma migração em direção ao litoral, ou seja, ao mar.

Além disso, faz-se importante ressaltar que esse movimento se deu do oeste (poente) para o leste (nascente), onde inclusive é considerado como o ponto mais oriental das Américas, o local que o sol nasce primeiro.

Com isso, 2 músicas podem ser citadas:

PARAÍBA JOIA RARA *Ton Oliveira*

*Aqui o **sol nasce primeiro***

E tão desinibido

E a lua exhibe um estrelado

Com tanta beleza

...

Eu sou da Paraíba, é meu esse lugar

A cara desse povo tem a minha cara

Encanto de beleza que me faz sonhar

Lugar tão lindo assim pra mim, é joia rara

Que bom estar no ponto mais oriental

PORTA DO SOL *Renata Arruda*

*Somos **a porta do Sol***

Deste país tropical

Somos a mata verde, a esperança

*Somos o **Sol do extremo oriental***

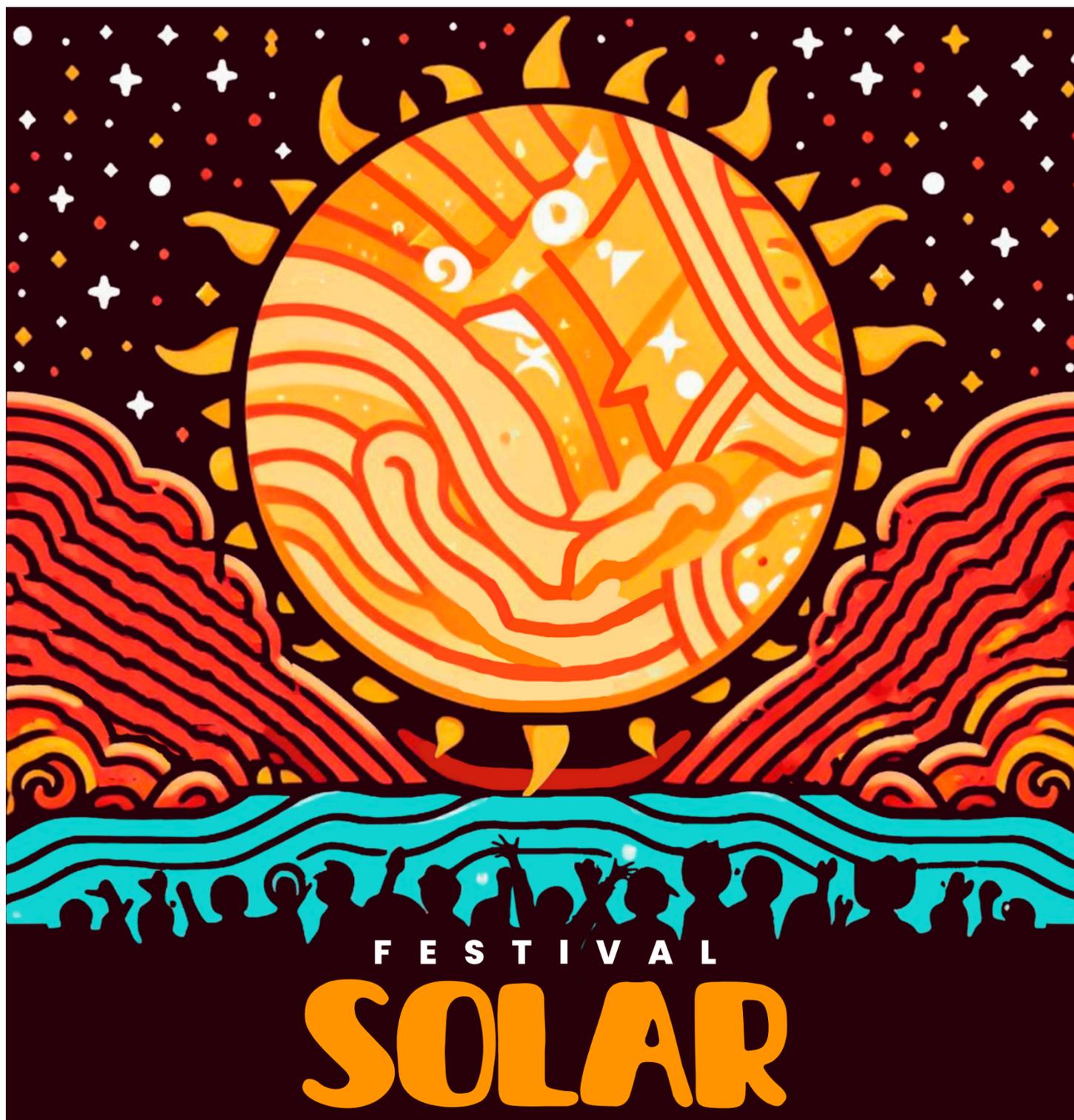
A Lua fez um poema nas palhas do coqueiral

Eu escrevi seu nome na areia

No coração do extremo oriental

...

O calor do verão chegou pra te abraçar essa alegria é beira de mar

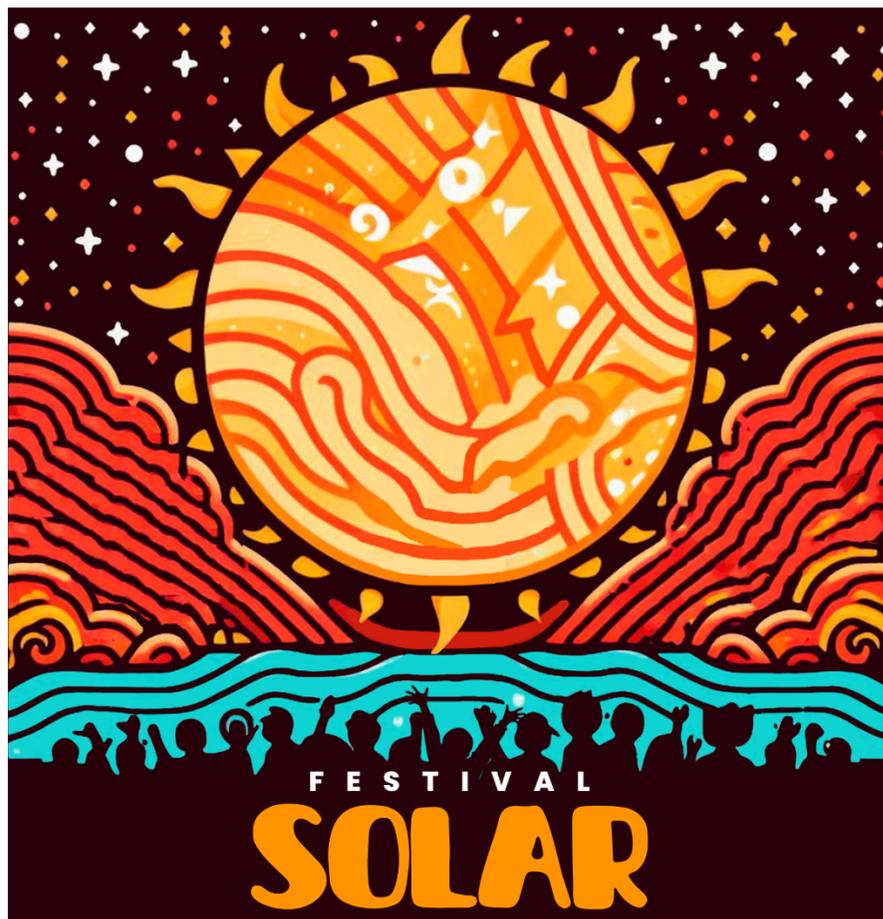


E assim, nasce o **Festival Solar**, sendo este, uma celebração da cidade João Pessoa que nasceu as margens do rio Sanhauá e cresceu em direção ao mar. Onde, esse processo tem relação inversa com a jornada diária do ciclo solar, se pondo nas águas rio e nascendo nas águas do mar. Desta forma, **o festival busca destacar a rica história e cultura da cidade, enquanto une a comunidade em torno da música e da arte.**

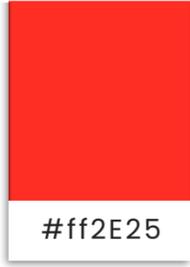
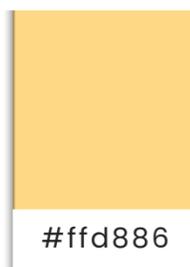
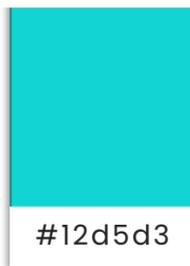
Com duração de três dias, a programação do Festival Solar destaca ampla variedade de gêneros musicais, contando com artistas locais e nacionais se apresentam em dois palcos, oferecendo uma experiência musical diversificada.

Com instalações artísticas que exploram a relação entre a cidade, o rio e o mar. Esculturas, murais e intervenções destacam a história e a identidade de João Pessoa, criando um ambiente visualmente estimulante para os participantes.

23 A 25 DE AGOSTO DE 2024
COSTA DO SOL | JOÃO PESSOA



P o p p i n s
CRANBERRY



FESTIVAL
SOLAR



FESTIVAL
SOLAR



Também foram realizados estudos para a criação da identidade visual do festival. Com isso, foram definidas as tipografias usadas, sendo elas as fontes Poppins e a Cranberry, bem como a paleta de cores, sendo extraídas da logomarca, tendo como principais cores o azul (#12d5d3) e o amarelo (#ff9400). Houve ainda a aplicação da marca, extraindo os elementos presentes no céu da logo, usando as em apresentações e também na criação de camisetas oficiais do evento.

PROJETANDO A
ATMOSFERA

06

O FESTIVAL

O programa de necessidades foi elaborado a partir das referências de trabalhos que também projetaram festivais de música, onde Araújo (2020) trabalhou com um festival eletrônico e Santos (2023) com um festival de rock. Com isso, idealizou-se um programa proporcional para o porte de 50 mil pessoas, respeitando a legislação local.

Assim, pensando nas diferentes tipologias de ambientes e equipamentos necessários para a realização do festival, o programa foi dividido em quatro setores, sendo estes: Social, Serviço, Eventos e Backstage. No qual, será detalhado a seguir, considerando seus ambientes, uma breve descrição, a quantidade, os equipamentos e sua área.

Setor Social

O Setor Social corresponde aqueles espaços que são usufruídos diretamente pelo público geral do evento. Por esse fator, possui a maioria dos ambientes do festival e a maior área em m².

Quadro do setor social.

Fonte: Autor (2024).

SOCIAL					
Ambiente	Quant.	Descrição	Equipamentos	Área total (m ²)	Observações
Terminal Solar	1	Estação de chegada dos ônibus ao evento	Plataformas	10.621	-
Entradas	3	-	Tendas, catracas e divisórias	9.562	-
Pórtico	1	Instalação para passagem de pedestres	-	93	-
Saídas de Emergência	4	-	-	102	-
Área de Público	1	Área livre destinada ao público para assistir aos shows e demais atividades	-	105.495	-
Área PCD	2	Local elevado destinado para pessoas com deficiência	-	225	-
Área VIP	1	Convidados especiais e patrocinadores	Buffet, freezer, mesa, cadeira, bancos, sofás e lounge	2.240	-
Praça de Alimentação	1	Local estabelecido para venda de alimentos e consumo de alimentos	Estandes de alimentação, mesa, cadeira e bancos	2.100	-
Estandes de Alimentação	5	Local estabelecido para venda de alimentos	Caixa, fogão, bancada freezer	348	-
Estandes de Bebidas (Bares)	16	Local estabelecido para venda de bebidas alcoólicas e não alcoólicas.	Caixa, bancada, freezer	464	-
Pontos de Hidratação	10	Local estabelecido para abastecimento de garrafas de água	Bebedouros	3.200	-
Sanitários	700	Local para necessidades fisiológicas	Bacia sanitária, cuba espelho	3.836	588 + 112 acessíveis
Loja de Produtos Oficiais	1	Loja para a comercialização de produtos oficiais do festival	Prateleiras, expositores, bancada e caixa	200	-
Estandes dos Patrocinadores	10	Local para as ativações das marcas e distribuição de brindes	-	560	-
Roda Gigante	1	-	-	550	-
Montanha Russa	1	-	-	3.096	-
Mega Drop	1	-	-	64	-
Total				37.366	-

Setor Eventos e de Serviço

EVENTOS					
Ambiente	Quant.	Descrição	Equipamentos	Área total (m²)	Observações
Palco Principal (Palco Farol)	1	Espaço para as principais apresentações artísticas do evento	Equipamentos de luz e som	552	-
Camarins com sanitários (Palco Farol)	6	Espaço destinado ao artista e equipe	Sofá, copa, frigobar, mesa espelho, wc, penteadeira ar condicionado	180	-
Palco Secundário (Palco Sanhauá)	1	Espaço para apresentações artísticas no evento	Equipamentos de luz e som	225	-
Camarins com sanitários (Palco Sanhauá)	3	Espaço destinado ao artista e equipe	Sofá, copa, frigobar, mesa espelho, wc, penteadeira ar condicionado, bacia sanitária, cuba e espelho	90	-
Total				1.047	-

Quadro do setor de eventos.

Fonte: Autor (2024).

Quadro do setor de serviços.

Fonte: Autor (2024).

SERVIÇOS					
Ambiente	Quant.	Descrição	Equipamentos	Área total (m²)	Observações
Posto Médico (Ambulatório)	1	Local de atendimento médico	Maca, mesa, cadeira e aparelhos médicos	200	-
Posto de Informações	1	-	Mesa e cadeira	40	-
Posto Segurança	2	-	Mesa e cadeira	160	-
Guarda Volumes	1	Local para aluguel de armários	Armários	120	-
Achados e Perdidos	1	-	Mesa, cadeira e armário	40	-
Espaços para Caixas Eletrônicas	1	Local com caixas eletrônicas para uso do público	-	20	-
Total				580	-

O Setor Eventos corresponde aos espaços no qual são destinados aos artistas e bandas que se apresentaram no festival.

O Setor de Serviços corresponde aos espaços no qual são destinados para atendimento ao público geral do evento.

Setor Backstage

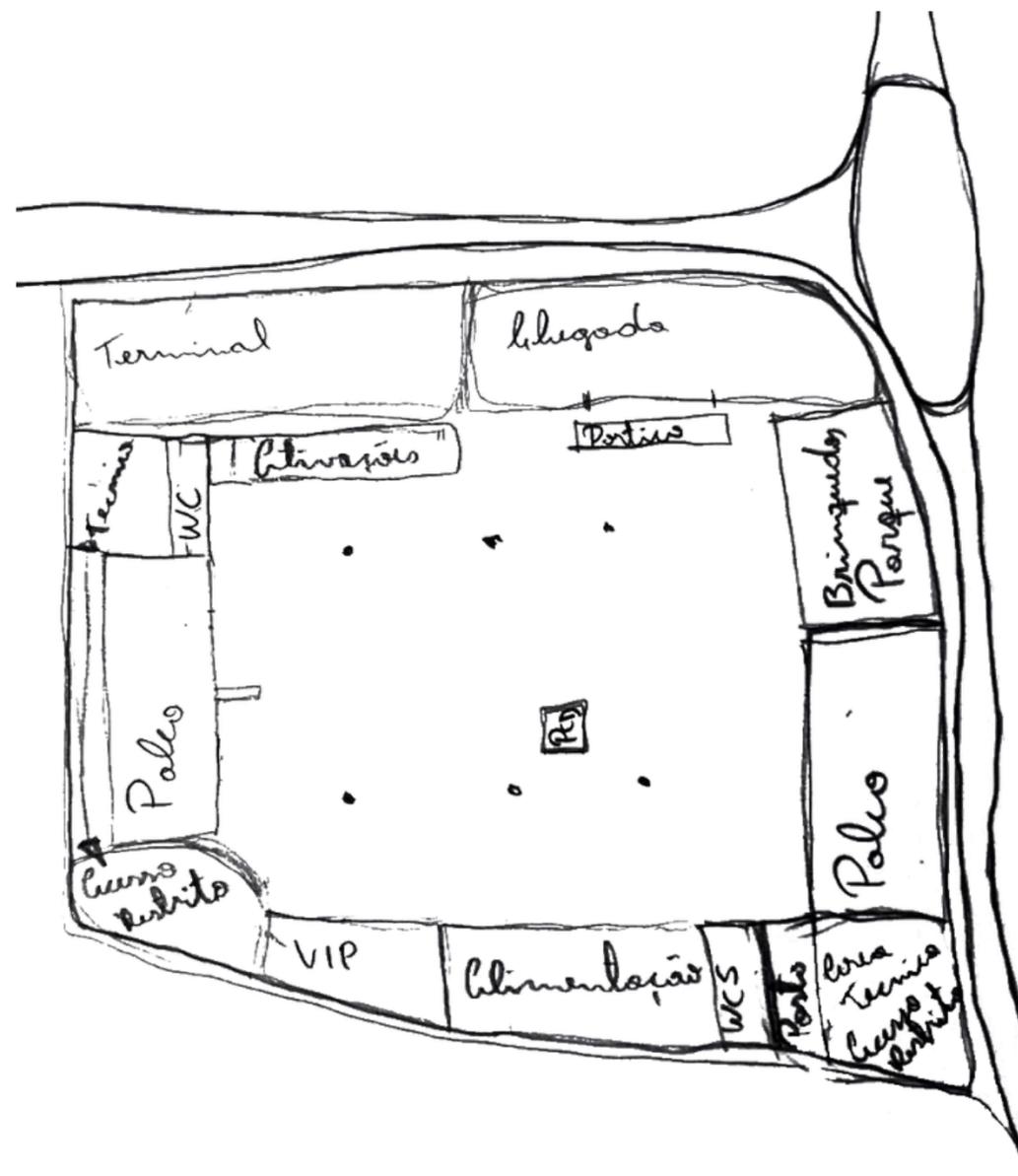
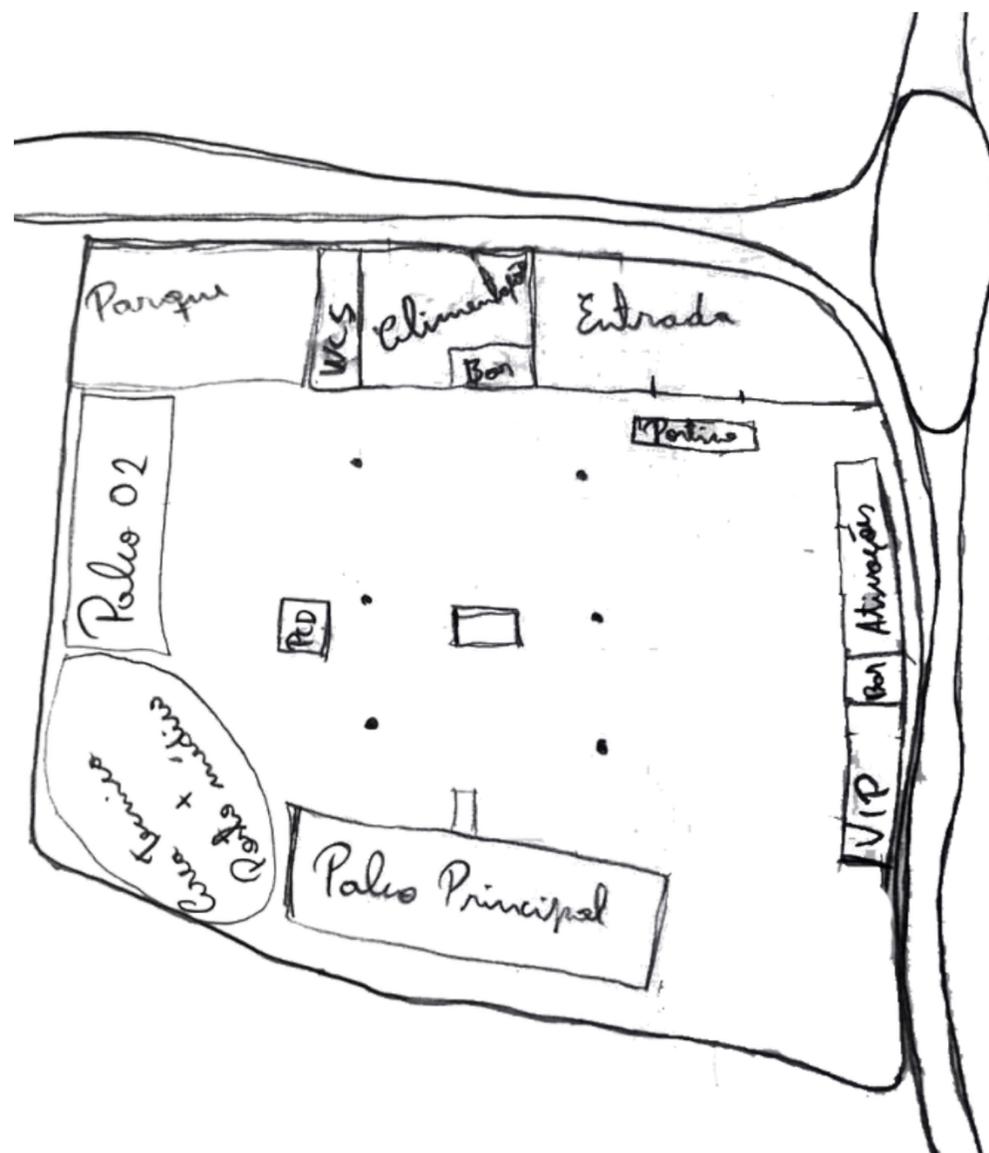
O Backstage corresponde aos espaços mais técnicos no qual são destinados a equipe que trabalhará no festival.

Quadro do setor backstage.

Fonte: Autor (2024).

BACKSTAGE					
Ambiente	Quant.	Descrição	Equipamentos	Área total (m ²)	Observações
Administração	1	Local de suporte administrativo e copa	Mesa, cadeira e armário	80	-
Espaço para Equipe	1	Espaço destinado a equipe do evento	Copa, refeitório, despensa, espaços para descanso, WCs e vestiários	820	-
Sala de Imprensa	3	Local de suporte à imprensa e copa	Mesa, cadeira e armário	160	-
Depósito de Equipamentos de Estrutura	1	Local para armazenagem	-	450	-
Depósito de Elementos Cenográficos	1	Local para armazenagem	-	450	-
House Mix	3	Espaço para controle técnico de iluminação e sonorização	Mesa de controle e computador	150	-
Espaço Geradores	6	Subestação de energia elétrica, gerador	Gerador	320	-
Áreas de Descarte de Resíduos	1	Local para armazenagem e coleta dos resíduos do evento	-	300	-
Total				2.730	-

Implantação



Croquis iniciais da implantação.

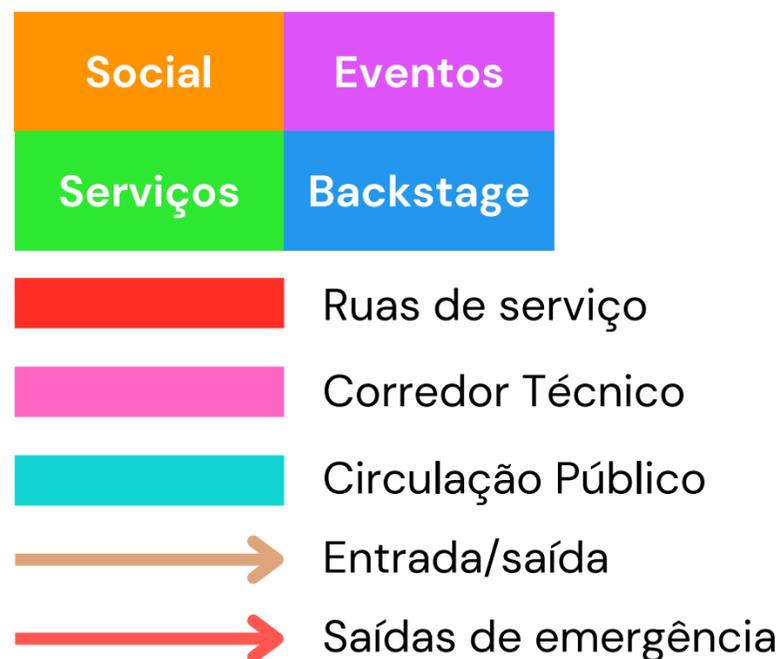
Fonte: Autor (2024).

Os primeiros esboços das ideias a respeito da implantação do projeto se deu a partir de croquis, no qual se buscou investigar o melhor posicionamento dos equipamentos, considerando principalmente a posição dos palcos para que tivesse um lugar de destaque no projeto.

Além disso, desde o início, o acesso foi pensado para que acontecesse a partir da Av. Hilton Solto Maior para facilitar o acesso.

Com base no conceito do festival e a relações dos palcos Sanhauá e Farol, a proposta inicial de setorização do projeto consiste em se apropriar das extremidades do terreno para alocar a maior quantidade de equipamentos, permitindo que o meio dele seja usado como área de público.

Outra questão a ser mencionada seria a utilização das ruas laterais apenas para uso técnico e para evacuação das saídas de emergência.



Estudo de manchas da implantação.
 Fonte: Autor (2024).

Implantação



O resultado da implantação do festival segue a base do que foi mostrado no estudo de manchas, entretanto algumas alterações foram feitas para atender melhor o projeto, considerando as questões de fluxos, equipamentos e topografia. Entretanto, o resultado concretiza o conceito do projeto.

Implantação do projeto.

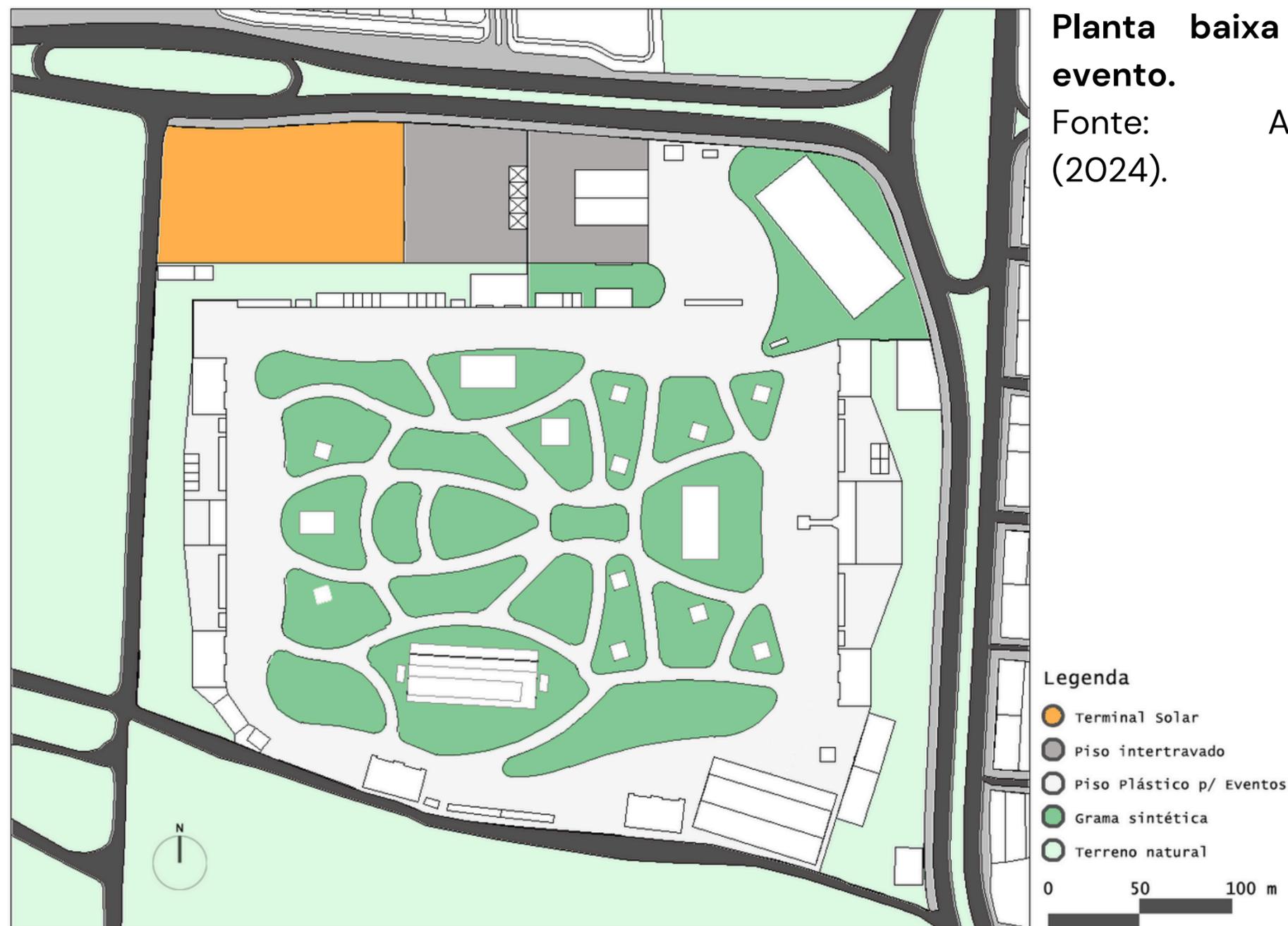
Fonte: Autor (2024).

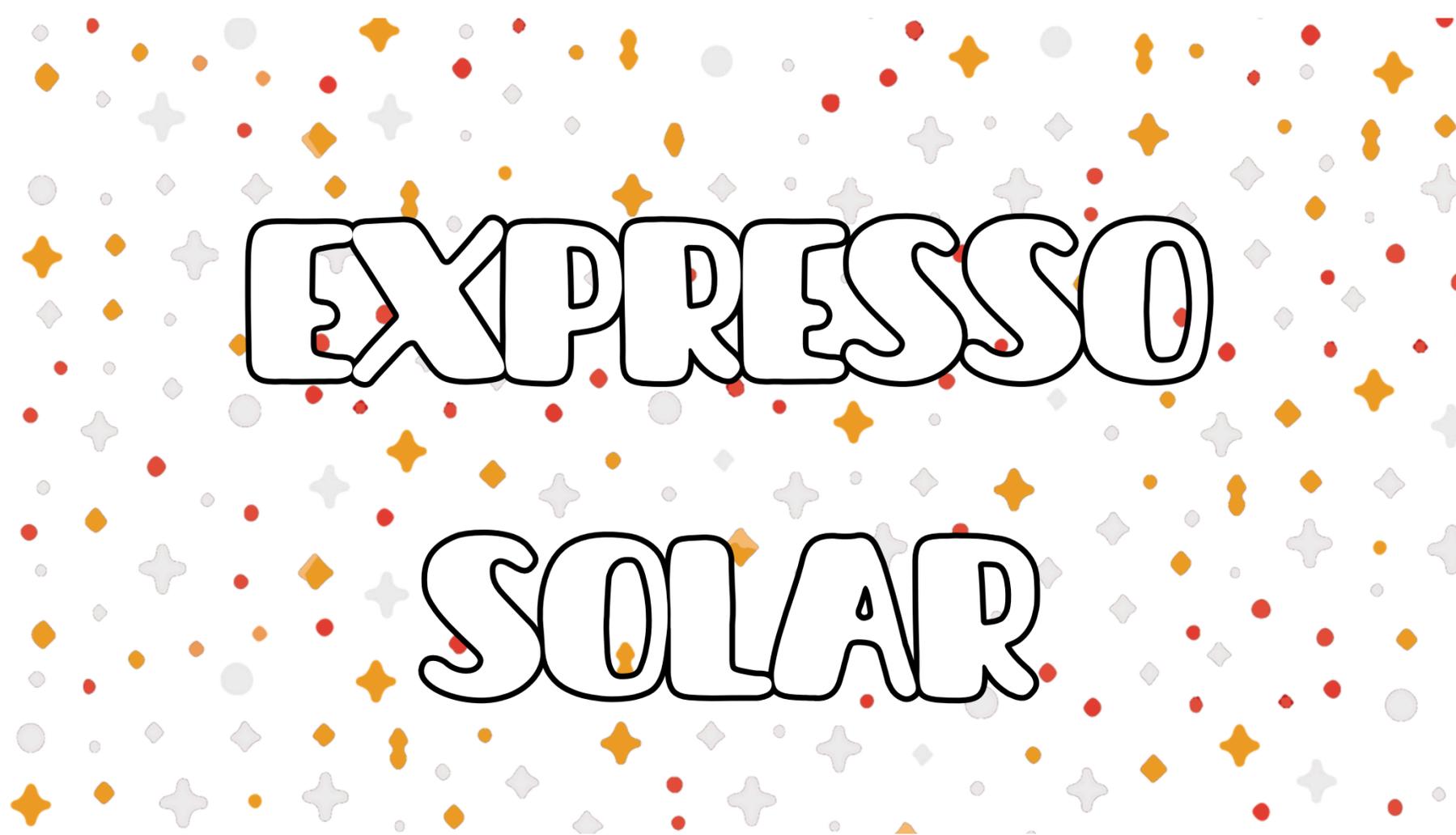
Planta Baixa

A planta baixa do projeto nos mostra a relação dos equipamentos e sua implantação, mas também nos revela a paginação do piso que foram considerados para o projeto.

Por se tratar de um evento efêmero, foram pensados alguns materiais que não fossem fixos e que poderiam ser retirados ao final do festival e reutilizados. Com isso, optou-se por manter o terreno natural em algumas áreas, zonas essas de acesso mais técnico, enquanto para a entrada, foi escolhido o piso intertravado.

Para as áreas de passeio do público, optou-se pelo piso plástico para eventos, que são pisos modulares colocados sobre o solo e ainda, a criação de espaços com grama sintética.



The background of the title is a white space filled with scattered confetti and stars in shades of orange, red, and grey. The text 'EXPRESSO SOLAR' is centered in a large, white, rounded, outlined font.

EXPRESSO SOLAR

Assim como já acontece em outros grandes eventos, como o Rock in Rio e o Carnaval de Pernambuco nas cidade de Recife e Olinda, que criam rotas de ônibus expressos que são exclusivas para eles, como o Rock Express e o Expresso da Folia, esse trabalho também propõe a criação de um sistema de expresso para o evento, sendo ele o Expresso Solar.

Expresso Solar

O Expresso Solar contará com três linhas que levaram o público até o terminal Solar, localizado no próprio terreno do projeto.

Linha Azul - 18,6 km - 24 min

Ida: Plaza - BR - Av. Hilton Solto Maior

Volta: Av. Hilton Solto Maior - BR - Plaza

Linha Rosa - 13,3 km - 25 min

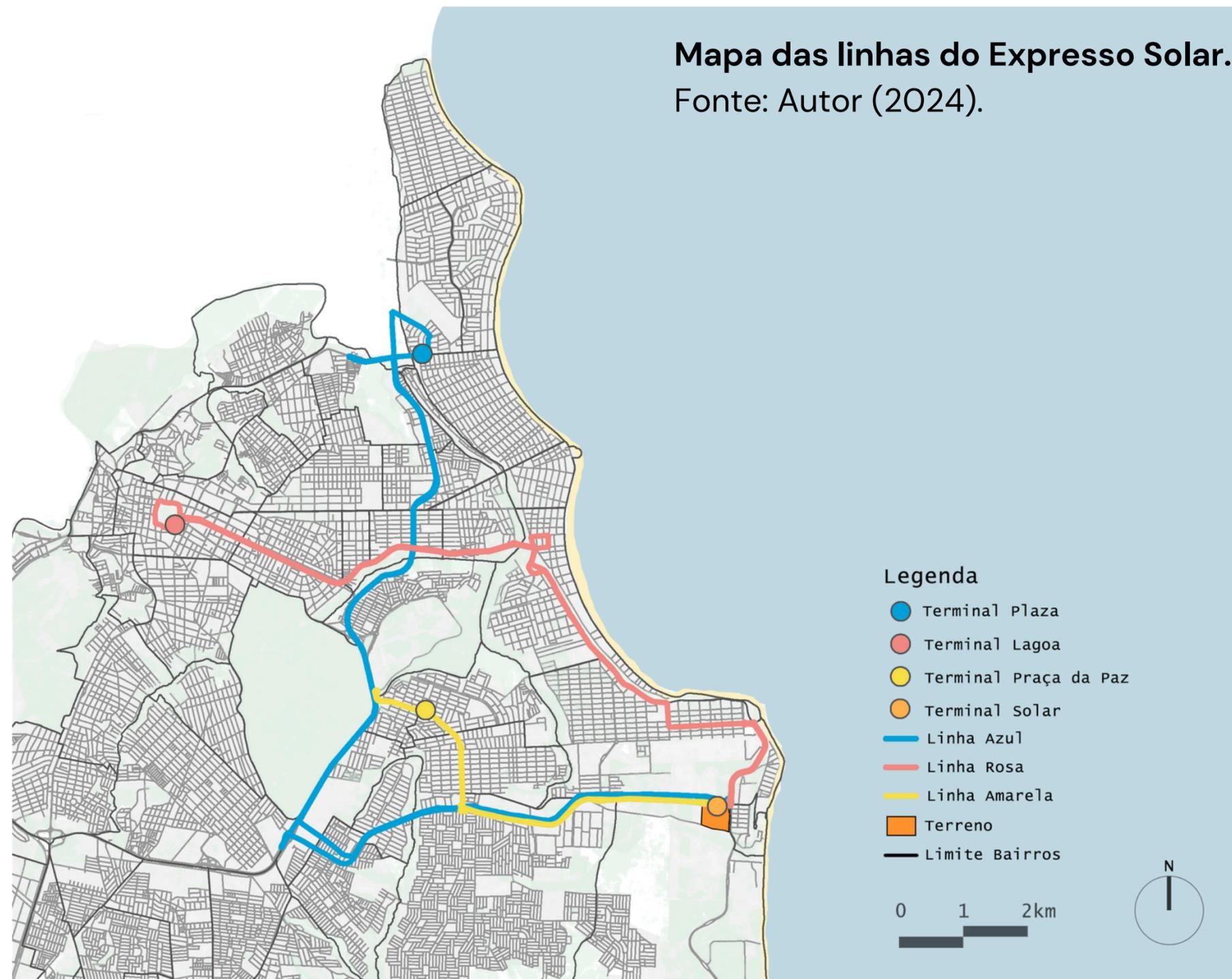
Ida: Lagoa - Torre - Beira Rio - Altiplano

Volta: Altiplano - Beira Rio - Torre - Lagoa

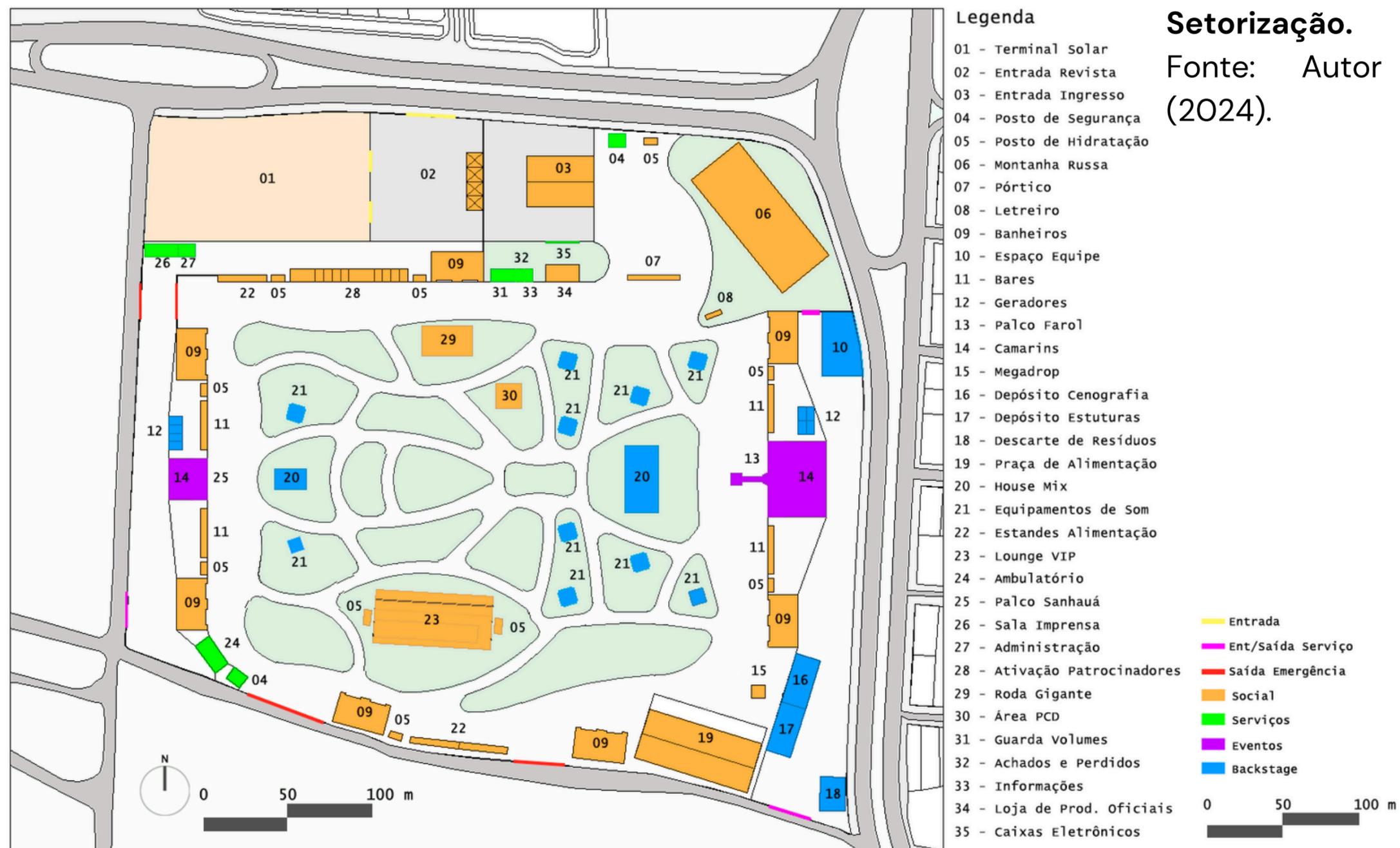
Linha Amarela - 7,9 km - 12 min

Ida: Praça da Paz - Av. Hilton Solto Maior

Volta: Av. Hilton Solto Maior - Praça da Paz



Setorização



Todo o programa de necessidades do evento foi então alocado no terreno seguindo os setores mencionados anteriormente, no qual, no mapa está representado por suas cores e o número indicando qual é o equipamento.

Além disso, pode-se visualizar o posicionamento das entradas de público, de serviço e as saídas de emergência.

Mapa temático para o público

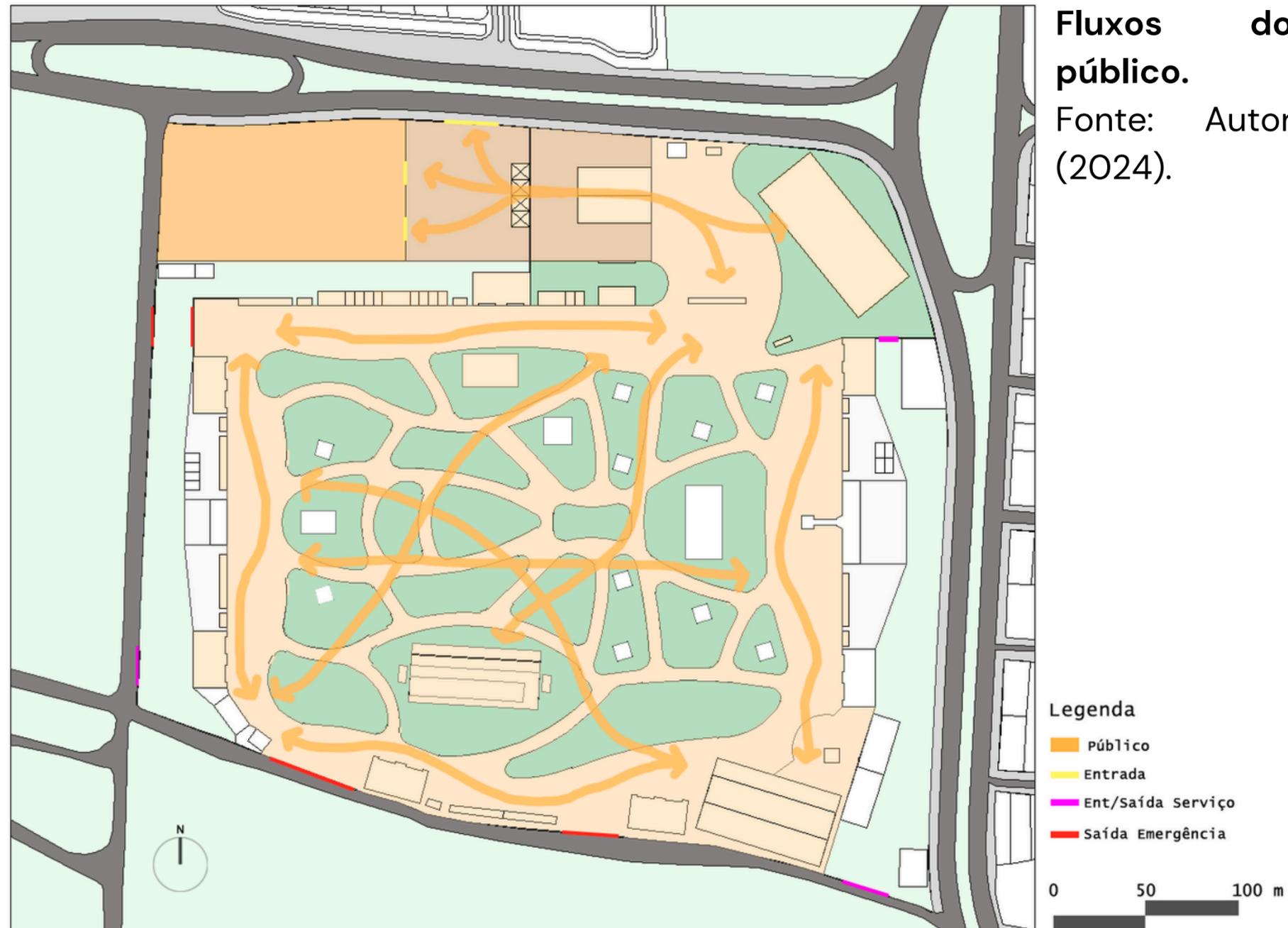
A partir da setorização, também foi pensado em um mapa temático de orientação para o público do festival, mostrando onde estão todos os equipamentos de interesse dos participantes.



Mapa temático para o público.

Fonte: Autor (2024).

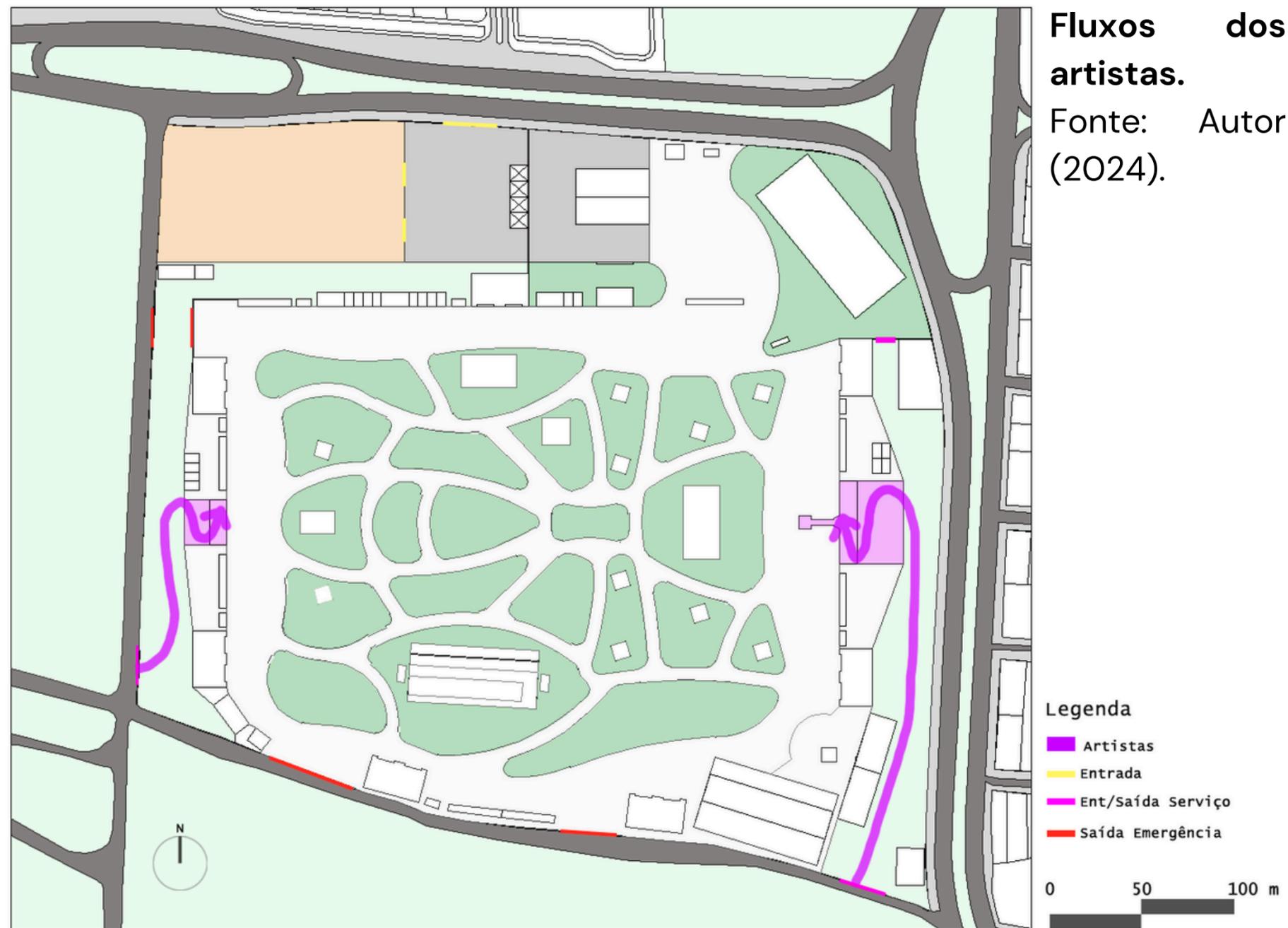
Fluxos do público



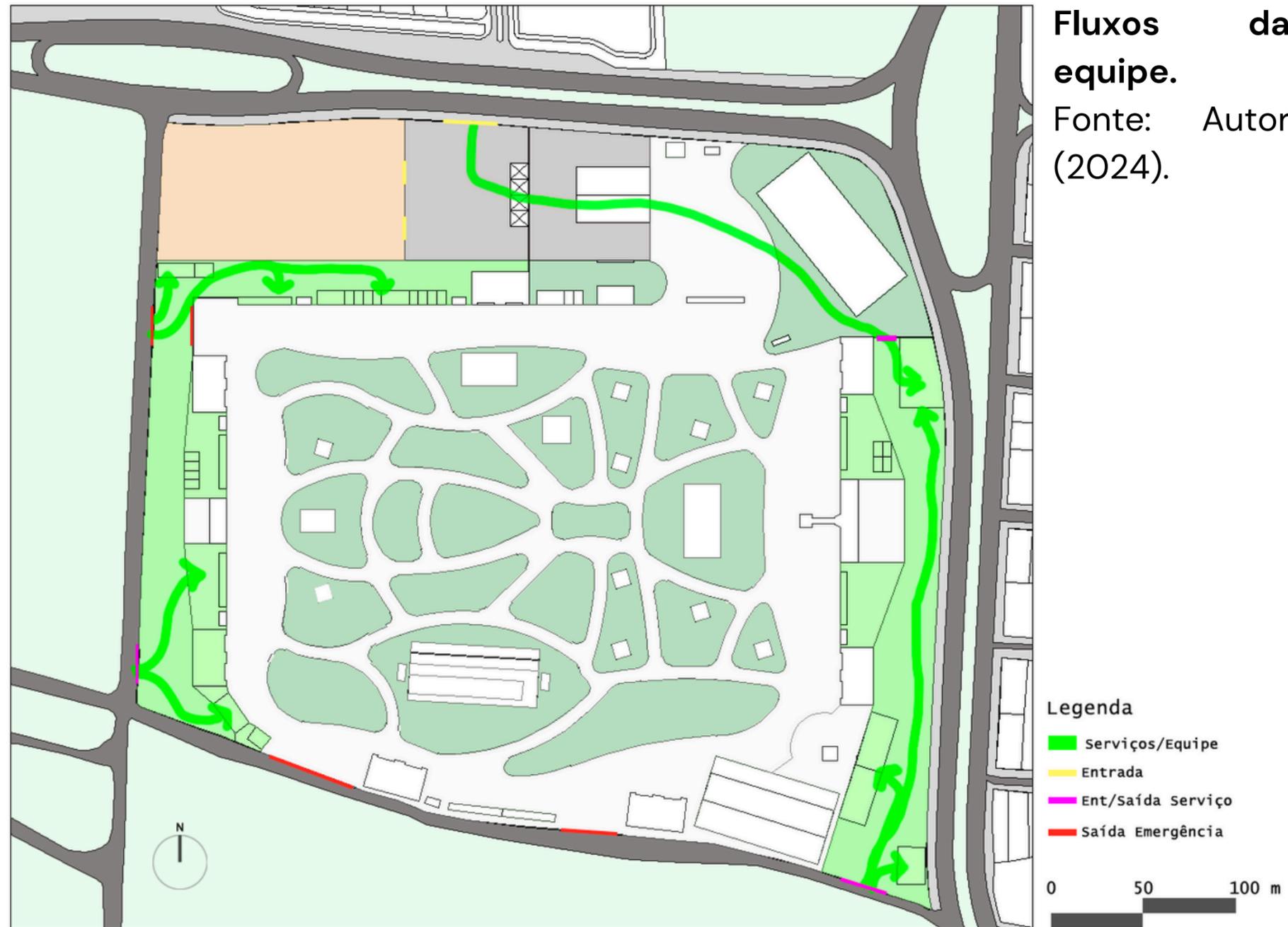
Diante da diversidade de atividades que o evento oferece ao seu público, cada um tem a liberdade de criar o seu próprio roteiro de atividades e itinerários que desejar, isso se caracteriza como a experiência individual de cada participante. Pensando nisso, as setas representam apenas algumas possibilidades de fluxos que podem acontecer.

Fluxos dos artistas

Os artistas e bandas utilizaram das entradas de serviço e irão diretamente para o setor de eventos, seguindo para seus camarins e depois para o palco.



Fluxos da equipe

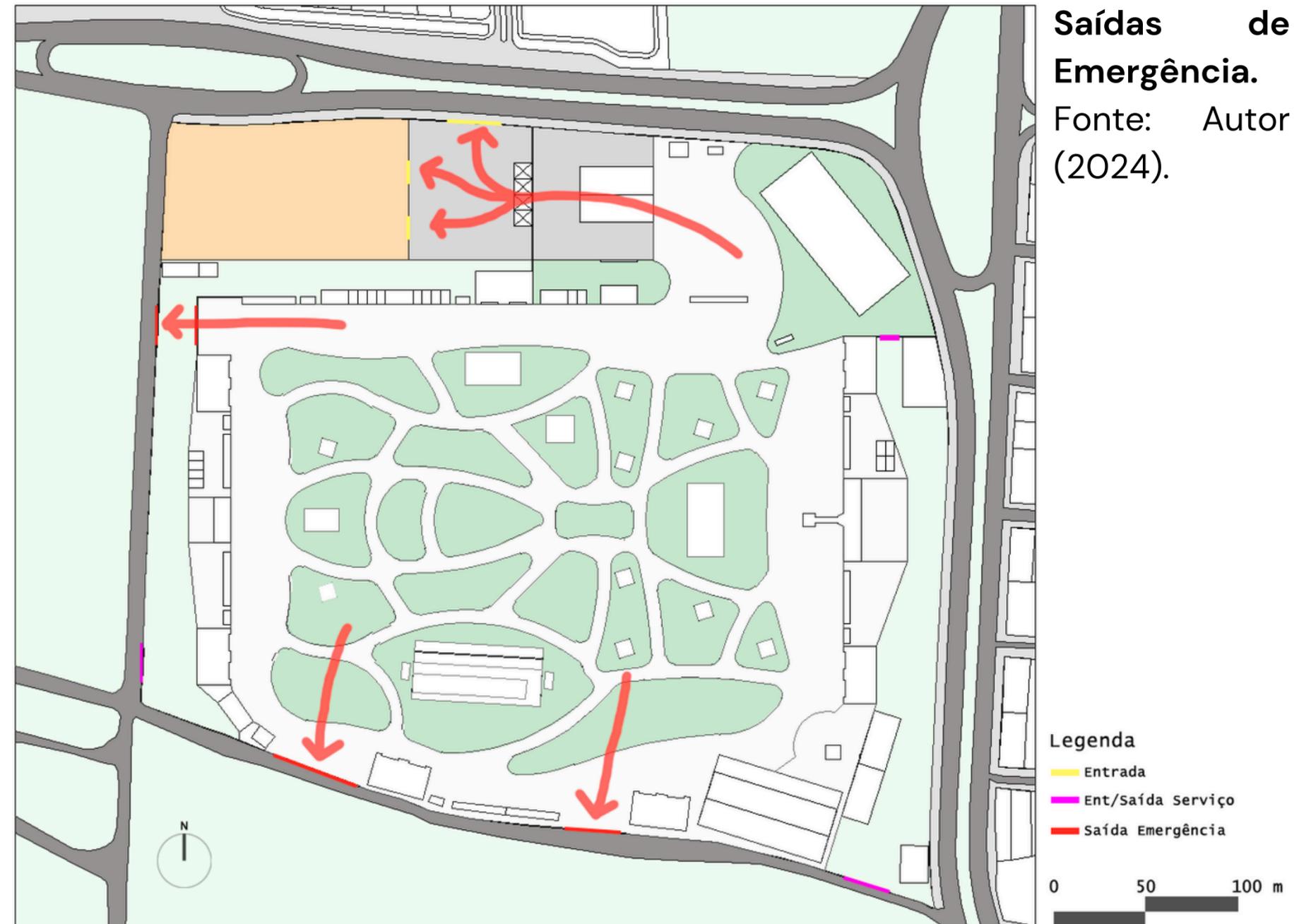


A equipe que trabalhará no evento poderá utilizar tanto da entrada geral do público, quanto das entradas de serviço para chegarem aos seus postos de trabalho. Entranto, os seus fluxos se concentraram nas áreas atrás dos palcos e atrás das ativações das marcas.

Saídas de Emergência

A partir da **Norma Técnica N° 01/2023 Parte II que trata do Procedimento Administrativo de Regularização de Eventos Temporários**, do Corpo de Bombeiros da Paraíba, foi visto que seriam necessário 100,20m de saídas de emergência para o evento.

Desta forma, foram destinados 102m de saídas de emergência dividido em três áreas no qual levam as duas ruas de serviço, sendo elas: uma a oeste, perto da área das ativações das marcas; as duas outras foram posicionadas na parte sul do terreno, mais próximas às áreas de concentração de público para assistir aos shows, da área VIP e da praça de alimentação. Além disso, as entradas do evento também podem servir como saída de emergência.



Os Palcos



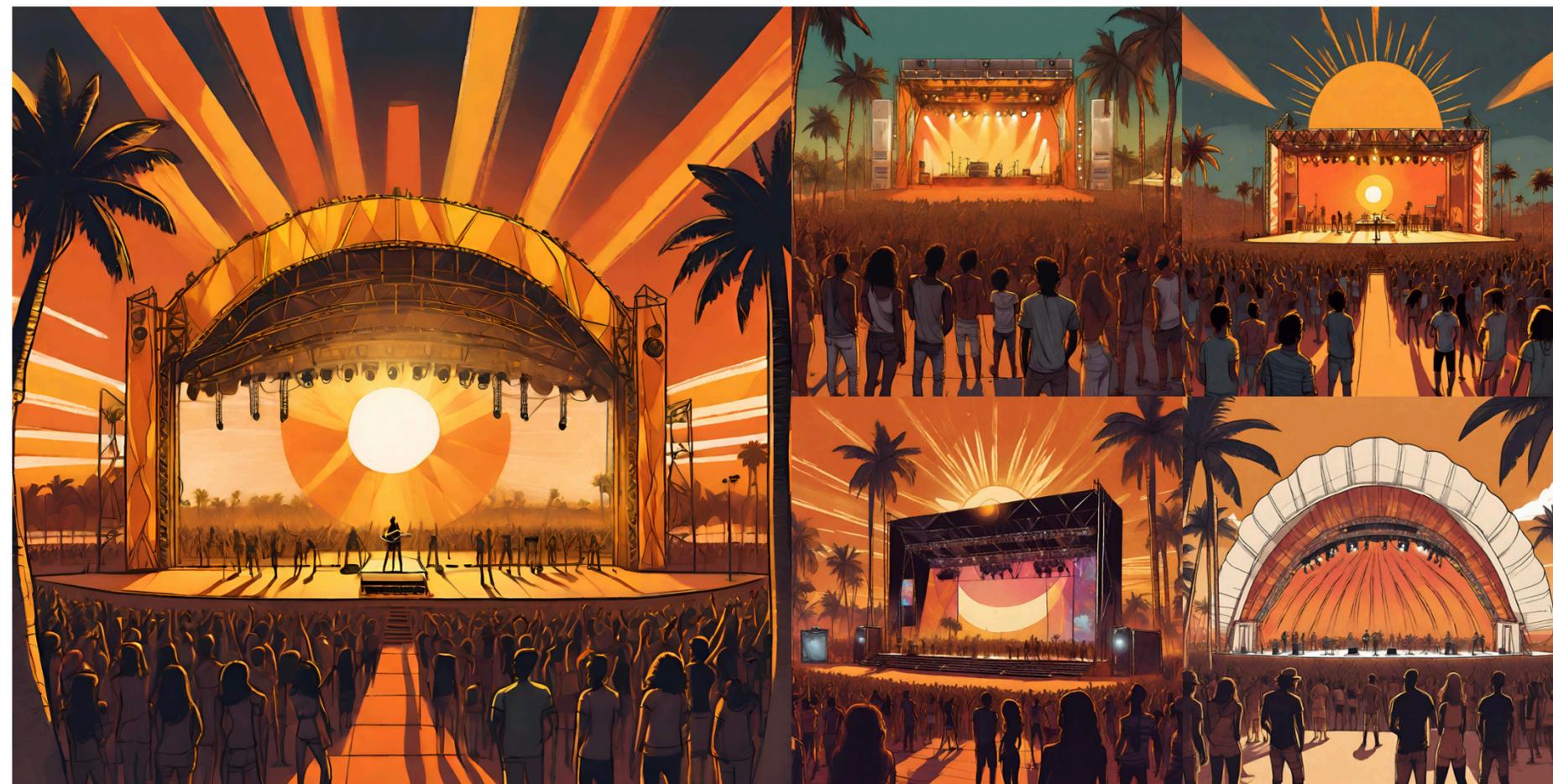
Retorno para o Centro Histórico – Mapa de João Pessoa.

Fonte: Villa Sanhauá (2021).

Inspirado pelo processo de expansão da cidade de João Pessoa do rio para o mar, os 2 palcos do Festival Solar serão batizados na intenção de homenagear a história da cidade, sua cultura e arquitetura. O palco principal será chamado Farol, enquanto o secundário será o Sanhauá. Desta forma, os shows se iniciarão no Sanhauá no pôr do sol e acabaram no Farol com o nascer do sol.

Os Palcos

Os primeiros estudos a respeito dos palcos foram a criação de imagens a partir de Inteligência Artificial, onde foram colocadas palavras-chave como o sol, forma de concha, e também a localização que seria na cidade de João Pessoa.



Palco com conceito solar.

Fonte: IA Canva (2024).

Palco Farol

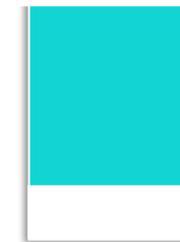
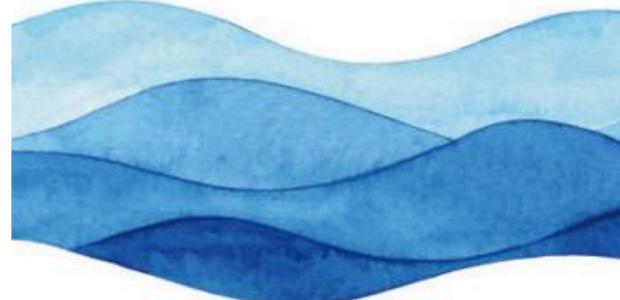


Painel Palco Farol.
Fonte: Autor (2024).

Palco Farol

O palco Farol é o principal do evento e recebe este nome com o intuito de homenagear a tão bonita e famosa orla da cidade, sendo está um dos seus principais cartões postais. Este palco representará o litoral, o mar e o nascer do sol.

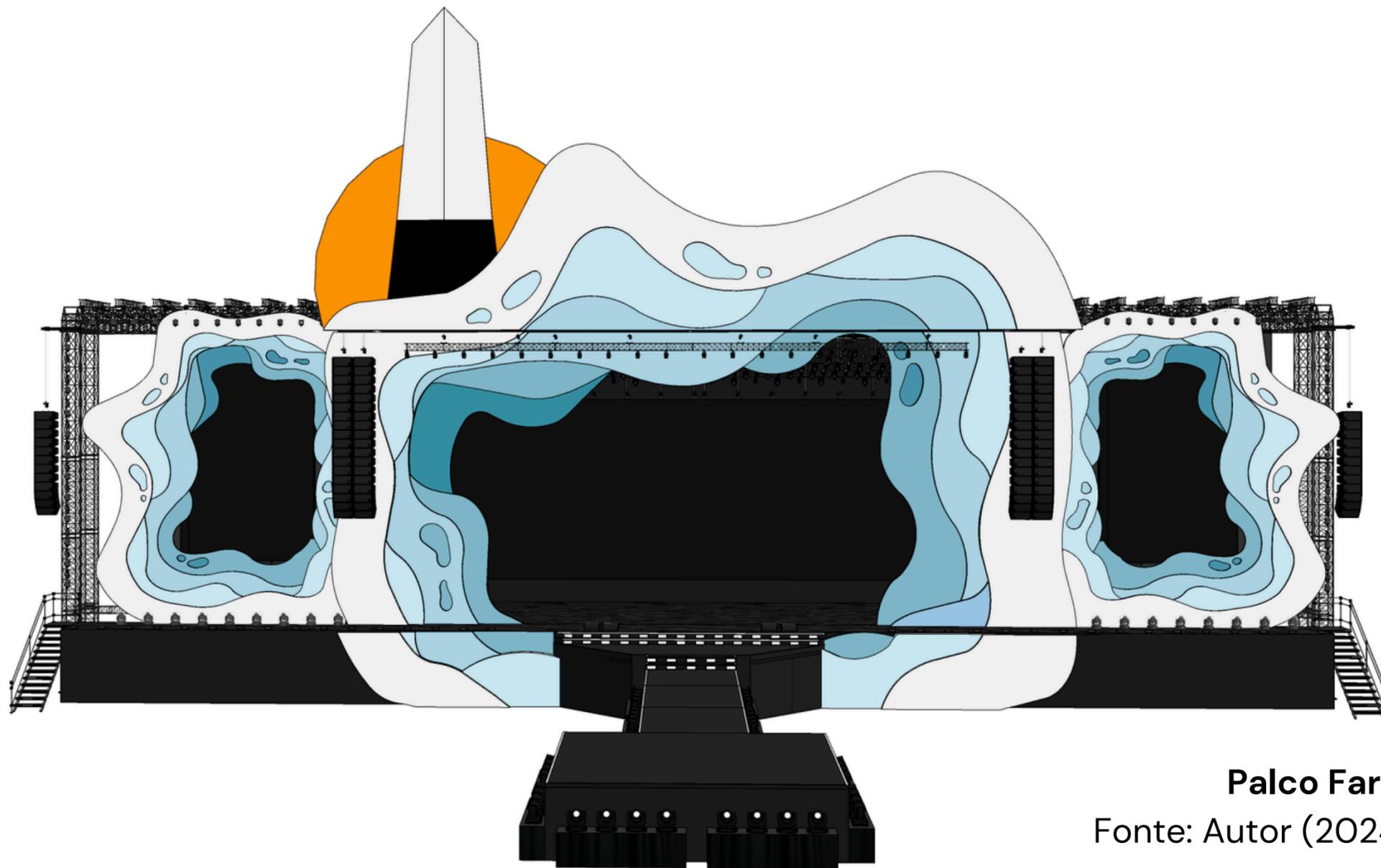
A ideia central deste palco seria trabalhar o mar, o movimento das ondas, a partir de planos seriados de diferentes tons de azul, trazendo uma aparência mais conceitual, abstrata do que algo mais literal. Porém, foi também adicionada a silhueta do farol de Cabo Branco e o sol, visto que são dois símbolos da orla da cidade.



Croqui Palco Farol.
Fonte: Autor (2024).



Palco Farol



Palco Farol.
Fonte: Autor (2024).

“No mar, ao longe é possível enxergar o farol ao fundo sinalizando a costa.”

Palco Farol

Palco Farol.
Fonte: Autor (2024).

Ficha Técnica:

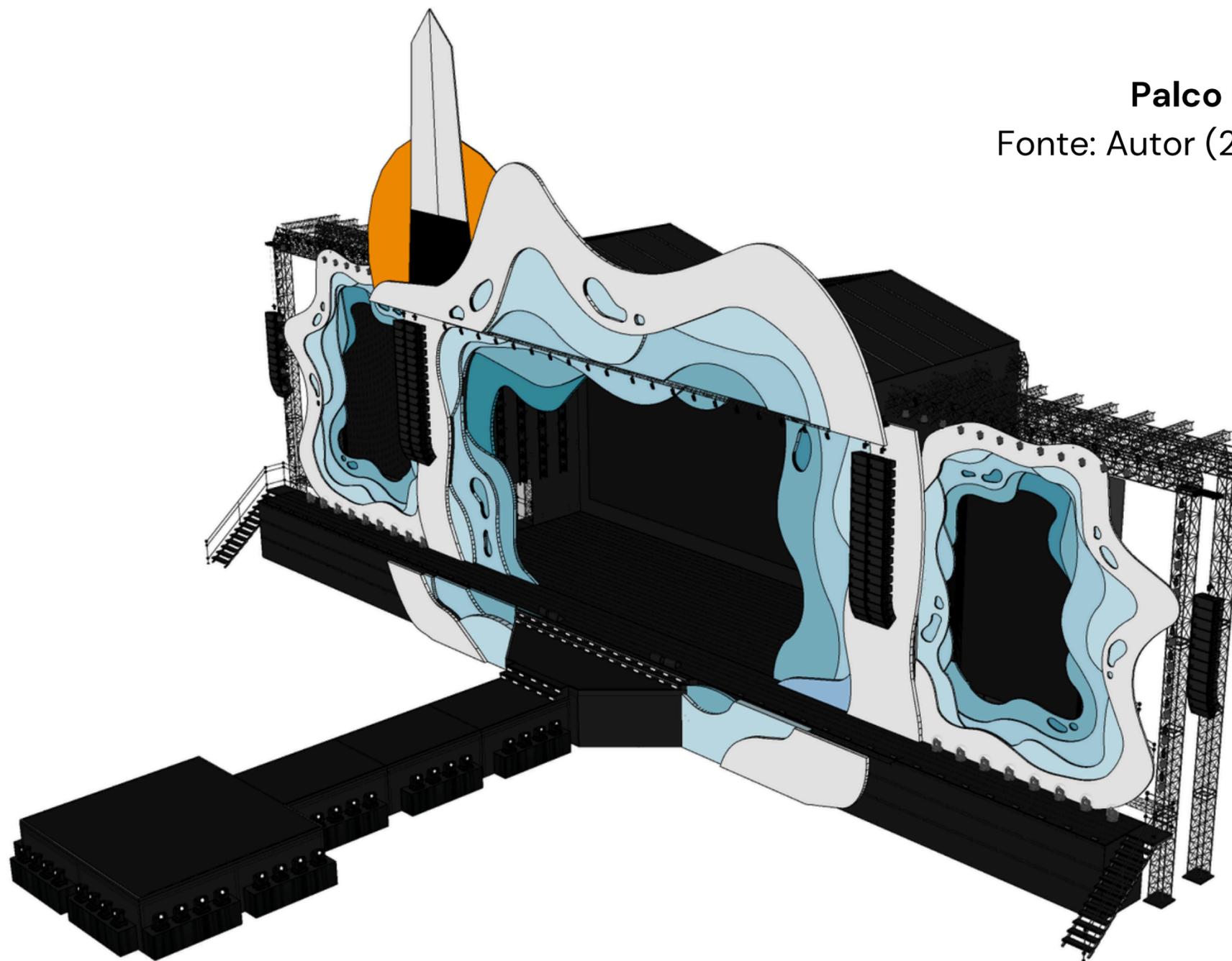
Comprimento: 45,00 m

Largura: 9,00 m

Altura: 25,00 m

Boca de cena: 23,00 m

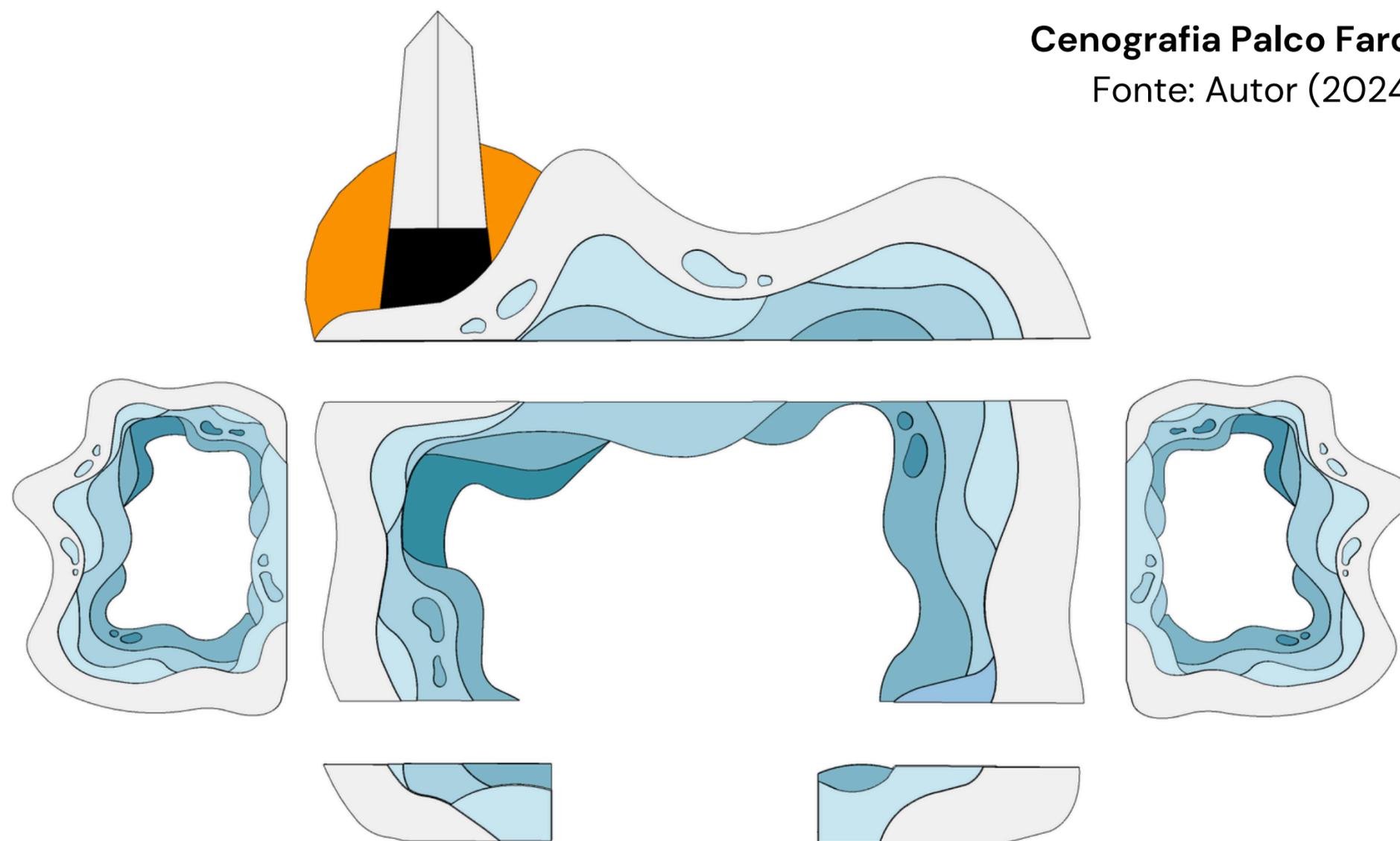
Passarela: 21,50 m de extensão



Palco Farol

Cenografia Palco Farol.

Fonte: Autor (2024).



A materialidade da cenografia do palco consiste em várias peças de compensado naval, cortadas e pintadas a partir da referência de tamanho e cor especificadas.

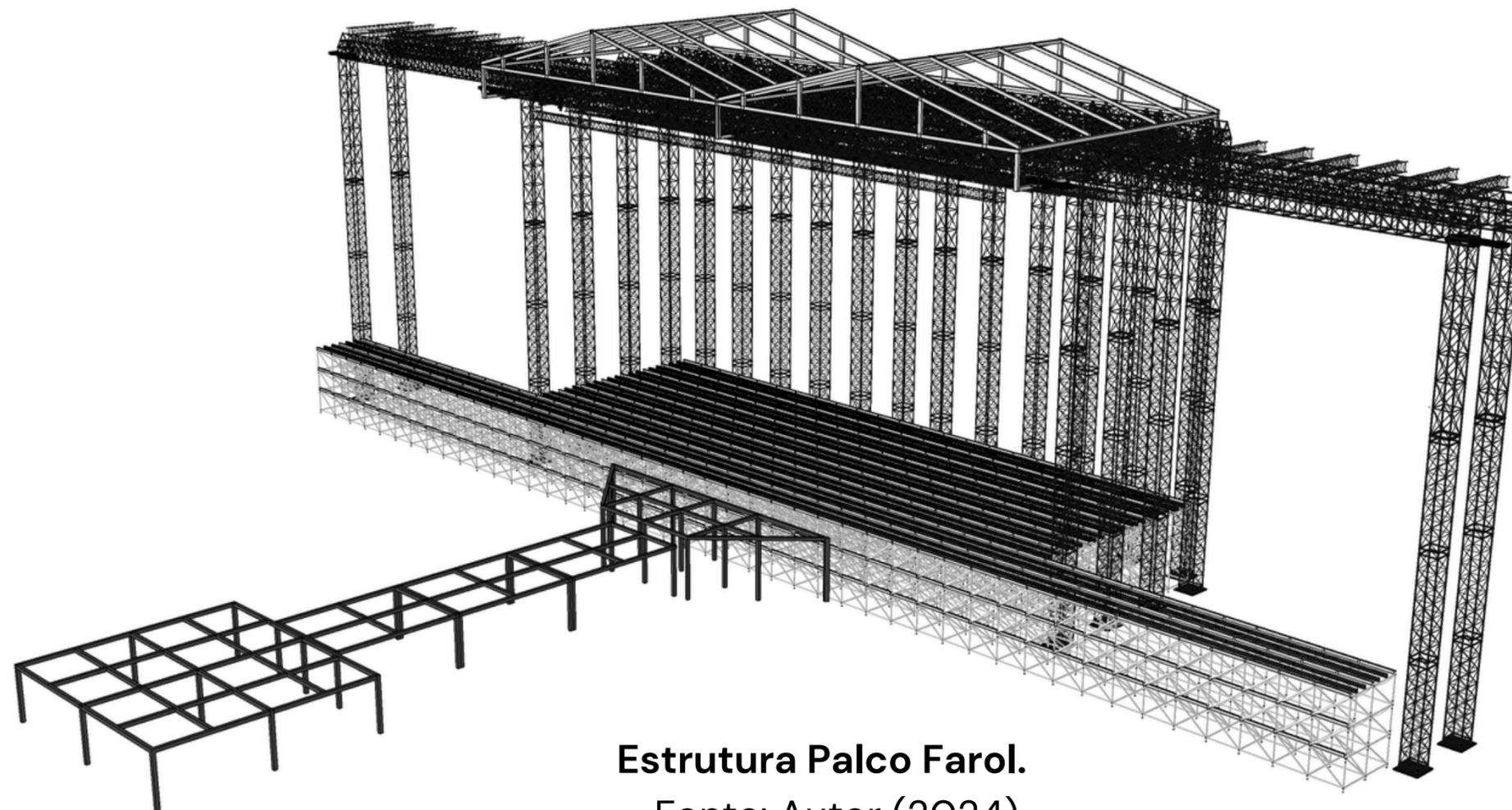
Essas peças serão agrupadas e sobrepostas para criar camadas e atribuir profundidade ao palco, remetendo a ideia de que se estar entrando cada vez mais no mar a cada camada.

Palco Farol

A estrutura do palco Farol é toda em estrutura metálica, entretanto, uma combinação de diferentes estruturas.

A base do piso do palco é formada por andaimes metálicos, enquanto a passarela é feita piso praticável.

Os pilares de sustentação e vigas são todas no sistema Box Truss Q - 30 e Q- 50.



Estrutura Palco Farol.
Fonte: Autor (2024).

Palco Sanhauá

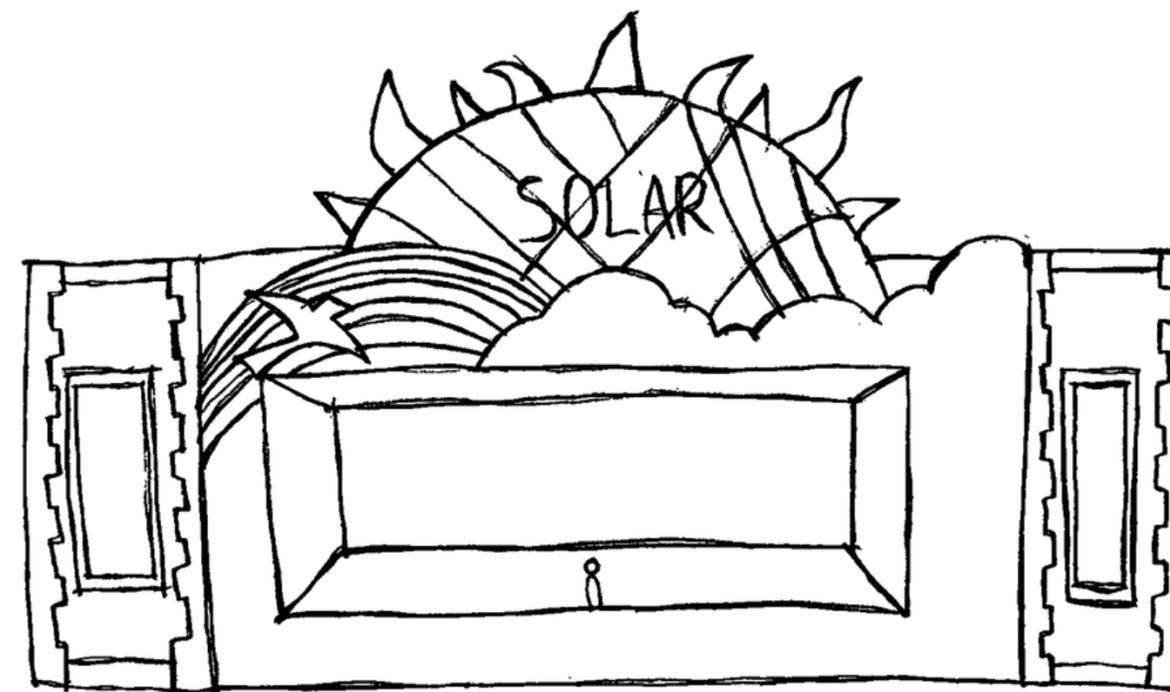
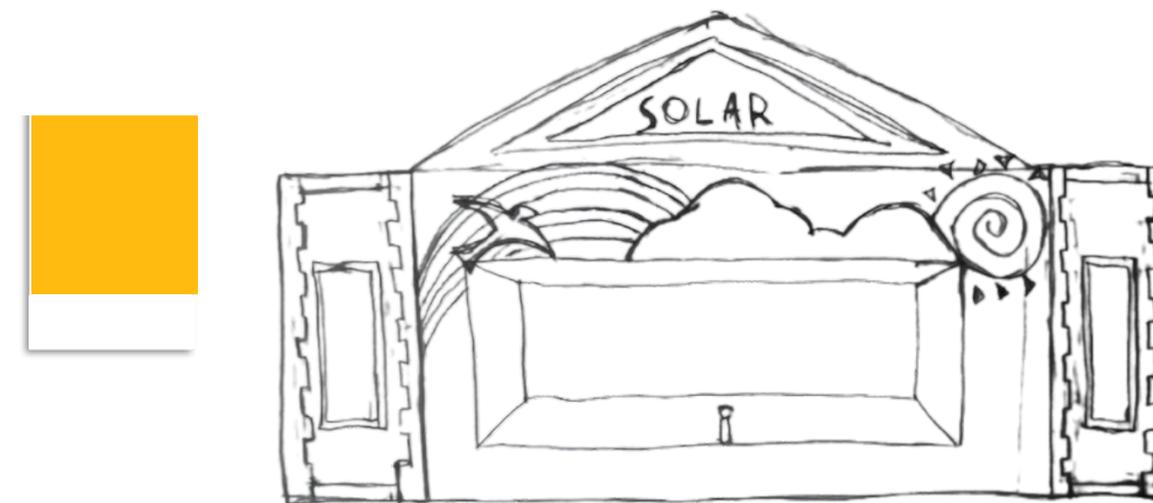
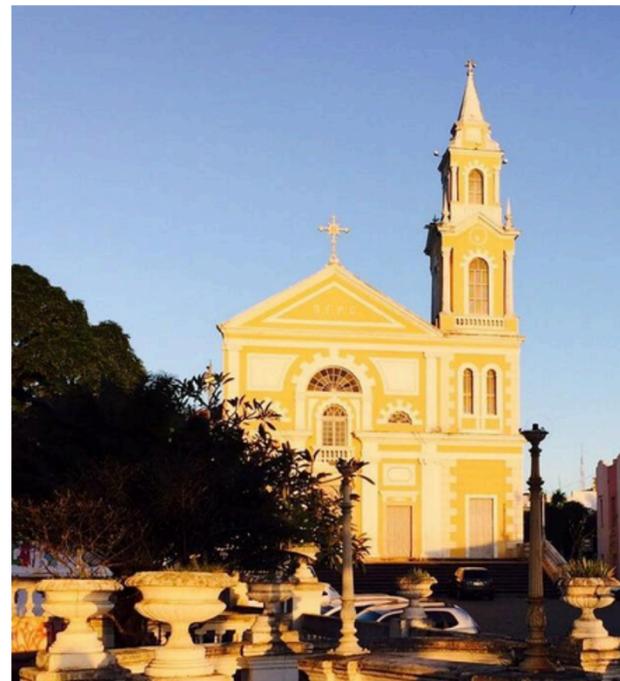


Painel Palco Sanhauá.
Fonte: Autor (2024).

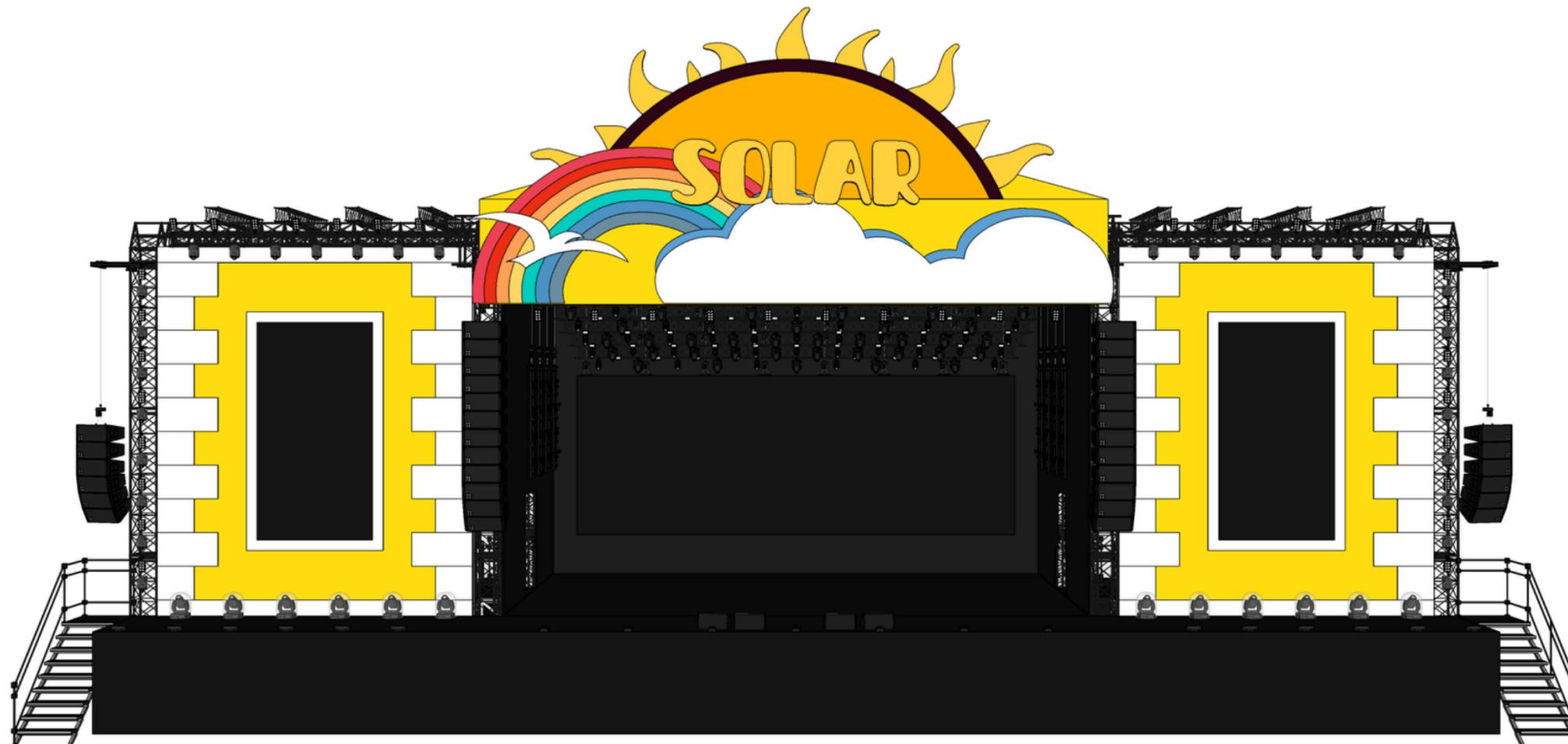
Palco Sanhauá

O palco Sanhauá recebe este nome com o intuito de homenagear a cidade baixa, palco de diversos cartões postais históricos da cidade. Este palco representará a fundação da cidade, o rio e o pôr do sol.

Neste palco serão trabalhados 2 elementos da região: a Igreja de São Frei Bento Gonçalves e o transporte ferroviário, visto que é nessa região que está a sede da CBTU, entretando, o modelo referenciado é o antigo trem utilizado para transporte de passageiros. No qual, foram escolhidos por possuírem um elo de ligação: a sua cor amarelo.



Palco Sanhauá

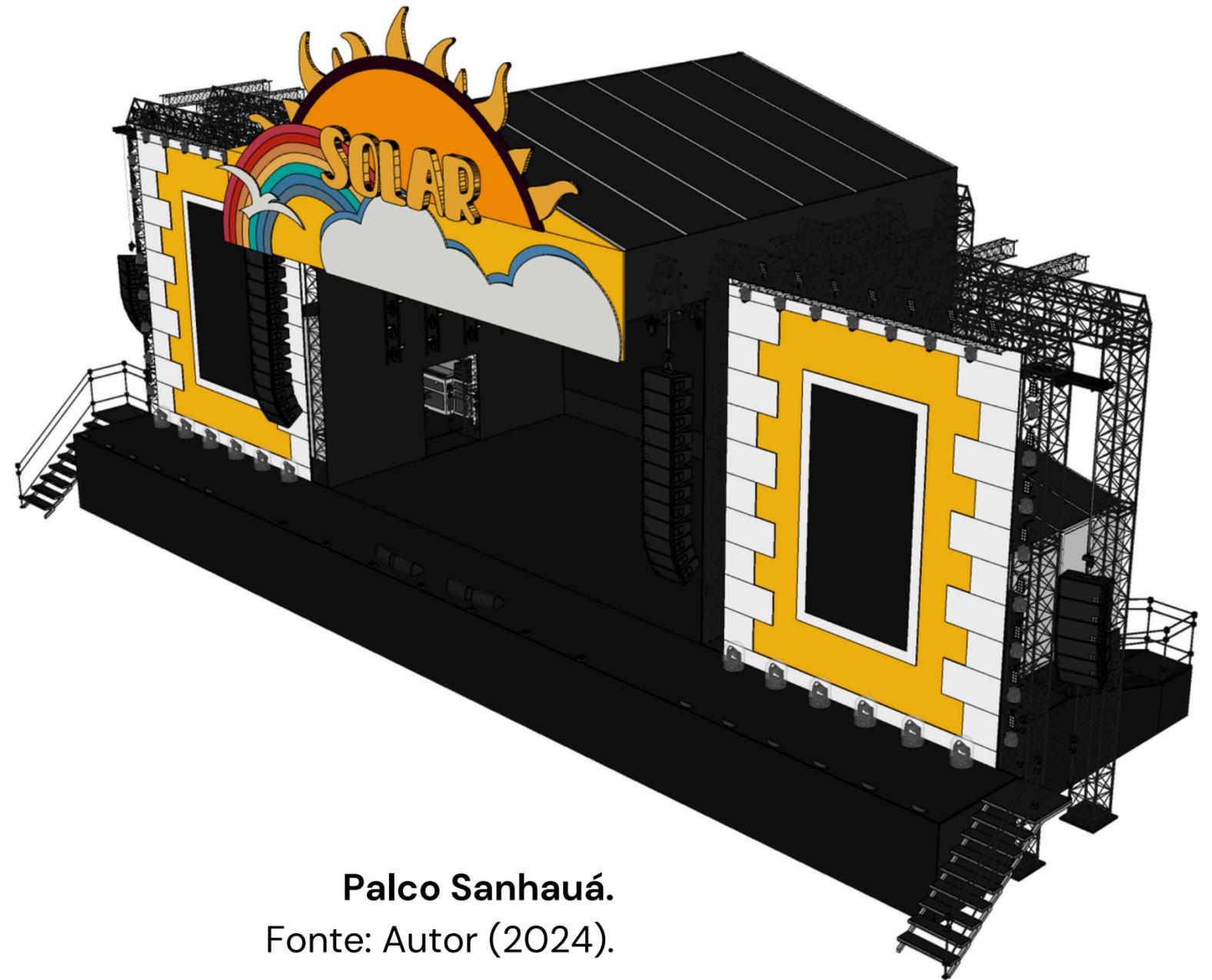


Palco Sanhauá.

Fonte: Autor (2024).

“A cidade baixa, lugar onde o sagrado e o profano celebram a festa.”

Palco Sanhauá



Ficha Técnica:

Comprimento: 25,00 m

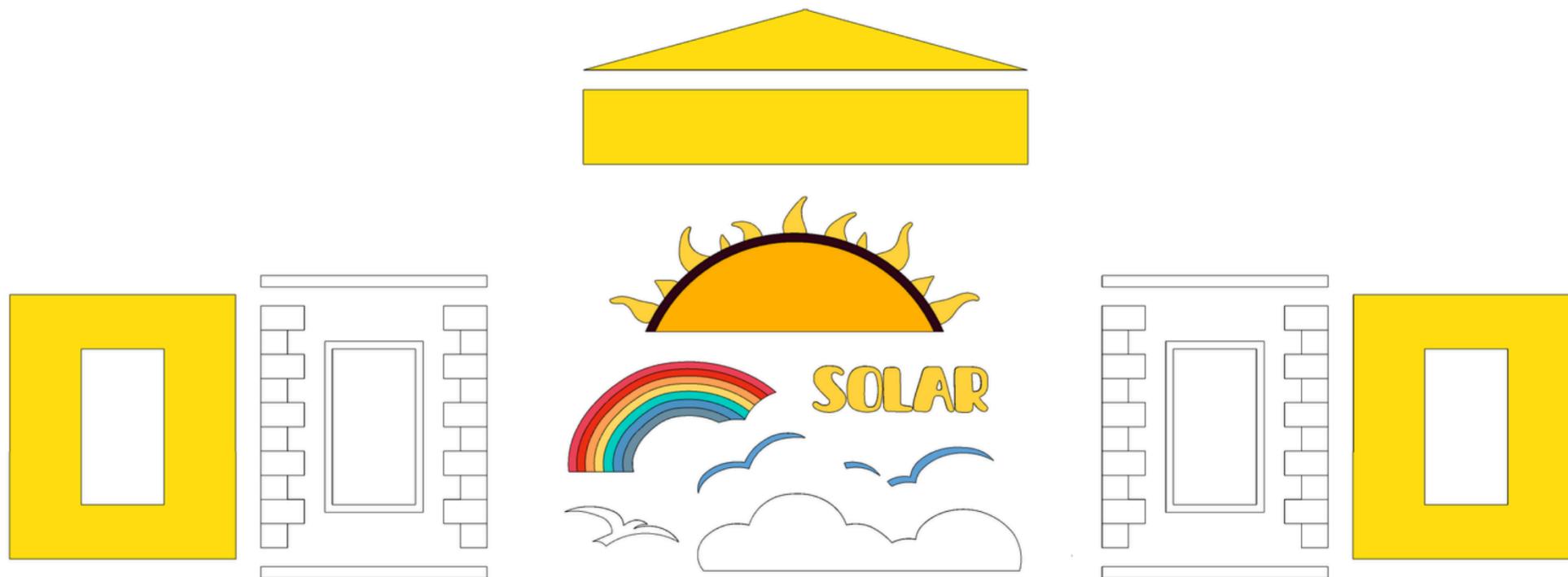
Largura: 9,00 m

Altura: 12,50 m

Boca de cena: 11,00 m

Palco Sanhauá.
Fonte: Autor (2024).

Palco Sanhauá



Cenografia Palco Sanhauá.

Fonte: Autor (2024).

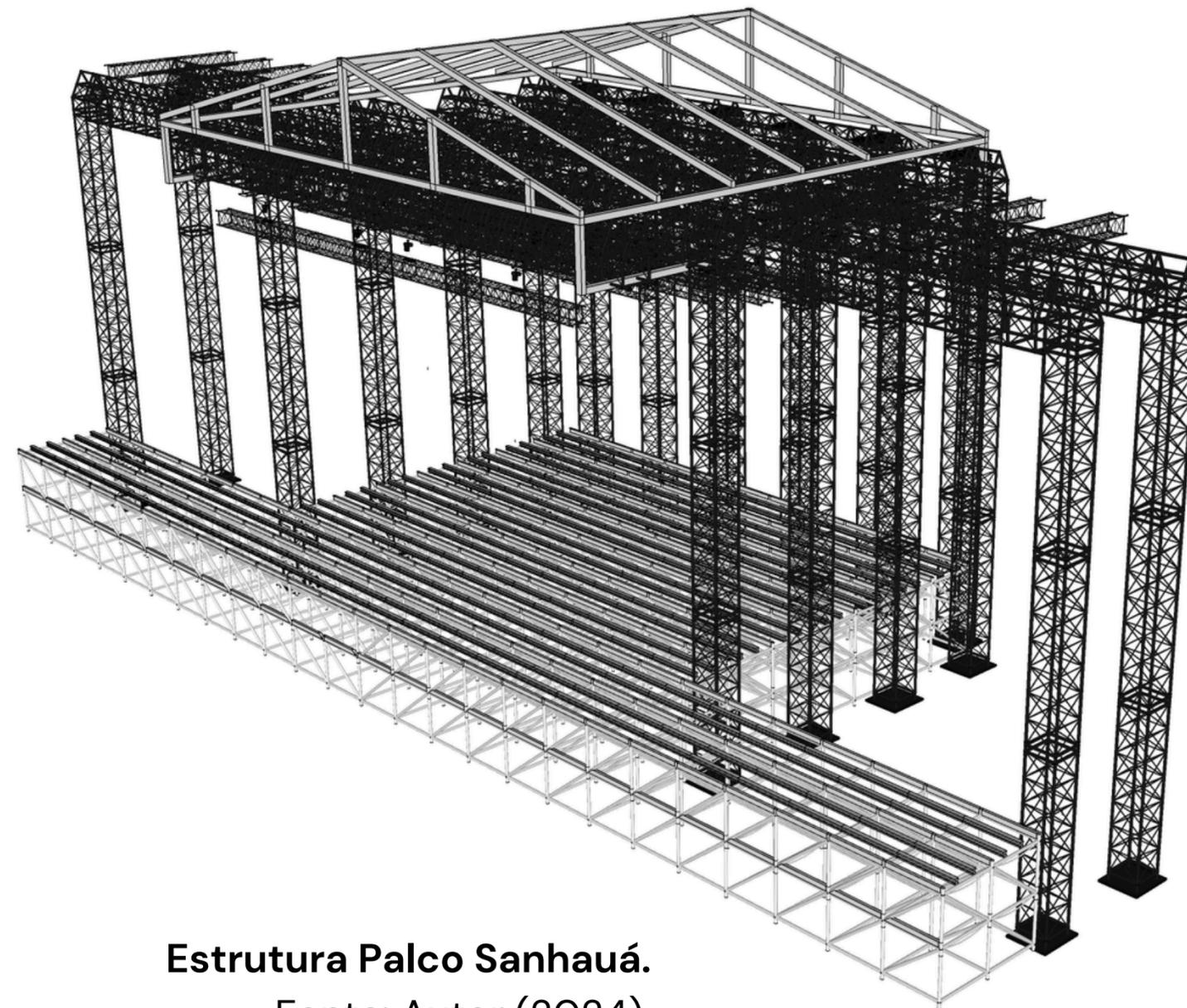
A materialidade da cenografia do palco consiste em várias peças de compensado naval, cortadas e pintadas a partir da referência de tamanho e cor especificadas.

Essas peças serão agrupadas e sobrepostas para criar camadas, onde no frontão, podemos perceber a representação do trem, e os telões a representação da igreja de São Frei Bento Gonçalves.

Palco Sanhauá

A estrutura do palco Sanhauá, assim como o Farol, é toda em estrutura metálica, entretanto, uma combinação de diferentes estruturas.

A base do piso do palco é formada por andaimes metálicos, enquanto os pilares de sustentação e vigas são todas no sistema Box Truss Q - 30 e Q- 50.



Estrutura Palco Sanhauá.
Fonte: Autor (2024).

Pórtico



Painel Pórtico.
Fonte: Autor (2024).

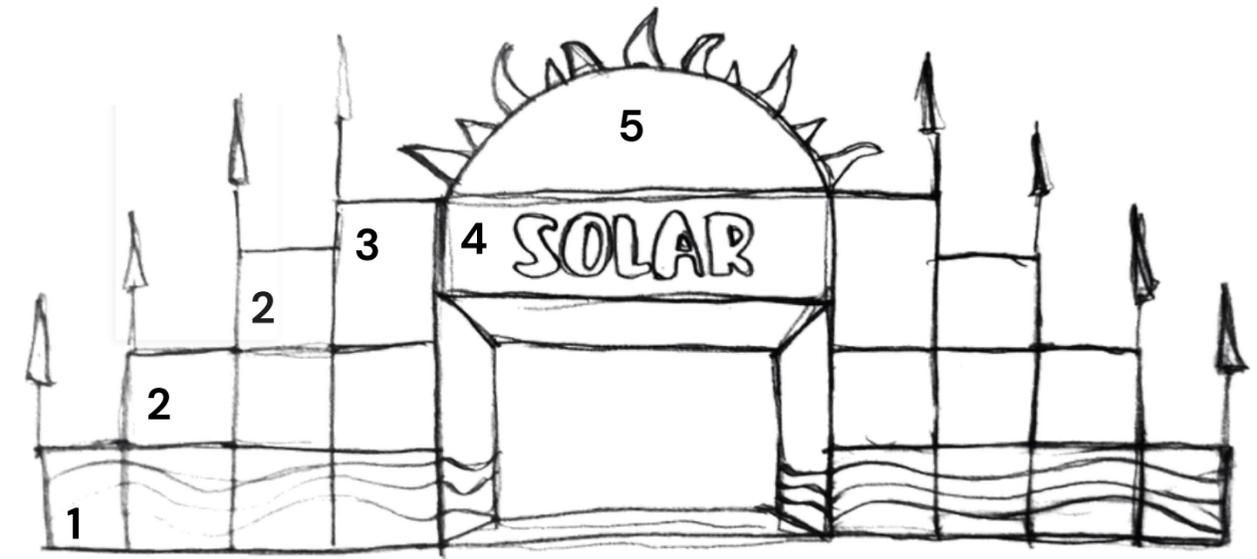
Pórtico

A intenção aqui é se apropriar dos elementos visuais presentes na logo do festival e a partir dos módulos, criar um elemento que remeta quase que um 3D da logo.

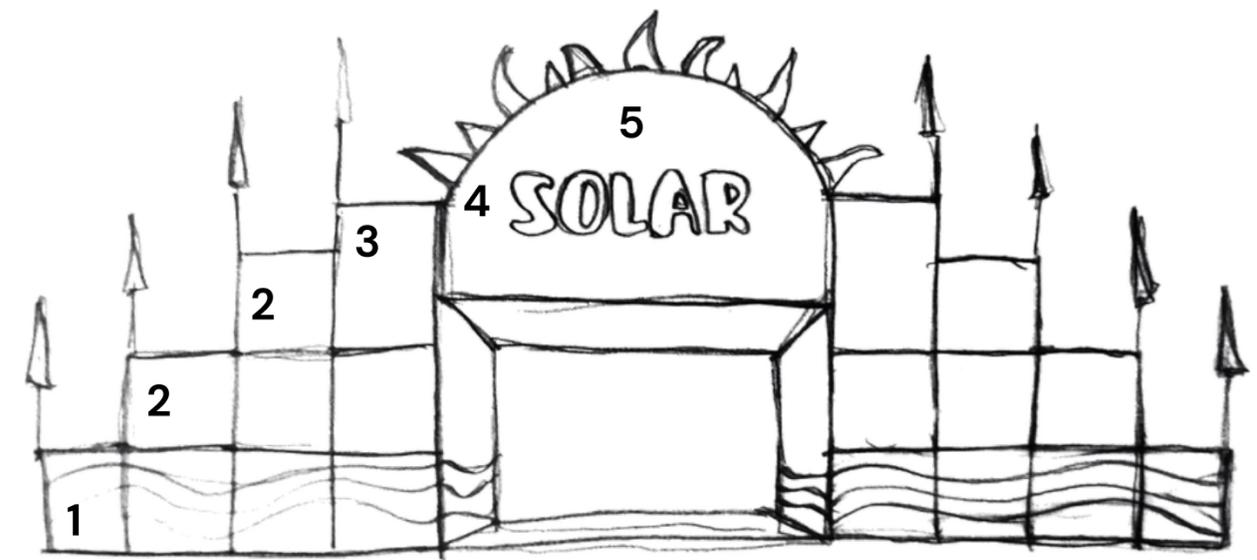
Os principais materiais utilizados serão a lona com a impressão dos elementos gráficos, os andaimes e os box truss para a estrutura, além de bandeiras na paleta de cores do evento.



4 SOLAR



Croquis Pórtico.
Fonte: Autor (2024).

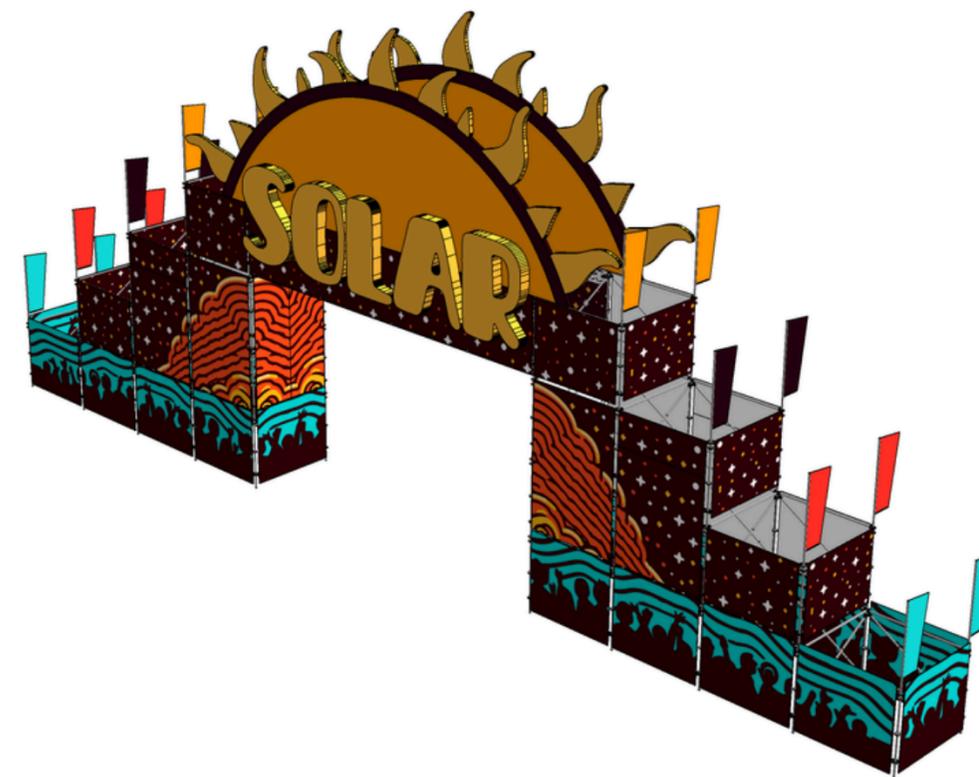


Pórtico



*"Somos a porta do Sol
Deste país tropical"
- Renata Arruda*

Pórtico.
Fonte: Autor (2024).



Ficha Técnica:

Comprimento: 30,00 m

Largura: 2,70 m

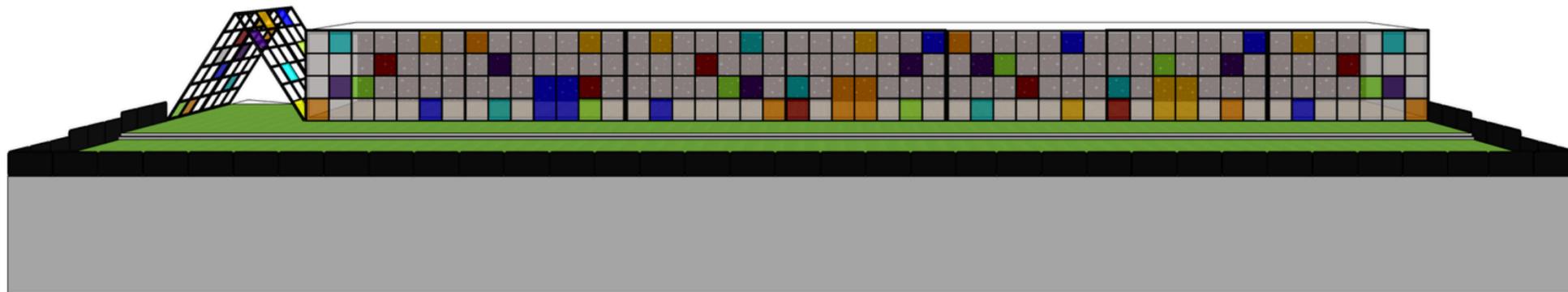
Altura: 13,50 m

Entrada: 9,90 m

Área VIP

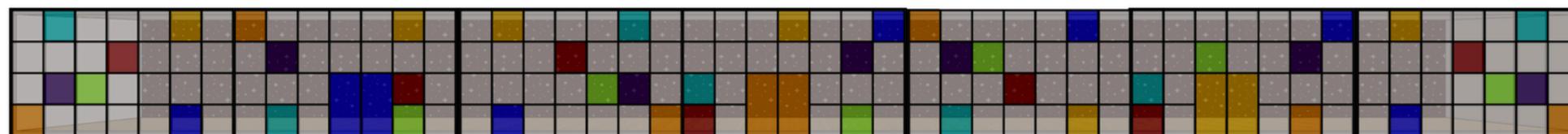
Área VIP.

Fonte: Autor (2024).



Área VIP.

Fonte: Autor (2024).



A área VIP do evento foi pensado em um espaço dividido em 2 ambientes, uma área fechada, onde serão oferecidos bebidas e o buffet, além de contar com sofás, mesas e ar condicionado, e uma área de lounge externa para assistir aos shows de ambos os palcos.

A ideia para esse ambiente foi pensar que a música é algo que está em movimento e vibrante. Desta forma, a referência para compor a fachada foi formas baseadas no jogo Tetris.

O fechamento desse espaço interno e a entrada consiste em peças de serralharia pintadas de preto e fechadas em vidro incolor e colorido.

Área VIP

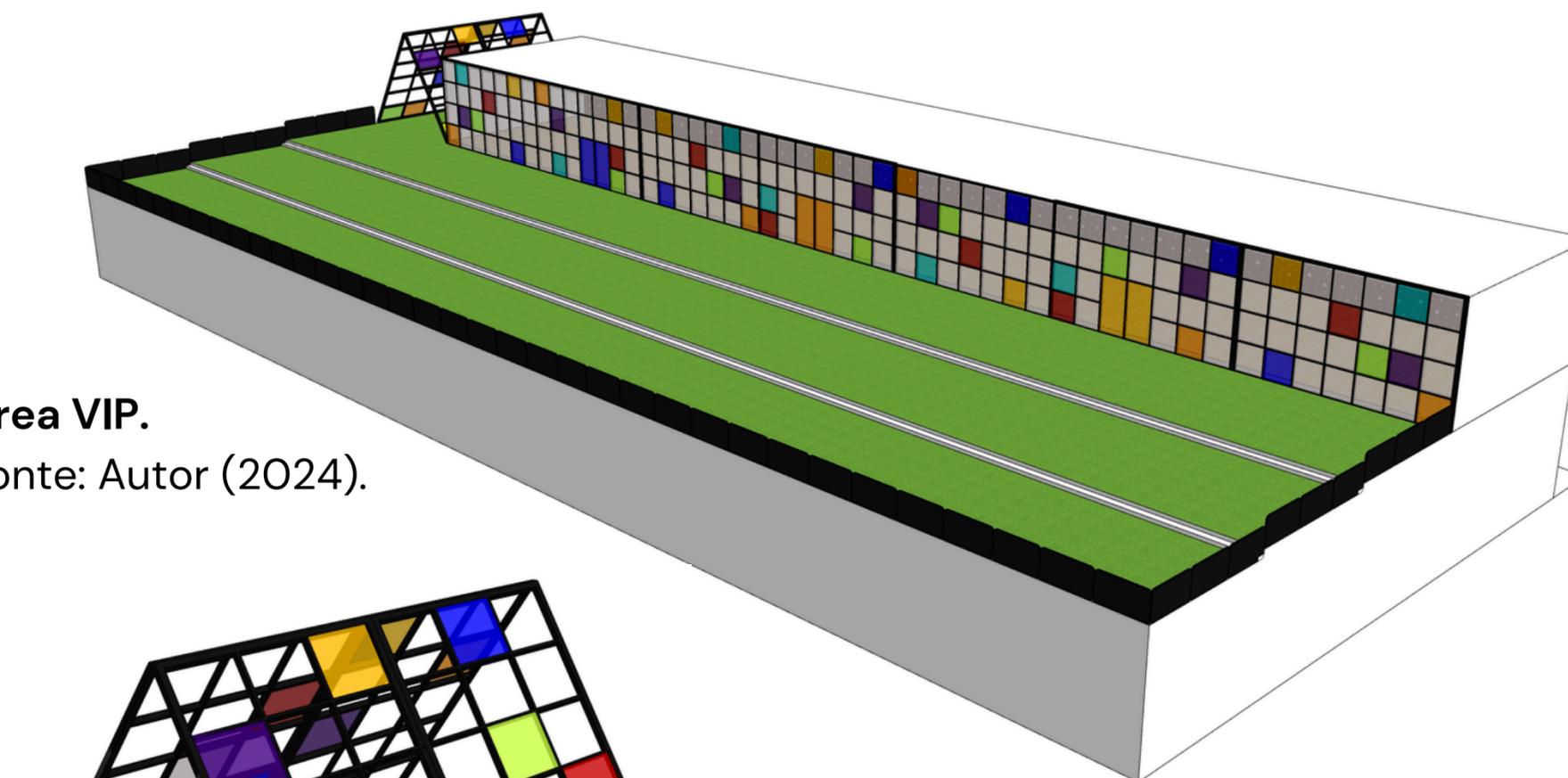
Ficha Técnica:

Comprimento: 62,00 m

Largura: 10,20 m

Altura: 5,00 m

Lounge: 69,60 x 18,10 m



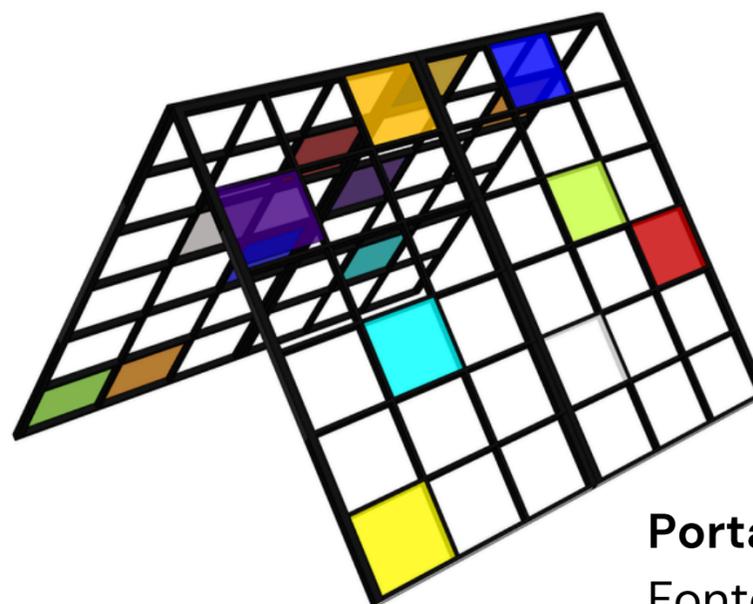
Área VIP.
Fonte: Autor (2024).

Ficha Técnica Portal:

Comprimento: 10,00 m

Largura: 7,60 m

Altura: 6,00 m



Portal VIP.
Fonte: Autor (2024).

Estantes Alimentação

Estantes alimentação módulo.

Fonte: Autor (2024).



Estantes alimentação.

Fonte: Autor (2024).



Os estandes de alimentação consistem em uma forma retangular simples, com três balcões de atendimento em cada, no qual, as cores adotadas para o projeto são referencias a paleta de cores do festival.

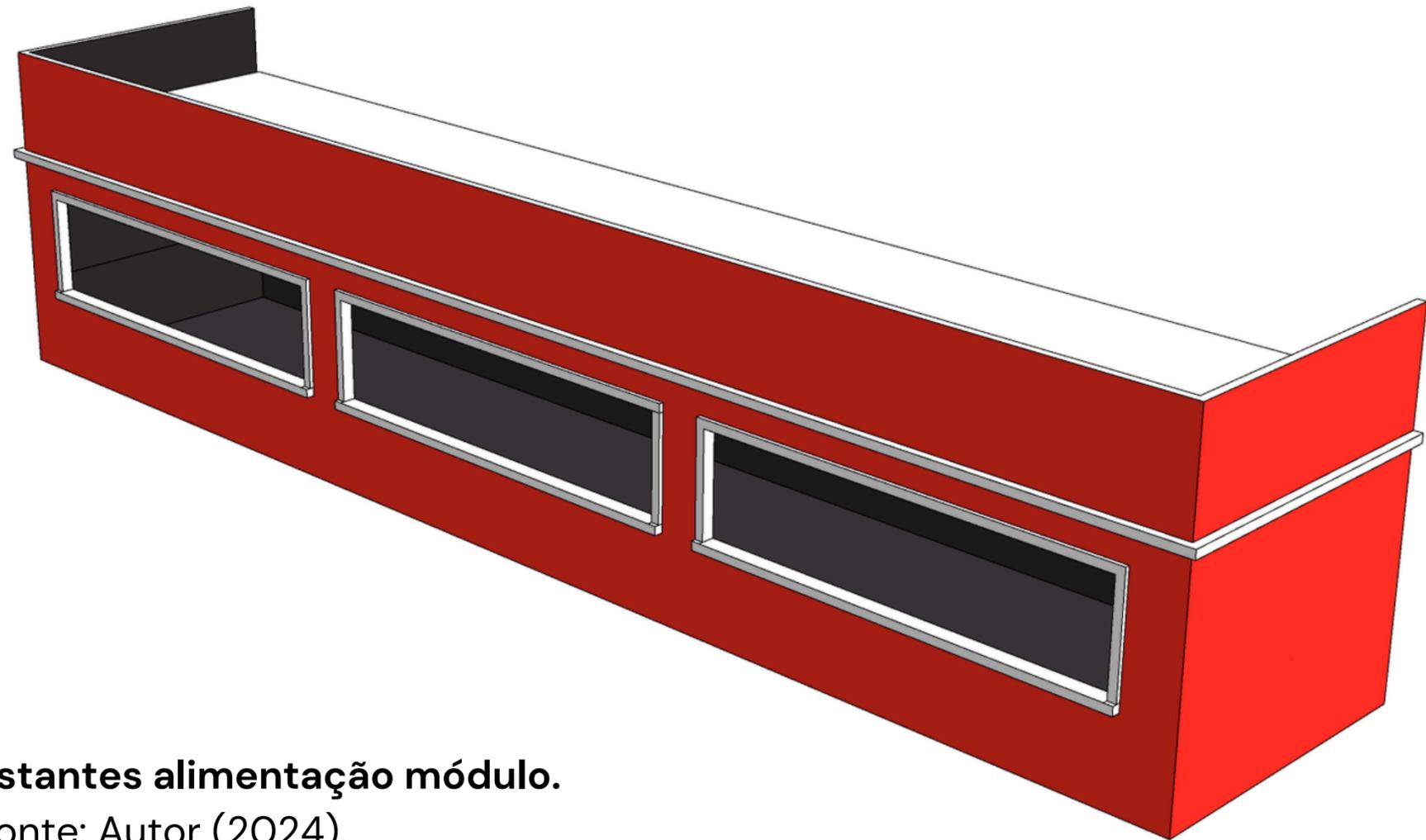
Estantes Alimentação

Ficha Técnica:

Comprimento: 17,20 m

Largura: 4,20 m

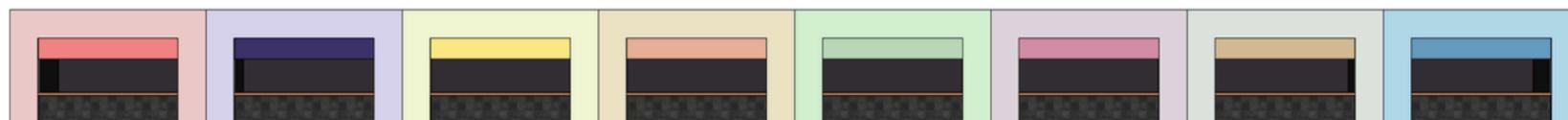
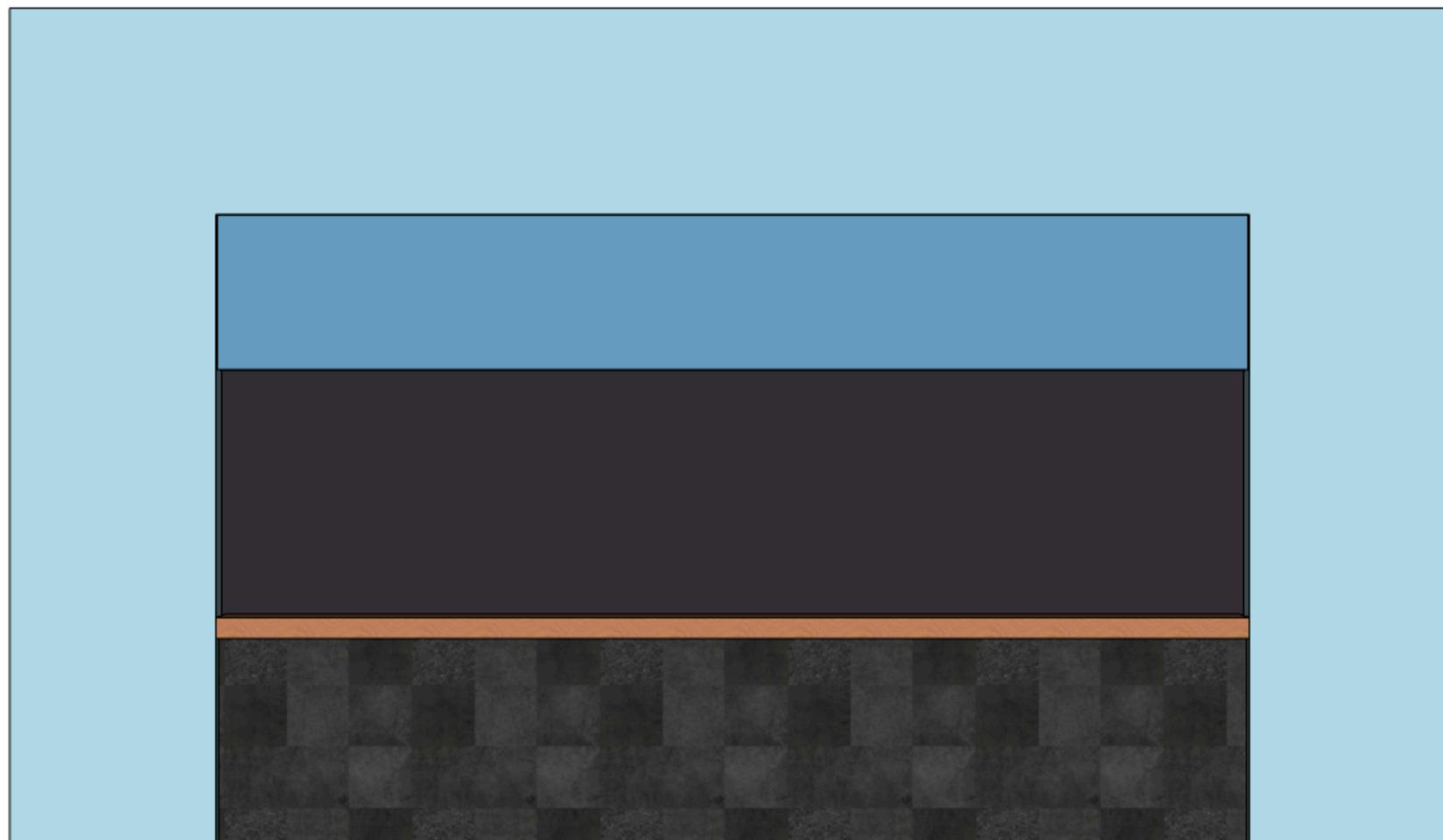
Altura: 4,00 m



Estantes alimentação módulo.

Fonte: Autor (2024).

Estantes Bares



Os estandes de bares consistem em uma forma retangular simples, com balcão de atendimento, no qual, as cores adotadas para o projeto fazem referência aos casarões da vila Sanhauá, localizada no centro histórico de João Pessoa.

Estantes alimentação módulo.

Fonte: Autor (2024).

Estantes alimentação.

Fonte: Autor (2024).

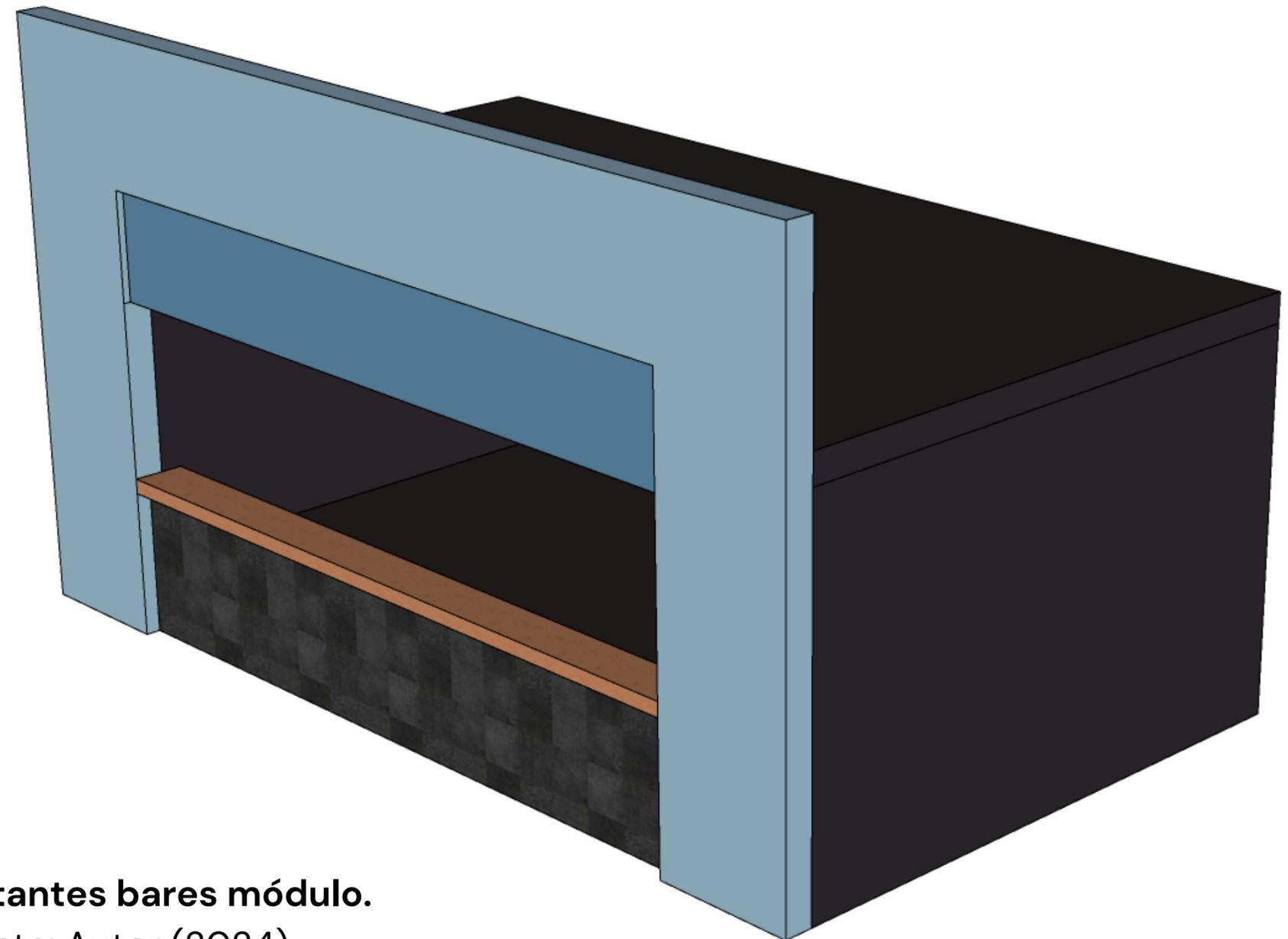
Estantes Bares

Ficha Técnica:

Comprimento: 7,00 m

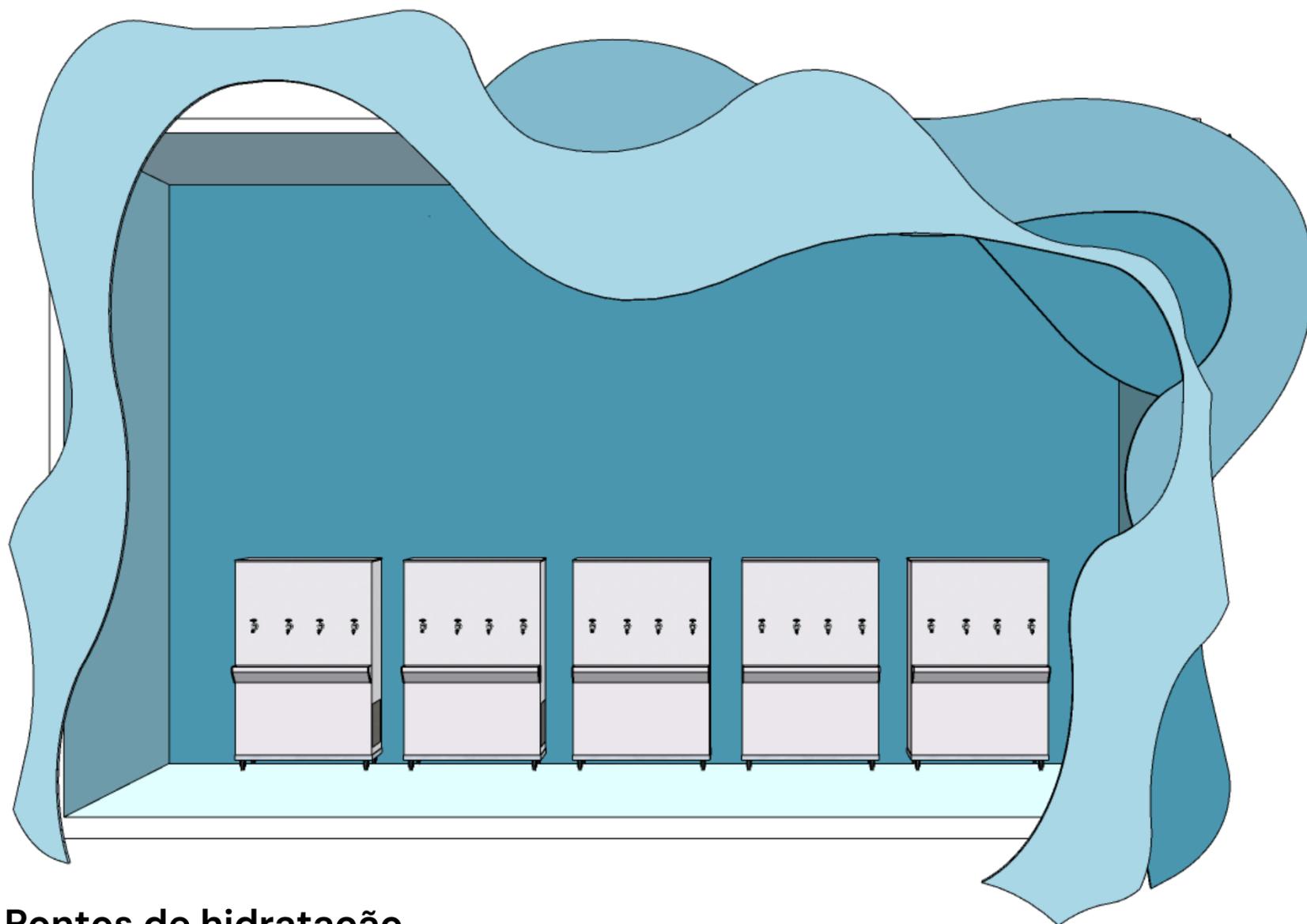
Largura: 4,20 m

Altura: 4,00 m



Estantes bares módulo.
Fonte: Autor (2024).

Pontos de Hidratação

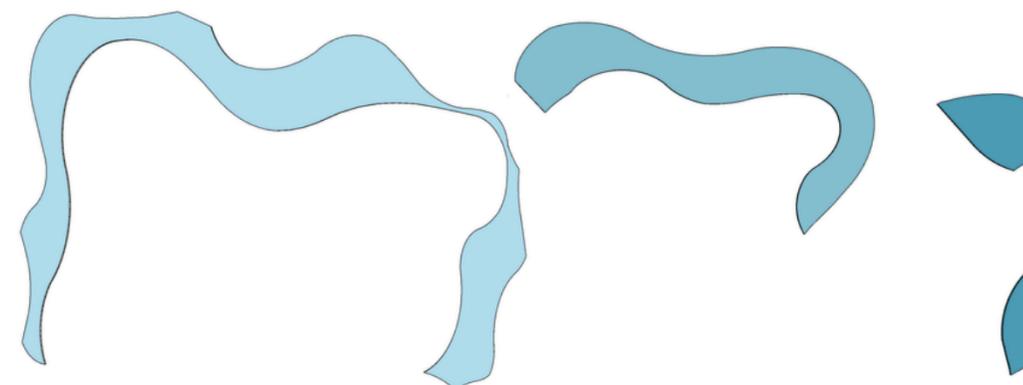


Pontos de hidratação.

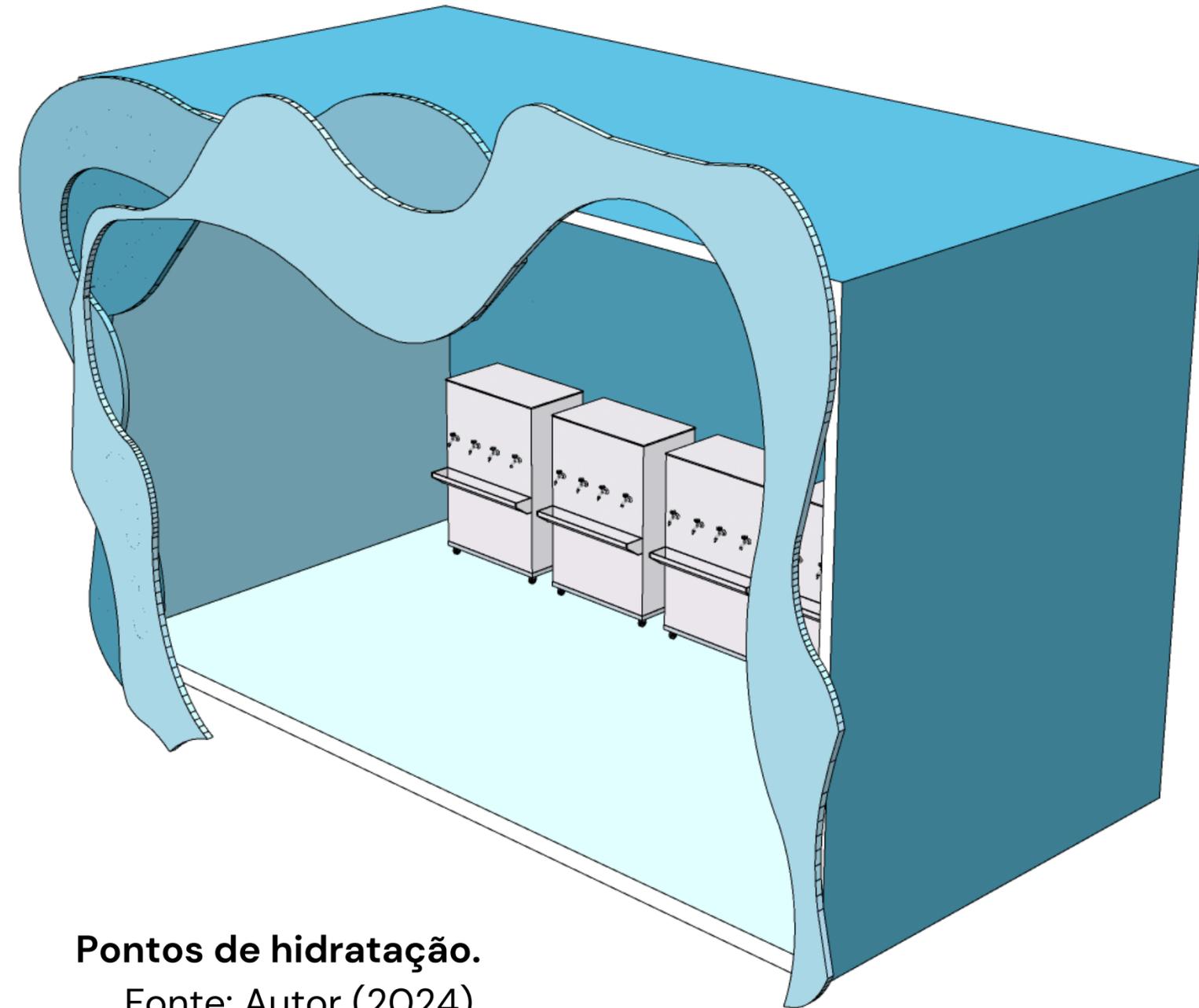
Fonte: Autor (2024).

Os pontos de hidratação foram pensados para fazerem referência ao movimento da água, assim como o palco farol. Isso foi pensado para facilitar mesmo a distância o reconhecimento deste equipamento no evento.

Sua cenografia também é feita em peças de compensado naval cortadas e pintadas, no tamanho e cor especificadas.



Pontos de Hidratação



Ficha Técnica:

Comprimento: 8,00 m

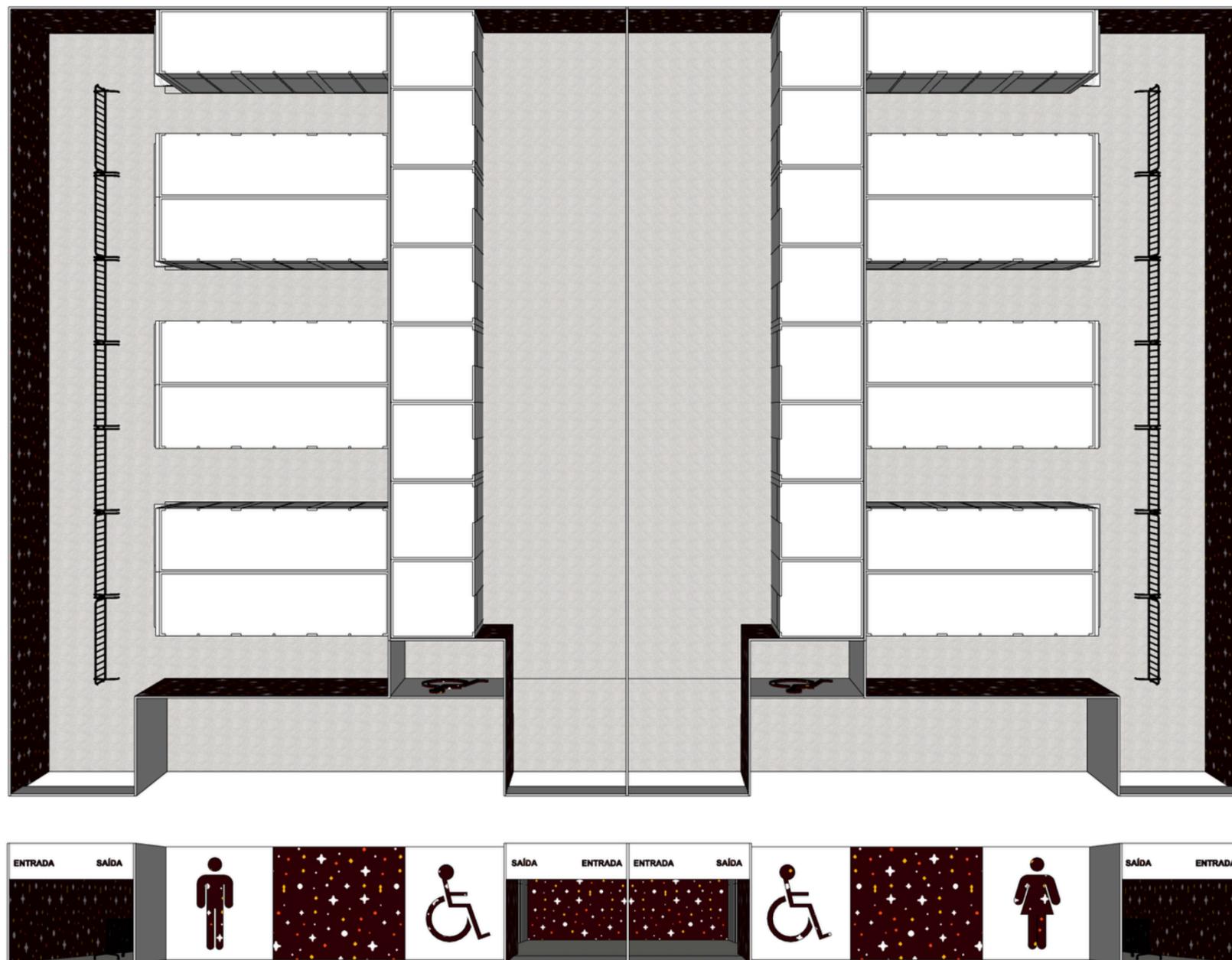
Largura: 4,00 m

Altura: 5,00 m

Pontos de hidratação.

Fonte: Autor (2024).

Banheiros



Para os banheiros foi adotado o sistema de “banheiros container de 6 e 12 cabines”, pensando no conforto e privacidade dos usuários.

Os blocos de banheiros são formados por 100 sanitários, sendo:

- 42 masculinos;
- 42 femininos ;
- 8 PcDs masculinos;
- 8 PcDs femininos.

O fechamento lateral dos banheiros será feito com tapumes de madeira envelopados em branco e com o padrão de céu presente na logo do evento.

Bloco de banheiros.
Fonte: Autor (2024).

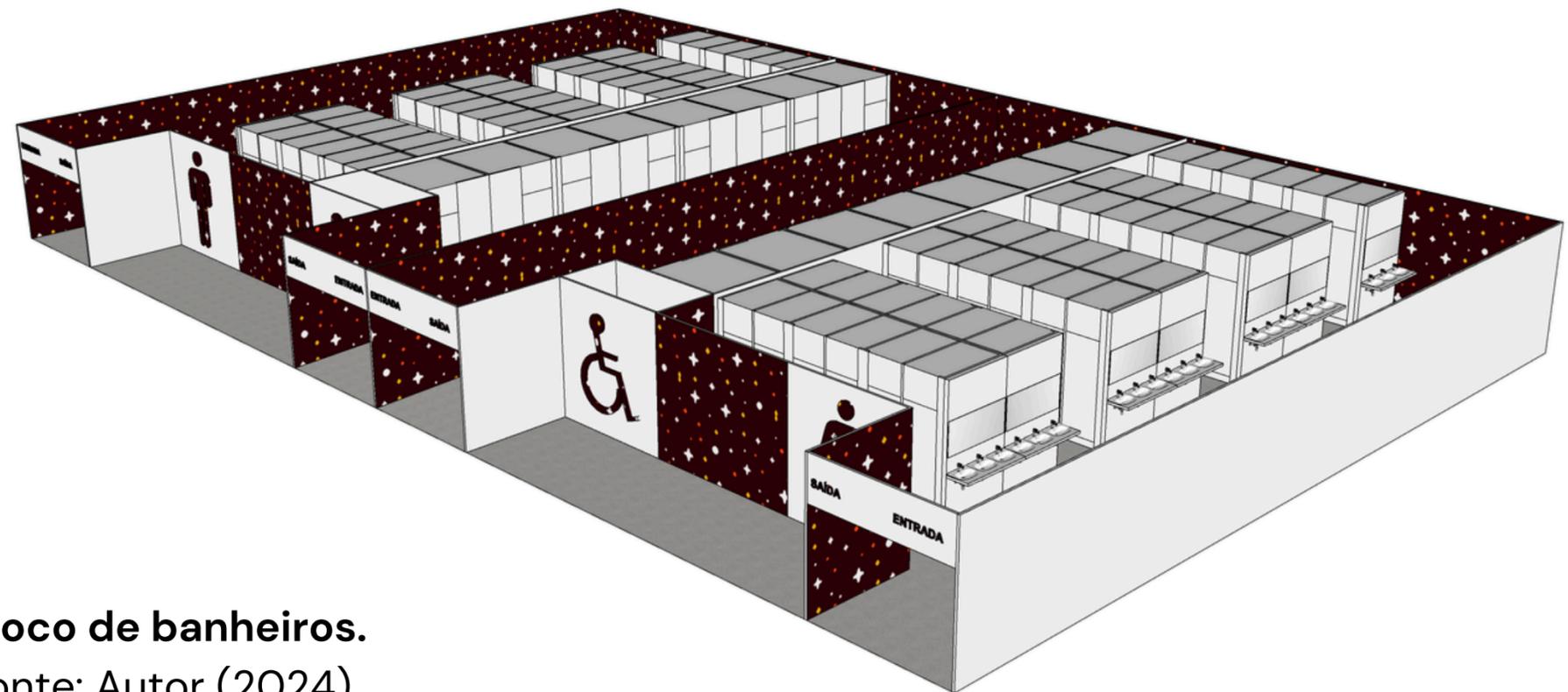
Banheiros

Ficha Técnica:

Comprimento: 31,00 m

Largura: 19,75 m

Altura: 3,00 m



Bloco de banheiros.
Fonte: Autor (2024).

SEJAMBEMVINDOSAO

SOLAR

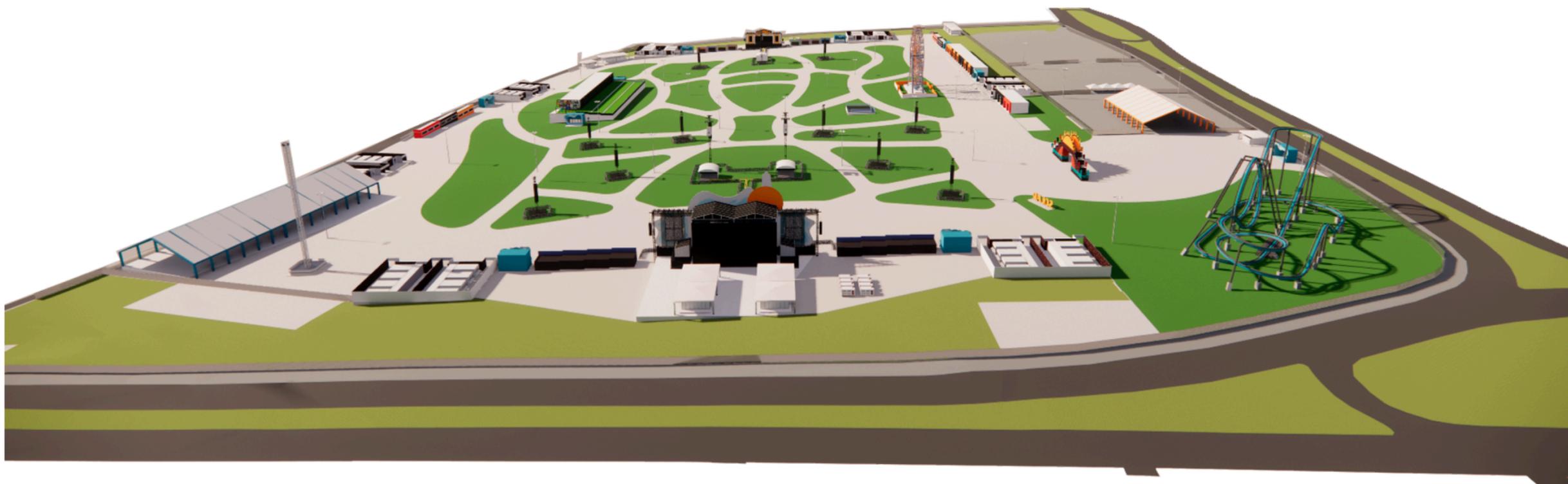


Planta Baixa.
Fonte: Autor (2024).

Vista 01.
Fonte: Autor
(2024).



**Perspectiva
01.**
Fonte: Autor
(2024).





Perspectiva 02.
Fonte: Autor (2024).



Perspectiva 03.
Fonte: Autor (2024).



Pórtico.
Fonte: Autor (2024).



Vista 02.
Fonte: Autor (2024).



Vista 03.
Fonte: Autor (2024).



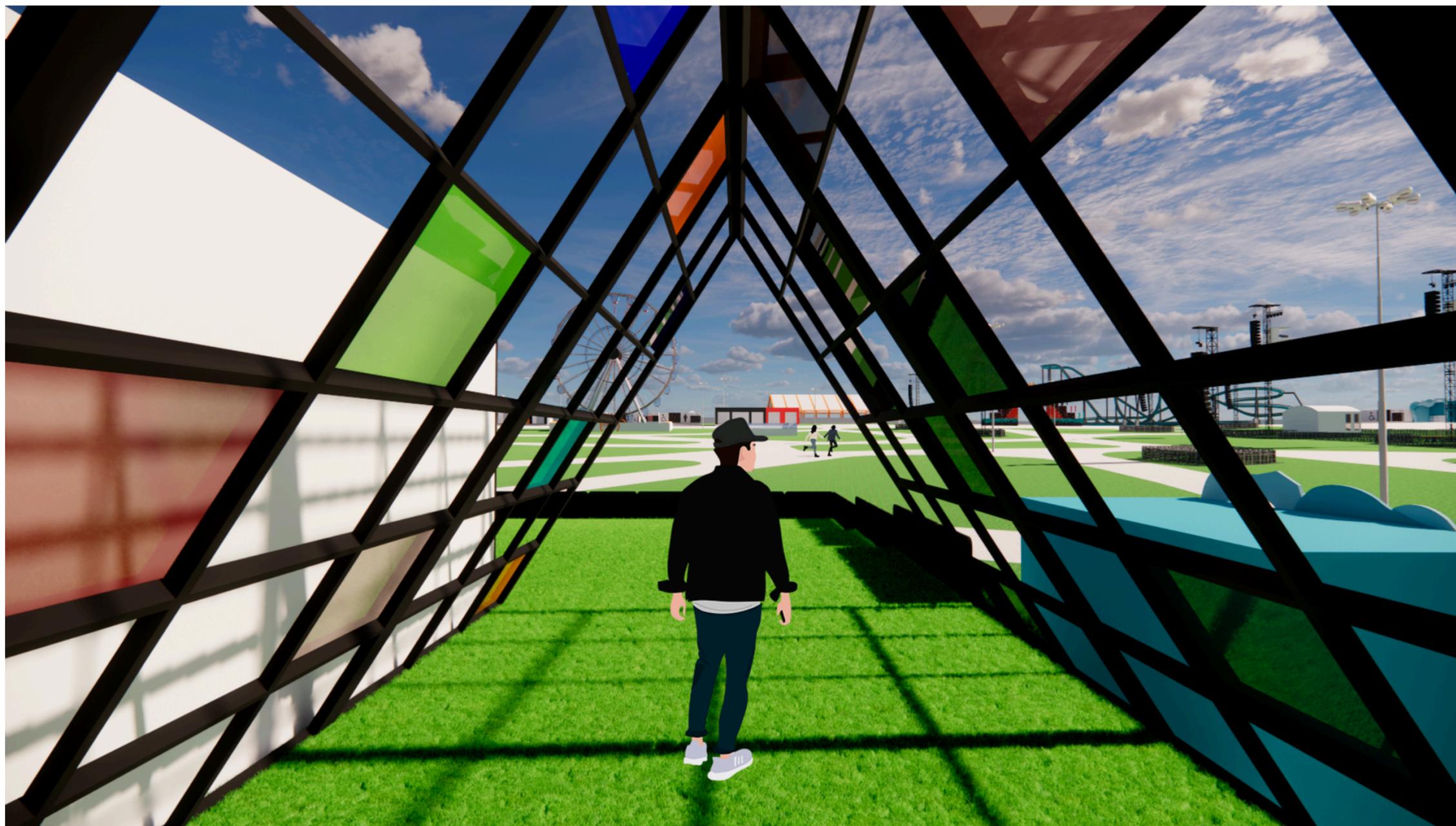
Vista 04.
Fonte: Autor (2024).



Palco Sanhauá.
Fonte: Autor (2024).



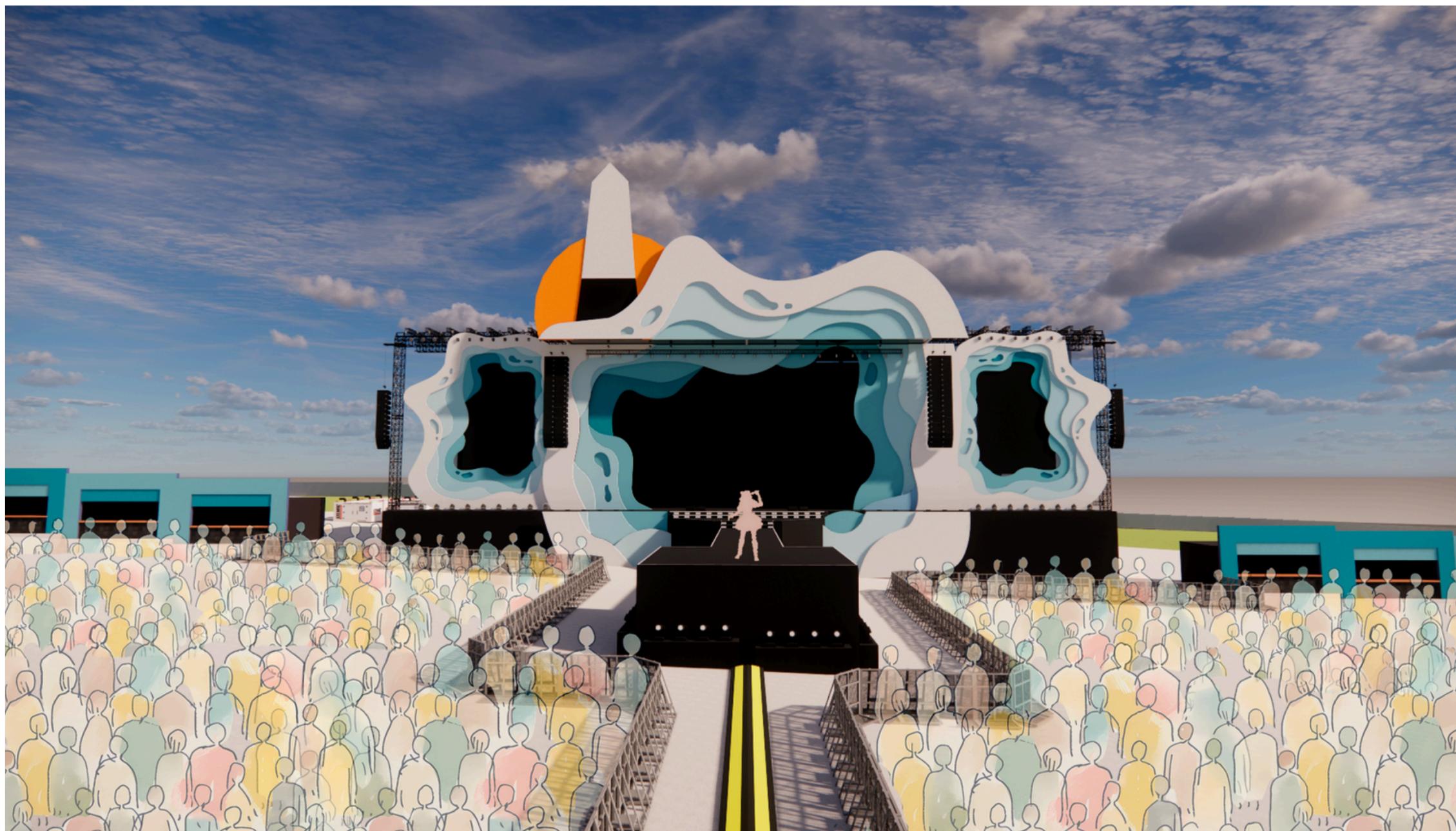
Área VIP.
Fonte: Autor (2024).



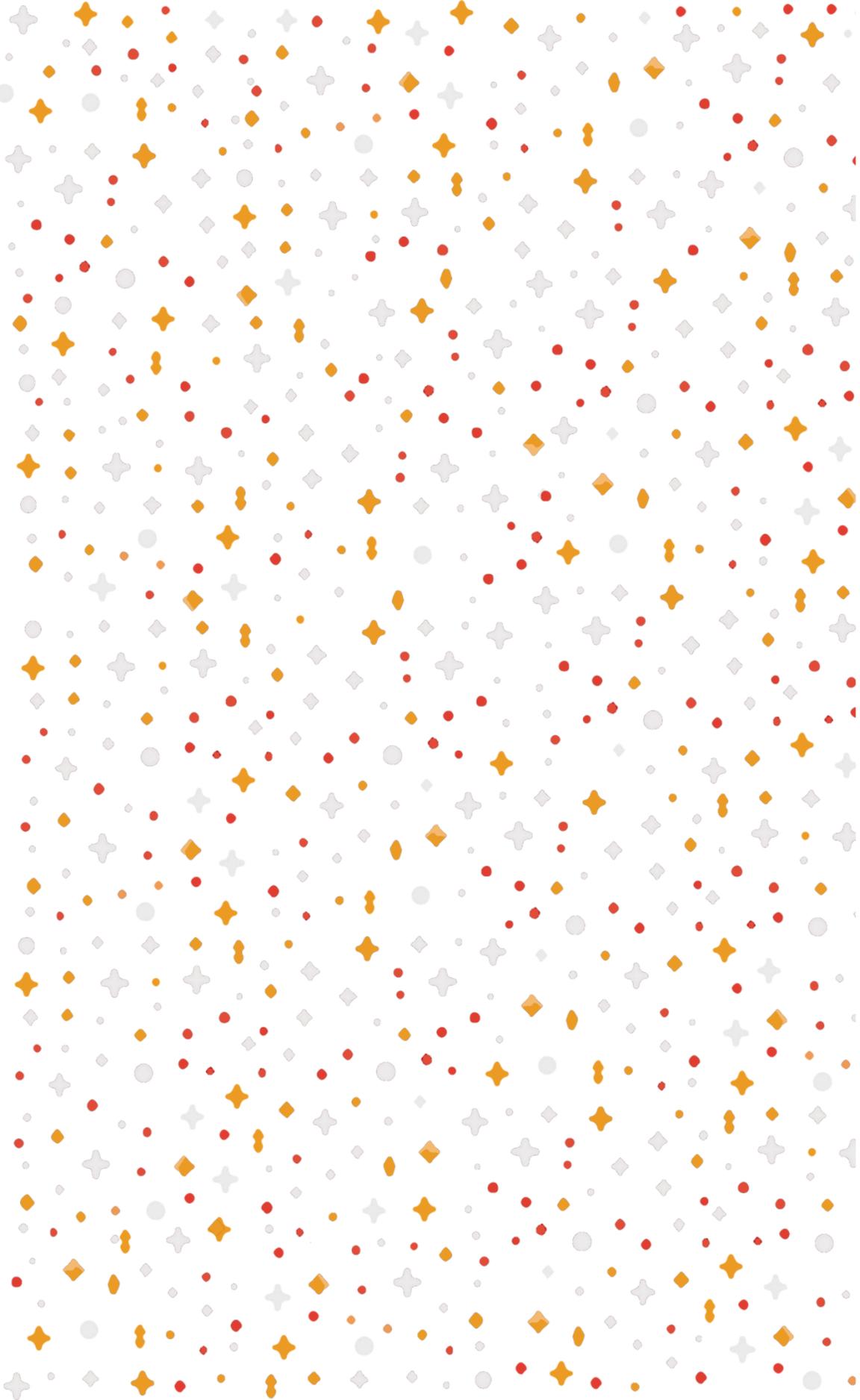
Portal Área VIP.
Fonte: Autor (2024).



Lounge área VIP.
Fonte: Autor (2024).



Palco Farol.
Fonte: Autor (2024).



Considerações Finais

Com este trabalho, fica evidente que produção de shows e eventos musicais também pode ser um campo de atuação para arquitetos e urbanistas, que apesar de já existirem grandes profissionais renomados atuando na área, ainda é uma área pouco explorada pelos arquitetos.

O processo de projeto de um festival de música, bem como os espaços que o compõem, podem seguir a mesma linha de raciocínio de um projeto de arquitetura ou urbanismo, visto que, a partir de uma demanda, um briefing. O profissional responsável deverá pensar na sua implantação, nos impactos que isso causará no entorno, pensar nas entradas, saídas de segurança, além de elaborar todo o processo criativo, desenvolver as formas, projetar, detalhar e especificar.

Além disso, também deverá acompanhar as montagens, para assegurar de que tudo seja montado conforme o projeto. Entretanto, o diferencial está no seu caráter efêmero, que implicará em soluções diferentes das quais são utilizadas na arquitetura convencional, possibilitando ao arquiteto o poder de testar novos materiais, logo, é possível dizer que esse tipo de projeto pode sim ser um lugar de experimentação de arquitetura.

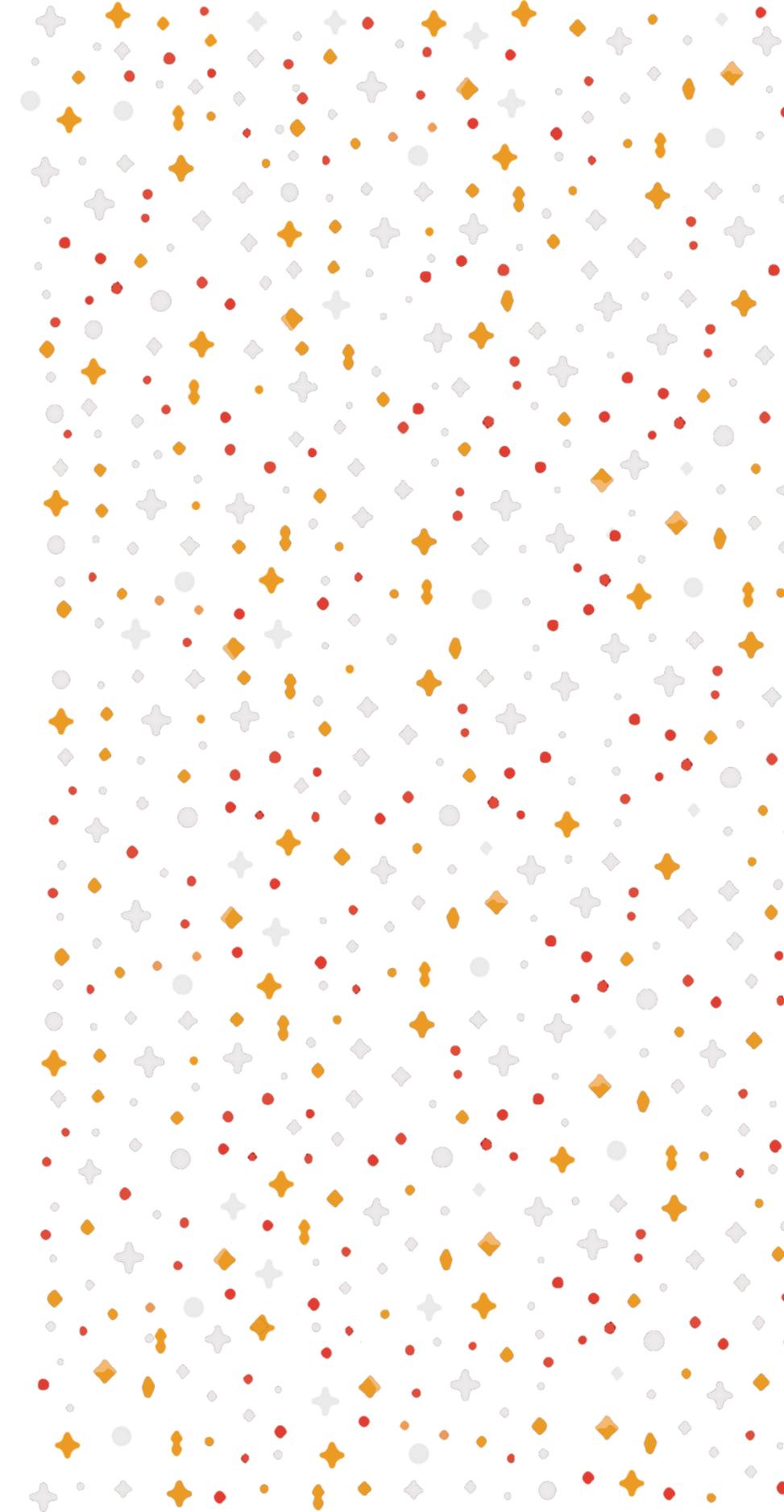
Considerações Finais

A partir deste entendimento, notou-se que ao definir bem o conceito do evento, o processo de projeto flui mais rápido. O conceito é o centro do projeto, tudo vai girar ao seu redor.

A narrativa sobre o conceito do festival ser sobre a cidade de João Pessoa, considerando suas relações com sua história, o sol o rio e o mar, conduziu para a idealização do nome do evento, que conseqüentemente serviu para a criação da logomarca. Da logo, foi extraída a paleta de cores e o padrão utilizado na estética de alguns elementos.

As principais ferramentas no processo projetual se deram a partir de painéis semânticos com referências, a utilização de croquis, o que facilitou bastante o processo de modelagem, pois já se sabia previamente o que seria modelado, entretanto, nesse momento ainda houve alguns testes para só então chegar ao produto final. Desta forma, todo o processo foi algo experimental para mim, visto que foi a primeira vez que trabalhei com essa tipologia de projeto.

E por fim, vale ressaltar a contribuição desse trabalho para futuras pesquisas nessa temática, diante de ainda ser um tema pouco explorado dentro dos cursos de Arquitetura e Urbanismo.



REFERÊNCIAS

ARAUJO, Letícia Mamedes Rosa. **Arquitetura: Festival de Evento Eletrônico**. 2020. 72f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Artes e Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2020.

ARQUICAST 213: Arquitetura de Eventos. Entrevistados: João Uchôa e Thalita Lucas. Entrevistadores: Adilson Amaral, Raphael Rodrigues e Maressa Fonseca. Arqicast: 09 out. 2023. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6M4RT0NS88rzfcfrXnQqKh?si=iB-ZXzEpRDq6ReD2TK1T1g>. Acesso em: 05 jan. 2014.

COHEN, Dominique Raquel. **Cenografia Além do Teatro**. 2007. 120 f. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DA PARAÍBA. **Norma Técnica N° 01/2023 Parte II. Procedimento Administrativo de Regularização de Eventos Temporários**. Paraíba, 2023.

DIAS, José. **A importância da cenografia**. In: Revista do Teatro – Crítica e Estética; O Percevejo 7, Teatro e Artes Plásticas – UNIRIO, 1999.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo – Comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu. 6ª reimpr. da 1ª ed. São Paulo, Contraponto Editora Ltda., 2005

DEL NERO, Cyro. **Máquina para os deuses: anotações de um cenógrafo e o discurso da cenografia**. São Paulo: Editora SENAC: Edições SESC SP, 2009.

DUARTE, Rui Barreiros – **Imaginários de futuros efêmeros**. Artitextos. Lisboa : CEFA ; CIAUD. ISBN 978-972-9346-03. N.º 5 (Dez. 2007), p.23-35

FARINHA, A. C. H. **Festivais de Música. A Grande Cena!**. 2012. 200f. Dissertação (Mestrado em Humanidades) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2012.

GRAÇA, Ana Rita Camilo. **O contributo do arquiteto na criação de festivais de música. A cidade, o porto e a arte: residência artística em Sines**. 2016. 370 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2016.

LONGO, G. **A representação da cidade de São Paulo no Festival Lollapalooza 2018 por meio das ativações dos patrocinadores.** 2019. 92f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades da universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

MARTINS, Alexandra Daniela Monteiro. **Arquitetura Efêmera no contexto dos Festivais de Musica em Portugal.** 2021. 105 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Escola Superior Artística do Porto, Porto, 2021.

Oliveira, Lize Antunes de. **Dos alto-falantes para a perpetuação da memória: o Rock in Rio e a nova experiência do entretenimento.** 2017. 164 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

OVERSTREET, Kaley. **O impacto dos festivais de música: trazendo mais do que som e multidões às cidades** [Long Term Impacts of Music Festivals: Bringing More than Sounds and Crowds to a City] 01 Set 2022. ArchDaily Brasil. (Trad. Simões, Diogo). Disponível em:<<https://www.archdaily.com.br/br/987923/o-impacto-dos-festivais-de-musica-trazendo-mais-do-que-som-e-multidoes-as-cidades>>. Acessado em: 17 Out 2023.

PIGNATARI, Décio. **Signagem da Televisão.** 3ª ed. São Paulo, Editora Brasiliense,1984.

ROLIM FILHO, E. L. **O Artefato Cenográfico na Invenção do Cotidiano Espetacularizado.** 2013. 211f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SANTOS, Fernanda de Cássia Rodrigues. **Preparando o Espetáculo: Projetando Experiências com Festival de Rock Nacional | Brasília.** 2023. 110f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2023.

SILVA, Maria Fernanda Vasques. **O processo criativo da cenografia como um outro modo de se fazer Arquitetura.** 2021. 77f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2021.

